



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Câmpus de São José do Rio Preto

Karoline Barbosa Toledo

**Os conflitos identitários da mulher negra retratados na literatura migrante
de Marie-Célie Agnant**

São José do Rio Preto
2023

Karoline Barbosa Toledo

**Os conflitos identitários da mulher negra retratados na literatura migrante
de Marie-Célie Agnant**

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, linha de pesquisa História, Cultura e Literatura, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES

Orientador: Prof. Dr. Nelson Luis Ramos

São José do Rio Preto
2023

T649c Toledo, Karoline Barbosa
Os conflitos identitários da mulher negra retratados na literatura migrante de Marie-Célie Agnant / Karoline Barbosa Toledo. -- São José do Rio Preto, 2023
131 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto
Orientador: Nelson Luis Ramos

1. Identidade. 2. Migrante. 3. Literatura migrante. 4. Mulher negra.
I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Karoline Barbosa Toledo

**Os conflitos identitários da mulher negra retratados na literatura migrante
de Marie-Célie Agnant**

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, linha de pesquisa História, Cultura e Literatura, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Nelson Luis Ramos
UNESP - Câmpus de São José do Rio Preto
Orientador

Prof^ª. Dr^ª. Andressa Cristina de Oliveira
UNESP - Câmpus de Araraquara

Prof^ª. Dr^ª. Norma Wimmer
UNESP - Câmpus de São José do Rio Preto

São José do Rio Preto
05 de Setembro de 2023

À minha mãe, mulher negra e migrante.
Que a minha liberdade seja sua emancipação.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Maria e Wilson, por acreditarem em minhas ideias insanas e me apoiarem em meio ao caos. Sem vocês, eu jamais conseguiria.

À minha mãe, Maria do Carmo, pela fé que me ensinou e a que depositou em mim. Por me mostrar que preciso acreditar antes de conseguir.

À Deus, por nossa parceria, por me ouvir, pela resiliência e teimosia com as quais me agraciou.

Ao Ibilce, por me ensinar que a universidade é muito mais do que uma instituição de ensino.

Ao meu orientador Prof. Dr. Nelson Luis Ramos, pela compreensão e liberdade de criar à minha própria maneira.

À Prof^a. Dr^a. Claudia Zavaglia (UNESP/IBILCE), por me acolher, mesmo quando não era sua obrigação, e abrir meus olhos para o verdadeiro sentido da educação.

Aos meus professores, todos os que passaram pela minha vida até esse momento, por me ensinarem a pensar e usar a minha voz. Vocês estão presentes em todas as palavras as quais escrevo e escreverei.

À Seita (vocês sabem quem são), por me apresentarem algo que eu acreditava impossível: um amor que ultrapassa barreiras físicas e temporais.

À Marie-Célie Agnant, pela coragem de ser vulnerável e a determinação em se fazer ser ouvida em um mundo de violências.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, à qual agradeço pelo suporte financeiro.

“[...] Os anos que passam sem se interessar pela
minha opinião me ensinam a colocar um pouco
d’água no meu vinho e a saborear a vida como ela
vier”

Marie-Célie Agnant (1995, p. 76, tradução nossa)

RESUMO

O constante fluxo migratório que instalou-se na contemporaneidade coloca em evidência não apenas questões sociais e econômicas como também questões identitárias. A partir desse contexto adverso, surge, no Quebec, ao final do século XX, um novo conceito literário dedicado ao registro da vivência migrante, denunciando a problemática de uma experiência de vida condicionada a um constante “entre-lugar”: a literatura migrante. Visto que grupos específicos desvalorizados socialmente são as categorias mais fragilizadas em contextos de adversidade, a literatura migrante tornou-se uma ferramenta essencial no registro histórico da luta pela (re)descoberta de si. Retratando a vivência de indivíduos que precisam enfrentar o sentimento de não pertencimento e, ao mesmo tempo, adaptar-se a novos costumes e a uma nova cultura, a escrita de mulheres imigrantes transformou-se em instrumento de resistência perante uma sociedade que nem sempre as acolhe. Tomando como base teórica as noções de identidade pessoal, identidade nacional e atribuição de identidade de Hall (2000), Silva (2000) e Wardwood (2000), lançando mão da obra *La dot de Sara* (1995), de Marie-Célie Agnant, nos dedicaremos a compreender as nuances identitárias de mulheres negras e imigrantes, procurando investigar quais os mecanismos e estratégias adotados por elas nessa constante negociação em busca de si mesmas ao longo do processo de imigração.

Palavras-chave: Identidade. Imigrante. Literatura migrante. Mulher negra.

ABSTRACT

The constant migration flux that took place in modernity highlights not only social and economic matters, but also identity ones. It is in this scenario, taking place in Quebec at the end of the 20th century that a new literary concept emerges, dedicated to registering the struggles of migrants living in exile and denouncing the strive of existing restricted to a constant “in-between”: the migrant literature. Knowing that groups in social disadvantages are the most affected in adversity contexts, migrant literature became an essential tool regarding the historical registration of immigrant’s identity conflicts. Reporting the living of those who fight the non-belonging feeling and, at the same time, try to fit inside a new culture, women’s writing turned into a crucial instrument of resistance, fighting back to a society that does not always embrace them. Using HALL’s (2000), SILVA’s (2000) and WARDWOOD’s (2000) concepts regarding personal, national identity and identity development, this project will analyze Marie-Célie Agnant’s black migrant women characters in *La dot de Sara* (1995), investigating the transitions and the changes in the constant negotiation on the search for one’s self in exile.

Key words: Identity. Immigrant. Migrant literature. Black Woman.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	10
2.	IDENTIDADE: O QUE É?	
2.1	Construção e influências	17
2.1.1	Conflitos identitários: negociações, transições e fatores de risco	26
2.2	A literatura e o resgate identitário	
2.2.1	A escrita migrante em função da manutenção identitária	33
2.2.2	A mulher negra em exílio	38
3.	MARIE-CÉLIE AGNANT: DO HAITI AO CANADÁ	45
4.	LA DOT DE SARA (1995)	49
5.	MARIANNA E AÏDA	
5.1	A busca pela ancestralidade	54
5.2	Hibridização linguística	63
6.	OS ECOS DE LÀ-BAS: O RETRATO DO CHOQUE CULTURAL	
6.1	Do café à prisão	69
6.2	O desespero das árvores	75
7.	MARIANNA E GISELLE/ MARIANNA E SARA	
7.1	Giselle e a negação do passado	85
7.2	Sara e a sede de memórias	94
8.	REENCONTRAR-SE ALÉM DE SI: A COMUNIDADE EM FUNÇÃO DA MANUTENÇÃO IDENTITÁRIA	
8.1	Chimène	100
8.2	Reconhecer-se em outros corpos	105
9.	RETORNO AO LAR: IMIGRANTE EM SUA PRÓPRIA TERRA	
9.1	O deslocamento de <i>Là-bas</i>	109
10.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	118
	REFERÊNCIAS	119
	NOTAS	123

1. INTRODUÇÃO

De acordo com o Panorama da Migração Regional 2021 - América Latina e Caribe, publicado em Março do mesmo ano pelo *International Center for Migration Policy and Development*, no que diz respeito à imigração em 2021, pelo menos cinco pontos seriam de grande relevância para uma análise do panorama do fluxo migratório mundial. Dentre esses itens, para além dos fatores impulsionados pela pandemia da COVID-19, encontramos tópicos que denunciam o aumento da xenofobia e a preocupação com o crescimento do discurso anti-imigrante, ambos alimentados pela desigualdade social, também evidenciada pela crise econômica pós-pandêmica.

A publicação aponta a crise econômica e o aumento da desigualdade social como ferramentas protagonistas no que diz respeito à propagação de discursos xenofóbicos e a associação do imaginário popular de imigrantes à criminalidade. De acordo com o artigo, é de comum acordo entre a maior parte da população dos países da América Latina que a imigração traz em maior peso aspectos sociais negativos, como a diminuição dos salários, a precarização dos trabalhos e o aumento da criminalidade. Tal entendimento não apenas propaga o discurso anti-imigração e impulsiona os números de casos de racismo e discriminação como também se apresenta de forma extremamente relevante ao analisarmos a crise identitária migrante crescente que se instalou, de forma prolongada, na América Latina na contemporaneidade.

A problemática identitária, propagada, entre outros motivos, pelo aumento da desigualdade social, tem se tornado cada vez mais relevante devido ao *boom* da globalização, e, de forma especial, a identidade de grupos desvalorizados recebeu ainda mais destaque. Pouco se discutia, no passado, sobre as questões de construção de identidade, pessoal ou nacional, como tais cenários se formam e quais mecanismos sociais influenciam esse processo. Apesar de ser considerada por muitos como uma possibilidade viável de melhorar as condições de vida, sejam essas motivações impulsionadas por questões pessoais ou socioeconômicas, a imigração não traz apenas novas perspectivas ao imigrante. Sua identidade, pessoal e nacional, sua visão de si e o entendimento de seu próprio local de existência na sociedade, são aspectos colocados em questão todos os instantes a partir do dia em que esse indivíduo deixa sua terra natal e se lança em uma nova sociedade, muitas vezes involuntariamente como, por exemplo, aqueles exilados devido a conflitos territoriais.

Com a ascensão da internet no mundo moderno, a denúncia dos dilemas vividos todos os dias por grupos oprimidos ao longo das décadas lançou uma nova luz sobre uma grande variedade de questões referentes aos desafios sociais impostos a eles e que não podem

mais ser ignoradas. A proximidade forçada pela tecnologia, o desenvolvimento a todo custo, a derrubada de fronteiras culturais, seriam realmente ferramentas capazes de unir nações e nos aproximar como seres igualitários? Estudiosos, como Tomaz Tadeu Silva, na obra *Identidade e Diferença* (2000), apontam que somos confrontados não apenas por nossas semelhanças mas, de maneira ainda mais relevante, por nossas diferenças.

A falta de controle sobre os meios de maior influência social— as grandes mídias, físicas ou *online* —por parte de grupos inferiorizados (ex: mulheres e homens negros, integrantes de comunidades indígenas, pessoas portadoras de deficiências físicas e intelectuais, etc), ou seja, a falta de controle daqueles que poderiam de forma significativa se beneficiar da voz, poder e influência que esses meios promovem, estabelece processos de afastamento, diferenciação e estranhamento. Enfrentando inúmeras dificuldades na tentativa de alcançar as grandes massas e comunicar o testemunho de sua experiência, imigrantes, mulheres, integrantes da comunidade LGBTQIA+, negros, pobres, indígenas, e muitas outros grupos desvalorizados socialmente, sofrem nas mãos da globalização liderada por apenas uma classe de maior poder aquisitivo e influência social.

Panfletada pelas grandes mídias como um efeito louvável, consequência da evolução da tecnologia, a globalização nos aproxima e nos afasta conforme a conveniência dos detentores de capital, indivíduos e empresas que controlam os veículos de comunicação. Física e pessoalmente, tal aproximação nos coloca, como sociedade, em uma posição ainda mais vulnerável, de maneira ainda mais grave quando tratamos de exílio e refugiados de guerra. A vivência do imigrante levanta importante debate acerca dos conflitos identitários/culturais, as experiências que vivem e os efeitos que enfrentam em decorrência da imigração. O que pretendemos abordar neste trabalho são as estratégias e negociações feitas pelos indivíduos migrantes no que diz respeito à sua identidade a partir da análise literária de uma obra de autora imigrante.

Seja por consequência da desigualdade social ou resultado de catástrofes naturais, o fluxo migratório segue aumentando no mundo contemporâneo, de forma que a discussão em torno dessas questões se tornam ainda mais urgentes. Como os indivíduos se adaptam quando postos à prova de uma nova cultura, como questionam e de que forma compreendem as semelhanças e, especialmente, as diferenças do ambiente à sua volta; como se reconhecem no exílio, tenha esse se dado de forma voluntária ou não. Trazer a voz de tais pessoas à tona é essencial para que se possa lidar com as mudanças cada vez mais rápidas do mundo contemporâneo.

A partir dessa nuance, esse trabalho se propõe a discutir os impactos sofridos por mulheres negras e imigrantes, saídas do Haiti rumo ao Canadá, usando como objeto de estudo a obra *La Dot de Sara* (1995) de Marie-Célie Agnant. Nosso objetivo é aprofundar a discussão sobre como os indivíduos condicionados a esses dois grupos sociais, o primeiro relacionado ao gênero e o segundo devido à cor de sua pele, conseguem se adaptar a uma mudança tão brusca quanto a troca de países, lugares tão distintos quanto os citados. Em um extremo, o Haiti, país Caribenho, marcado no imaginário popular pelas tragédias naturais e pela desigualdade social apesar do histórico exemplar de luta contra a dominação e exploração estrangeira. Do outro lado, o Canadá, geopoliticamente entendido como país de primeiro mundo, detentor de uma história de colonização, popularizado como um dos centros de tecnologia e civilização, um possível refúgio de imigrantes mesmo após as recentes descobertas dos mais de 700 túmulos de crianças indígenas em internatos, de acordo com portais nacionais como a revista *Veja*, que noticiou a descoberta em Junho de 2021 (*Veja*, 2021).

Falaremos sobre as possíveis estratégias de negociação cultural com essa nova sociedade que põe à prova não apenas os costumes mas também a própria existência daqueles que ousam se aventurar, seja de forma passageira ou permanente. São dois países situados em dois lados opostos no que diz respeito aos costumes, à organização social, ao estilo de vida, à infraestrutura, e muitos outros aspectos. Nos interessa perceber e apontar como essas diferenças, e possíveis semelhanças, são percebidas, como essas personagens mulheres e imigrantes se comportam a partir disso — elas absorvem o novo como algo que acrescenta à sua vida ou apresentam algum tipo de resistência, de necessidade de retornar às próprias raízes culturais? Elas rejeitam de forma pontual tudo aquilo que pode ser identificado como novo e/ou influência dessa nova sociedade e se apegam àquilo que já é familiar? — e o que resulta dessa troca.

Ao longo do nosso desenvolvimento, apontaremos as nuances que tal mudança ocasionou em suas personalidades, os costumes que foram substituídos e os que se mantiveram, os aspectos da visão de mundo que foram deixados para trás e aqueles que foram adquiridos conforme a vivência nesse entre-lugar de imigrante se prolonga e persiste mesmo após o retorno ao lar. Com isso, exibiremos também as características narrativas dessa modalidade de escrita migrante, os traços autobiográficos e os testemunhos da vida da autora que esbarram na história de Marianna, personagem principal e narradora na obra.

A primeira parte desse trabalho tem como objetivo uma contextualização teórica acerca do tema da identidade e diferença e da escrita como ferramenta na manutenção identitária de indivíduos migrantes. Dessa forma, nos atentaremos à explicação dos conceitos

que serão utilizados em nossa análise, passando pelos teóricos e estudiosos que se aprofundaram sobre o tema. Nesse momento, nossa reflexão será referencial, pretendendo apontar as nuances que afetam as mudanças identitárias migrantes, as possíveis soluções que podem ser adotadas por esses indivíduos, as noções e concepções que adotaremos para a análise da escrita migrante de Marie-Célie Agnant e de suas personagens.

A partir dessa ideia, nossa intenção é iniciar apresentando as questões a serem investigadas, respondendo perguntas acerca da formação de identidade, quais os mecanismos sociais que a influenciam, apontando aspectos importantes que podem interferir de maneira decisiva como, por exemplo, as circunstâncias familiares e sociais nas quais o indivíduo está inserido. Ao longo do desenvolvimento, passaremos por questões socioeconômicas, raciais e culturais, a fim de explicitar os processos nos quais os indivíduos migrantes são envolvidos durante o período de imigração.

Esse primeiro momento teórico é dividido em dois capítulos. O primeiro trata da construção identitária, quais são os fatores principais e essenciais para o levantamento da nossa identidade, como os movimentos sociais lidam com as questões de unificação e distanciamento entre os que podem se identificar com determinadas classes menosprezadas, visando abordar os fatores que influenciam diretamente a nossa visão de si, a forma como nos encontramos no mundo e nos reconhecemos. Usando os estudos de Stuart Hall, Kathryn Woodward e Tomaz Silva (2000), apontaremos como as identidades são construídas no mundo contemporâneo e quais são os possíveis pontos de vista adotados ao reconhecer a construção identitária.

Em seguida, falaremos sobre as questões de conflitos identitários que podem ocorrer como produtos de mudanças sociais bruscas, de que forma podem afetar a experiência social quando já se encara o mundo a partir de uma posição de desvalorização. Nos interessa apontar quais negociações acontecem, espontânea ou forçosamente, quais transições podem ser necessárias para sobreviver em uma sociedade alheia àquela na qual um sujeito cresceu e se desenvolveu e quais são os fatores de risco que podem obrigar um indivíduo a habitar um entrelugar identitário, mesmo que de maneira involuntária.

No segundo capítulo, o qual finaliza a primeira parte teórica, abordaremos questões sobre o resgate identitário e as ferramentas utilizadas por indivíduos que habitam as diásporas sociais, sejam elas voluntárias ou não. Neste capítulo, nos interessa abordar os aspectos da literatura migrante, sua construção e o peso da sua influência na experiência de indivíduos passando pelo processo de recuperação de si mesmos. Falaremos sobre como a escrita é uma auxiliadora poderosa no processo de resgate identitário, atuando como uma

forma de reencontro e recomeço, buscando as raízes da memória e abrindo novos horizontes híbridos para aqueles confrontados com as adversidades da própria existência. Aqui trataremos da maneira com a qual esses indivíduos se empoderam e fazem uso da literatura migrante para retratar as questões de autoficção, literatura de filiação, os dilemas da memória, exílio e luto.

Nesse sentido, finalizaremos o capítulo falando sobre a literatura de mulheres negras em exílio. Nosso objetivo é apontar as questões vividas por mulheres negras imigrantes e escritoras, e como essa categoria de autoras lança mão dos recursos literários para combater os problemas sociais enfrentados diariamente por todas elas, os quais se intensificam quando em situação de exílio. Temas que já seriam problemáticos vividos dentro da bolha social e cultural como, por exemplo, a desigualdade socioeconômica e o preconceito enfrentado pelas classes desvalorizadas na sociedade, tomam outras proporções quando somados ao racismo e à exclusão social que mulheres negras e imigrantes podem encontrar em países de primeiro mundo como o Canadá. Como encerramento da primeira parte teórica, passaremos pelos problemas identitários enfrentados de forma ainda mais intensa por elas e as soluções literárias que foram adotadas no processo de enfrentamento desse ciclo.

Em seguida, dedicaremos um capítulo para discutir sobre a autora e outro contextualizando a obra *La Dot de Sara* (1995). Nesse momento, nosso objetivo é apresentar a autora, passando por suas obras, sua trajetória e seus feitos como poeta e imigrante residente do Canadá. Em seguida, iremos contextualizar a obra que servirá como objeto de análise na segunda parte deste trabalho com o objetivo de nos alongar sobre os eventos relatados na obra e seus personagens que serão relevantes para a análise em seguida.

No livro acompanhamos os relatos de Marianna, uma mulher imigrante que deixa sua terra natal no Haiti e parte para o Canadá a pedido da filha, Giselle, para ajudá-la com a neta recém-nascida, Sara. Apesar de ter a pretensão de ficar longe de sua casa apenas por alguns meses, o vínculo que cria com a neta a faz permanecer ao seu lado por vinte anos antes que consiga decidir por retornar. Ao se instalar na casa da filha, Marianna passa por vários processos de estranhamento, e, durante algum tempo, a se recusa a sequer interagir com essa nova sociedade, vivendo reclusa dentro de um apartamento com saídas esporádicas apenas quando necessário. No decorrer da obra, observamos a luta de Marianna para se estabelecer nessa nova sociedade, seus estranhamentos e sua engenhosidade ao tentar conciliar as mudanças, conflitos sociais e sua influência na criação da neta.

Nascida e criada em *Anse-aux-Mombins*, Marianna cresceu com a avó, Aïda, costureira que lhe ensinou o ofício. Aos dezessete anos, grávida de Giselle, Marianna decide

criar a filha sozinha em Porto Príncipe, vivendo da costura para sustentar a si e a filha, fazendo questão de investir em uma educação formal. Anos após sua partida em busca de melhores condições de vida, para a surpresa da mãe, Giselle escreve pedindo ajuda. Marianna larga a casa, o trabalho, e se encaminha para o Canadá sem pensar exatamente na grande mudança que estava fazendo, planejando passar apenas alguns rápidos meses com a filha. Lá se depara com Giselle, recém separada do marido, tentando criar Sara e trabalhando para sustentar a casa.

Conforme os meses se transformam em longos anos, Marianna aproveita seu tempo com a neta, não apenas para lembrar sua terra, mas também para transmitir suas lembranças da infância e até mesmo a língua falada em *Là-bas*, o *créole*. Aproveitando-se da ânsia da neta por aprender aquilo que a mãe recrimina, Marianna faz de suas histórias não apenas testemunhas da saudade de sua terra, mas também as transforma em relatos de resistência de alguém que não se deixa esquecer de suas raízes, dessa forma, fazendo crescer na neta o poder ancestral de reconhecer a si mesma em personagens de seu passado e o desejo pelo (re)encontro de suas origens.

No primeiro capítulo dessa segunda parte, falaremos da relação entre Marianna e Aïda, sua avó. Nos interessa apontar a questão da ancestralidade, aspecto que marca presença ao longo de toda a obra, e adquire extrema importância no contato com Sara. Marianna acredita que Sara seja uma reencarnação da avó, e compara suas ações, opiniões e até mesmo o modo de se impor. Essa lembrança constante de Aïda é uma das características que permite que Marianna não deixe sua infância, suas experiências e os ensinamentos da avó para trás.

Na sequência nos dedicaremos ao retrato do choque cultural sofrido pela personagem. Marianna faz comparações ao longo de toda sua estadia no Canadá, não apenas sobre as paisagens, mas também sobre o comportamento da população e até mesmo sobre os passatempos que Giselle adquire. Neste capítulo, apontaremos o processo mental da personagem ao constatar o quão claro as diferenças se tornaram a partir do momento de sua chegada, fato declarado até mesmo por Giselle, que insiste em lembrar a mãe de que não estão mais no Haiti. Nos alongaremos sobre a constante sensação de não-pertencimento denunciada pela personagem fazendo com que o contraste cultural fique sempre em constante evidência, desde a qualidade do café até a organização das casas e a maneira que rezam.

Após esse momento, há um capítulo dedicado à análise das relações de Marianna e Giselle seguido de outra sobre Marianna e Sara. Enquanto Sara comunica uma sede de conhecimento, uma necessidade de aprendizagem sobre seu próprio passado, Giselle parece fazer o possível para esquecer e apagar o máximo possível de suas origens. As duas no papel

de mulheres imigrantes, Marianna e Giselle passam por experiências completamente distintas no que diz respeito à experiência social. Giselle faz o possível para abraçar tudo o que lhe é apresentado na forma de algo novo, dando um valor muito maior à essa nova sociedade na qual se inseriu por livre e espontânea vontade. Enquanto isso, Marianna apresenta grande dificuldade ao ser obrigada a conviver e habitar um local para o qual se deslocou sem uma condição de exílio imposta de forma objetiva, porém que não lhe agrada, não lhe abraça e não lhe aceita.

Em seguida, o quarto capítulo tratará de como a comunidade se faz importante na reconstrução identitária e como encontrar um sujeito ou um grupo de pessoas com as quais um indivíduo possa compartilhar suas experiências no exílio pode ser um fator de grande influência nas negociações e concessões. O fator de identificação, de compartilhamento de memórias, de troca de vivências na experiência migrante pode ser decisivo para todo o processo de aculturação, sendo também de essencial importância no processo de redescoberta de si. Nesse capítulo passaremos pelos momentos que Marianna divide com um grupo de idosos imigrantes depois de anos vivendo no Canadá e como o identificar-se no outro pode ser valioso.

Por fim, falaremos sobre o retorno de Marianna a sua terra natal. Ao longo de sua viagem e com as mudanças identitárias sofridas, as memórias que a protagonista faz questão de manter nítidas em sua mente são postas à prova. Com seu retorno, Marianna descobre que o país do qual se lembra, as paisagens das quais se recorda e os lugares com os quais se identificava sofreram mudanças significativas. Salvo algumas exceções, a protagonista quase não reconhece mais sua própria cidade e vários elementos à sua volta causam estranhamento. Aqui nos interessa nos alongar sobre como a vivência migrante não acaba com o retorno à sua terra natal e sobre como, muitas vezes, continua-se sendo imigrante mesmo em sua própria casa.

Com isso, esse trabalho dedica-se ao processo de investigação da transformação e do desenvolvimento de mulheres negras imigrantes condicionadas a situações de exílio. Buscando o testemunho desses indivíduos, nos interessa ressaltar sua voz e sua vivência, seu relato de luta e sua capacidade de resiliência. Esperamos que esse trabalho seja capaz de lançar uma luz sobre a escrita migrante de uma mulher negra que usa a força de suas palavras não apenas como uma ferramenta de denúncia de suas batalhas, mas também como instrumento de transformação.

2. IDENTIDADE: O QUE É?

2.1 Construção e influências

A questão da identidade tem se tornado cada vez mais relevante na contemporaneidade impulsionada pela ânsia humana de compreender a si mesmo e aos seus semelhantes, alimentada pela modernização das relações interpessoais. Após décadas de estudos e questionamentos, é acordado pela academia e por estudiosos do assunto, assim como Tomaz Tadeu Silva afirma no capítulo intitulado A produção social da identidade e da diferença, na obra *Identidade e Diferença* (2000), que um dos mecanismos que influenciam e auxiliam no processo de formação de identidade é, de maneira paradoxal, a diferença. Historicamente, grupos sociais formam-se e lançam mão de algumas ferramentas que possibilitam o reconhecimento dos seus semelhantes e, ainda mais importante, dos que não pertencem e nem compartilham dos mesmos ideais ou objetivos, sejam esses políticos ou não. Por meio de sistemas simbólicos —bandeiras, hinos, uniformes, ou até mesmo determinados alimentos e gestos— ou sistemas classificatórios —de “raça”, sexualidade, gênero, posicionamento político— somos capazes de encontrar os grupos sociais aos quais pertencemos e melhor nos identificamos.

Tais sistemas simbólicos estão presentes em todas as sociedades e culturas, seja de forma mais explícita ou não. A partir deles torna-se possível identificar sem muita dificuldade grupos sociais com os quais nos assemelhamos e grupos com os quais não estamos dispostos a interagir. Como exemplo podemos citar a suástica nazista, usada ao longo das décadas como símbolo de identificação dos membros do partido político defensor de ideais supremacistas da raça ariana, ou até mesmo a bandeira LGBTQIA+, acatada por vários países como símbolo de orgulho e identificação da comunidade, mesmo que ainda criminalizada alguns territórios. Esses símbolos tornam-se poderosas ferramentas identitárias de tais grupos sociais. Amplamente divulgados pelos membros pertencentes e defensores das causas dessas comunidades, acabam gravados no imaginário popular, mesmo no dos indivíduos que não pertencem nem se identificam com seus ideais. São eles que auxiliam no processo de construção das identidades e reforçam os ideais defendidos por essa categoria a partir do momento em que seus significados se expandem e se cristalizam, evidenciando não apenas as semelhanças entre os membros mas deixando ainda mais evidente as diferenças entre um grupo e outro.

Segundo Tomaz Silva, um dos autores da obra *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais* (2000), seja colocando-a em evidência ou mantendo-a intrínseca em outros mecanismos sociais, a diferença é um dos temas que ajuda a construir as identidades e suas nuances, contribuindo tanto para a união, quanto para a exclusão de povos. Segundo o autor, a identidade e a diferença são temáticas que andam juntas, uma fazendo parte da outra, coexistindo em um mesmo espaço e dividindo um significativo traço em comum:

Identidade e diferença partilham uma importante característica: elas são o resultado de atos de criação linguística. Dizer que são o resultado de atos de criação significa dizer que não são “elementos” da natureza, que não são essências, que não são coisas que estejam simplesmente aí, à espera de serem reveladas ou descobertas, respeitadas ou toleradas. A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas (Silva, 2000, p. 39).

Segundo Silva (2000), as identidades dos indivíduos são atos de criação que precisam ser —e são— construídos em meio à sociedade, seja por meio de propagandas na mídia, por obras literárias ou por meio da linguagem. A identidade precisa ser produzida e alimentada de maneira contínua, pois está em constante transição oscilando entre os processos que a impulsionam em direção à uma possível estabilização e os que a subvertem. É a partir desses atos de construção, influenciados por grupos e sistemas de representação de maneira direta, que somos vistos e entendidos na sociedade em que habitamos. Nesse interior, somos percebidos perante indivíduos com vivências que ultrapassam nosso imaginário e é para além deles que nossa voz é descoberta. Segundo Kathryn Woodward, “(...) os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar.” (Woodward, 2000, p. 07)

Mesmo assim, é evidente que estamos inseridos em grupos de forma involuntária. Nem todos os grupos com os quais nos identificamos ou somos identificados são classes das quais participamos conscientemente e, muitas vezes, nem mesmo com as quais concordamos ou defendemos. Desde o momento do nascimento, somos inseridos em um primeiro grupo social, separados pelo sexo biológico. Após essa classificação, a maioria das pessoas é condicionada, de forma imediata, a pertencer a outro grupo, além de nossa determinação, nosso grupo familiar, o qual atua com maior destaque em nossa infância e adolescência. É a partir de nosso desenvolvimento e crescimento social, a medida em que passamos a existir como indivíduos independentes na sociedade, que somos capazes de separar alguns dos grupos com os quais queremos nos associar ou não.

É comum que, ao longo da procura por pertencimento, nos atentemos, involuntária e primeiramente, às coisas que não fazem parte do nosso imaginário e nem estão

presentes no nosso convívio. Como resultado de um estranhamento, prestamos atenção em tudo aquilo que não somos, o que nos diferencia de outros sujeitos, o que nos torna únicos em comparação ao ambiente à nossa volta. Apesar de procurarmos por semelhanças que auxiliem o sentimento de familiaridade e identificação de maneira ativa e consciente, as diferenças se tornam essenciais para a construção da visão que arquitetamos de nós mesmos, quem somos, o que estamos dispostos a defender, a acatar e até onde os limites individuais vão. É fazendo comparações e exclusões que chegamos ao consenso sobre os lugares nos quais melhor nos encaixamos, as práticas com as quais nos identificamos e aquelas que não estamos dispostos a aceitar.

A partir da diferença, somos capazes de perceber com maior clareza, seja por meios simbólicos, sociais ou classificatórios, quais comportamentos, pensamentos e opiniões são aceitos nos grupos sociais aos quais pertencemos ou desejamos pertencer, quais são as decisões e atitudes repudiadas por esses grupos, e, para além deles, por nós mesmos como indivíduos independentes. A diferença entre o meu e o seu, o nosso e o deles, é constantemente evidenciada pelos nossos sistemas classificatórios fazendo com que se torne ainda mais claro: é na dualidade entre o eu e o outro que somos capazes de nos encontrar e encontrar aqueles que são considerados nossos semelhantes e condizentes com nós mesmos.

Segundo Kathryn Woodward, no livro *Identidade e diferença* (2000),

as identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social(...) —são estabelecidas, ao menos em parte, por meio de sistemas classificatórios. Um sistema classificatório aplica um princípio de diferença a uma população de uma forma tal que seja capaz de dividi-la (e a todas as suas características) em ao menos dois grupos opostos — nós/eles; eu/outro (Woodward, 2000, p. 18).

A partir disso, podemos entender que, para discutir questões identitárias, é importante que saibamos identificar os grupos sociais nos quais estamos inseridos para que, de acordo com os sistemas classificatórios que vivenciamos, possamos não apenas ser capazes de entender o contexto social no qual estamos fixados, seja de maneira voluntária ou involuntária, mas lançar uma luz para nossa visão pessoal sobre quem somos e como nos identificamos. Ao traçar um sistema de diferenciação entre o que é aceito e o que não é, o que é incentivado e o que é rechaçado, terminamos com mais do que uma pilha de costumes, hábitos, símbolos e decisões descartadas, mas com um retrato claro de nós mesmos.

Ainda segundo a autora, ao discutir identidades, podemos tomar dois caminhos diferentes. Em um deles, partimos de uma visão fixa e imutável do que é reconhecer-se como alguém, podendo lançar mão, como meio de justificativa, de conceitos biológicos ou culturais.

A essa noção, damos o nome de essencialista. A noção essencialista, talvez a mais comum e tradicional, é aquela que admite apenas uma visão definitiva do que é ser algo ou alguém. Nessa percepção, a identidade e os grupos aos quais um indivíduo pertence já estão pré-determinados tendo em vista as questões sociais que lhe atingem. Para exemplificar, assumindo um ponto de vista nacionalista, a noção essencialista pode surgir a partir da ideia cristalizada do que é ser cidadão de determinado país.

Dessa forma, existiria, incluindo também um preciosismo histórico pelas lutas sociais do país, uma verdade autêntica e compartilhada entre os cidadãos sobre o que é nascer e viver em determinado lugar. Em seu capítulo, Woodward (2000) utiliza um relato de guerra entre soldados sérvios e croatas para exemplificar tal situação. Na visão essencialista, todos os sérvios partilham uma história em comum, um conjunto de características que os une e diferencia das outras nacionalidades e que permanece imutável, de forma que, sem importar-se com os avanços tecnológicos ou sociais que aconteçam, essa verdade única, partilhada por todos, permanece fixa, aproximando todos os cidadãos e tornando-os semelhantes, evocando a lembrança do passado em comum. Nessa visão a identidade contemporânea partilhada pelos cidadãos é resultado das lutas sociais do passado e, devido a isso, é permanente e inalterável.

Por outro lado, essa visão cristalizada da identidade também pode estar consolidada em uma razão biológica. Partindo de um ponto de vista no qual todos os indivíduos residentes de determinado país partilham traços “de sangue”, uma característica em comum, mais profunda do que as circunstâncias a partir das quais se estabeleceram como pessoas independentes. Essa visão fundada a partir da biologia, também parte de um princípio no qual existe uma “verdade” imutável, algo inerente a todos os cidadãos, um produto inevitável, manifestado essencialmente a partir do compartilhamento biológico entre todos.

Sendo assim, independente de qual seja a fundação em que a visão essencialista esteja cristalizada, ela ainda busca por uma “verdade imutável” sobre o que é ser algo ou alguém, buscando uma unificação, um motivo pelo qual todos partilham de alguma característica para além de seu controle e discernimento. Segundo Kathryn Woodward (2000),

cada uma dessas versões envolve uma crença na existência e na busca de uma identidade verdadeira. O essencialismo pode, assim, ser biológico e natural, ou histórico e cultural. De qualquer modo, o que eles têm em comum é uma concepção unificada de identidade (Woodward, 2000, p. 17).

Em contrapartida, ao falarmos de construção identitária, também é possível assumir um ponto de vista que vai na contramão dessa visão cristalizada, e a essa chamamos de não-essencialista. Neste ponto de vista, entende-se que as identidades são mutáveis e

alteram-se ao longo do tempo, além de lançar mão das diferenças vivenciadas pelos grupos sociais com um papel de destaque. A visão não-essencialista é frequentemente acatada por grupos sociais contemporâneos, os quais procuram evidenciar as dificuldades enfrentadas pelas classes desvalorizadas na sociedade e as utilizam como laço unificador, aproximando os sujeitos que se identificam com a luta e os distanciando daqueles que não vivenciam a mesma realidade.

A visão não-essencialista atenta-se à forma como as identidades mudam ao longo dos anos, seja devido às classes sociais, às tragédias naturais ou a qualquer outro incidente social que passou a afetar de forma direta determinado movimento. Para exemplificar esse posicionamento, Woodward (2000) cita o movimento feminista, manifestação social que cresce desde o século XIX, e a partir da qual as mulheres reivindicam direitos e igualdade social. Tal movimento, inicialmente surgido de uma visão essencialista, defende que as mulheres, como um todo, enfrentam uma luta igualitária, partindo do princípio biológico no qual todas as mulheres partilham de uma vivência social quase, se não completamente, igual. Uma das pautas iniciais do feminismo foi o direito das mulheres ao trabalho, na qual o movimento defendia a ideia de que as pessoas do sexo biológico feminino são tão capazes de exercer um papel no mercado de trabalho quanto os homens, em uma época em que as pessoas do sexo biológico masculino eram os únicos provedores para o sustento da casa e da família.

Com a popularização dessa luta, surge dentro do movimento feminista, o chamado feminismo negro, partindo, por sua vez, de uma visão não-essencialista, enfatizando a diferença social entre mulheres negras e mulheres brancas, as quais formavam maioria dentro do movimento. Originado em um local para além do imaginário branco, o feminismo negro defende que, na verdade, nem todas as mulheres partilham de uma experiência social igualitária e, na prática, em desvantagem ainda maior que as mulheres brancas, mulheres negras formam uma parcela ainda mais desvalorizada da sociedade. Segundo artigo de Martins e Souza (2022), mulheres negras são afetadas pela interseccionalidade e pelas relações de poder social impostas por gênero, raça e classe, isto é, essas pautas moldam-se a si mesmas e influenciam-se mutuamente em um contexto social, expondo mulheres pertencentes a mais de uma dessas categorias à mais opressões sociais.

Partindo do ponto de vista não-essencialista, o movimento feminista negro enfatizou as diferenças sociais entre mulheres negras e brancas, e apontou os desafios sociais vivenciados por elas, a fim de unificar e evidenciar uma categoria (negra) dentro de outra

(sexo feminino). Esse processo de luta pelo reconhecimento desses grupos implica também um processo essencial de divisão de poder social.

Tendo em vista, como já citado, o fato de que as identidades são ativamente produzidas na sociedade por meio de criações linguísticas, o ato de fazer-se ser ouvido pelo outro, por aquele que não parte do mesmo local que o próprio enunciador, obriga o interlocutor a reconhecer não apenas as dificuldades vivenciadas por essas categorias condicionadas à distância do prestígio social, mas também entender sua própria existência como indivíduo privilegiado. Segundo Silva (2000),

a afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais. A identidade e a diferença, estão, pois, em estreita conexão com relações de poder (Silva, 2000, p. 42).

Ao exigir a tomada do próprio espaço dentro de um movimento focado em grupos sociais específicos, o movimento feminista negro não apenas demanda reconhecimento das próprias lutas, mas, para além disso, demanda uma parcela do poder social destinado, ainda contemporaneamente, quase que de forma exclusiva à mulheres brancas.

Uma das problemáticas desse processo é a de que ele envolve várias pequenas camadas de reconhecimento até que se possa chegar perto da parcela de poder social destinada às elites privilegiadas. Primeiro é necessário que a mulher negra reconheça-se a si mesma como integrante ativa de um grupo condicionado à constante desvalorização, como alguém que sofre em desvantagem social, habitando uma sociedade constituída por e para brancos. Após essa primeira etapa identitária é preciso fazer com que as vozes de outras mulheres, vistas de forma semelhante pela sociedade, cheguem até esses indivíduos, tornando possível encontrar pertencimento dentro desses grupos.

Ainda assim, mesmo que toda essa construção identitária aconteça com êxito, é preciso que a parcela priorizada pela sociedade seja capaz de reconhecer seu local de vantagem e que também participe desses processos identitários individuais para que, ao trabalhar ativamente em conjunto, consigam conceder poder social à essa categoria. Mesmo concluindo um processo de reconhecimento de si com potencial doloroso, ser reconhecido pelos outros como pertencente a uma parcela social inferior e, além disso, ter a necessidade de que esse grupo abra mão de seus privilégios, é, sem dúvida, a etapa mais árdua de toda a busca identitária e igualitária. Apenas após todos esses pequenos porém paradoxalmente extensos processos individuais é que se torna factível para uma classe condicionada à dissemelhança poder reivindicar os mesmos direitos que a classe privilegiada.

No decorrer desse processo, um outro fenômeno ocorre sem que seja facilmente percebido. Ao traçar a linha entre o que/quem é considerado privilegiado e o que/quem está em posição de desvantagem, ocorre a normalização de um certo padrão identitário. Passa a considerar-se comum, natural e desejado, como parte de um processo classificatório, pertencer à determinado grupo, socialmente detentor de maior poder, seja ele determinado pelo poder aquisitivo, pela “raça”, pelo gênero, pelo sexo biológico, ou qualquer outra característica ordenadora. Essas identidades, detentoras do privilégio de maior poder social, e por fim consideradas “normais”, passam a ser reconhecidas pelo papel de relevância e prestígio que possuem a partir da evidenciação das diferenças entre elas e as demais classes desvalorizadas.

A problemática das identidades consideradas “normais” é justamente o fato de que sequer são consideradas como uma das possibilidades dentro do cenário identitário. São vistas de forma tão naturalizada, que ao existir sem a diferença, são capazes de passar despercebidas por longos períodos até que sejam contestadas. Aqui podemos citar, por exemplo, o contexto social de países historicamente colonizadores, que promoveram genocídios, apagamentos culturais, homogeneizações sociais, miscigenação racial forçada por todo o planeta em nome daquilo que acreditavam ser considerado natural, “normal”. O homem branco, detentor de sua posição social baseada nos privilégios da cor da pele vista como comum, natural e normativa, não questionou sua “branquitude” até ser confrontado pelo encontro com homens negros, que foram considerados inferiores e escravizados. O indivíduo heterossexual, orientação considerada natural e normativa, não questiona a si mesmo até ser confrontado com as diversas outras possibilidades defendidas pela comunidade LGBTQIA+.

A identidade do homem branco heterossexual não precisa ser reafirmada pois não é questionada, ao contrário, é vista como norma, produto natural da humanidade, incentivada e desejada. Tal processo concede a esses indivíduos poder colossal sobre as outras identidades, tornando-as capazes de ditar, até mesmo para fora da própria classe, o que pode ser aceito e o que não será. Quanto mais poderosa uma identidade for socialmente, maior é sua capacidade de permanecer despercebida. De acordo com os estudos de Silva (2000),

a força da identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como uma identidade, mas simplesmente como a identidade. (...) Numa sociedade em que impera a supremacia branca, por exemplo, ‘ser branco’ não é considerado uma identidade étnica ou racial. Num mundo governado pela hegemonia cultural estadunidense, “étnica” é a música ou a comida dos outros países. É a sexualidade homossexual que é “sexualizada”, não a heterossexual. A força homogeneizadora da identidade normal é diretamente proporcional à sua invisibilidade (Silva, 2000, p. 43).

O sujeito pertencente a uma classe identitária vista pela sociedade como natural, detém consigo maior domínio ditatorial dentro de uma sociedade. Partindo da necessidade de afirmação da diferença, quando tratamos de uma identidade considerada “comum”, essa só pode estabelecer-se como tal, a partir da afirmação da identidade “incomum”. Tal processo concede aos indivíduos vistos como “normais” poder não apenas sobre o próprio grupo, o próprio comportamento, os próprios sistemas simbólicos e representativos, mas também poder suficiente para ditar o que pode ou não ser aceito nos grupos posicionados na periferia social, e, para além disso, qual desses grupos fica mais à margem e qual fica mais próximo da “normalidade”.

Esses processos de inclusão e exclusão, muitas vezes com o potencial para se tornar agressivos e extremistas, também passam tão despercebidos quanto essas identidades vistas como naturais. Quando exalta-se uma invariabilidade social, um padrão central e absolutista, acrescenta-se a tais sistemas um poder de apagamento hegemônico, capaz de irradiar submissão por todas as margens. Por outro lado, assim como a diferença faz parte da identidade, esses grupos condicionados à uma posição periférica e desvalorizada também fazem parte da identidade vista como norma. Dessa forma, são vistos como o que “não ser”, aquilo que “não aceitamos”, mas tornam-se, inevitavelmente, parte essencial para a sobrevivência da identidade padrão e invisibilizada.

Silva (2000) afirma que,

assim como a definição da identidade depende da diferença, a definição do normal depende da definição do anormal. Aquilo que é deixado de fora é sempre parte da definição e da constituição do ‘dentro’ (Silva, 2000, p. 43).

Sendo assim, entendemos que, apesar de toda a marginalização que sofrem, esses grupos específicos desvalorizados em meio social são, rigorosamente, também instrumentos usados pela classe dominante para sua própria sobrevivência e distinção, mesmo que de forma velada. A identidade aclamada, desejada, prestigiada e normalizada, só pode existir a partir da desvalorização, marginalização e condicionamento dos outros grupos baseados em suas próprias diferenças e singularidades. Os dois acabam condicionados a um mesmo local, cada um em um extremo, inversamente proporcional.

Tal situação condiciona e exerce grande estresse sobre os dois pólos, impulsionados a partir do conflito e da necessidade de coexistir. A partir da conscientização desses grupos para que seja possível fazer com que suas vozes sejam ouvidas, esses confrontos se tornam mais frequentes. É partindo dessa contextualização sobre a formação identitária que seguiremos para a próxima parte deste capítulo, a qual se compromete a tratar

dos conflitos identitários, negociados a partir de situações de desconforto extremo e quais os fatores de risco que podem oferecer nuances decisivas na construção da visão de si de indivíduos pertencentes às classes desvalorizadas.

2.1.1 Conflitos identitários: negociações, transições e fatores de risco

Quando pensamos o mundo contemporâneo, a característica que, frequentemente, ganha maior destaque no imaginário popular é a evolução da tecnologia. Torna-se quase impossível imaginarmos a realidade global sem que a aparelhagem tecnológica ganhe local de destaque, seja pela problemática da evolução desenfreada e da inteligência artificial ou pelos benefícios individuais com os quais convivemos todos os dias, entre eles a possibilidade de partilharmos uma vida conectada ao redor do globo de dentro de nossas casas. A experiência da vida moderna está intimamente atrelada a essa evolução, o que, como consequência, nos permite estar atentos aos acontecimentos do mundo, às novas descobertas e desastres, às opiniões, às paixões e as cóleras individuais e coletivas, mesmo que permaneçamos a milhares de quilômetros de distância.

Caminhando na contramão das barreiras, a globalização perpetua uma suposta luta contra as divisões sociais e culturais, propagando a ilusão de que, por nos aproximar, estaríamos agora em um local de igualdade, cada vez mais familiarizados com a presença do outro, em todos os lugares, o tempo todo. Entretanto, como vimos na primeira parte deste capítulo, simultaneamente ao mecanismo de familiarização caminha o processo de estranhamento. Ao contrário do que se pode afirmar sobre esse momento de glorificação da aproximação entre o “eu” e o “outro”, esse cenário detém potencial para não ser tão agradável quanto se espera. Difundida ao lado do processo da automatização tecnológica, a globalização também traz consequências físicas para a população e uma delas está intimamente conectada ao incentivo e a glamourização do processo de imigração.

Em adição a esse processo de globalização desenfreado o qual estamos vivenciando, o “boom” tecnológico e a derrubada de barreiras culturais, podemos também observar o aumento do número de incidentes motivados por racismo, xenofobia e preconceitos de classe social. De acordo com a publicação intitulada *International Migration, Racism, Discrimination and Xenophobia*, publicada pelo *International Labour Office (ILO)*, *International Organization for Migration (IOM)*, e *Office of the United Nations High Commissioner for Human Rights (OHCHR)*, em 2001, é possível afirmar que imigrantes são alvos diretos de preconceito e vítimas de xenofobia em locais focos da imigração. Segundo o texto, nas áreas em que encontra-se maior número de imigrantes, também observa-se maior número de incidentes contra esses indivíduos, sejam eles trabalhadores ou exilados. Para que seja possível coexistir juntamente a essa realidade buscando alguma solução, seria necessário encontrar políticas locais, sociais e econômicas capazes de intervir nessas relações. Contudo,

ainda de acordo com a publicação, na última década, o surgimento de novos status de nação —no qual os países deixam de ser um local interpretado como “homogêneo”, até certa medida, e passam a ser considerados locais “diversos” —, é frequentemente acompanhado pela exclusão étnica.

Ao contrário da narrativa predominante no imaginário popular, alguns pesquisadores, como Cury (2006), afirmam que o processo de globalização não é linear nem coeso. A interação e troca entre culturas e vivências se dá, muitas vezes, de forma forçada e involuntária, como no caso de imigrantes exilados, por exemplo. Ser obrigado a existir na presença do outro e confrontado de maneira recorrente com costumes, ideais, valores e experiências, muitas vezes nunca antes sequer imaginados por aqueles tidos como “nativos”, pode trazer consequências permanentes para ambos os lados envolvidos. É nesse local em que o imaginário popular, a glamourização da globalização e a derrubada de barreiras culturais falha.

Segundo a autora Maria Zilda Ferreira Cury (2006),

(...) os processos de globalização que aparentemente nivelaram as diferenças entre os povos, diminuindo distâncias e permitindo a comunicação rápida entre as pessoas, acentuaram divergências históricas que voltam com a força de suas contradições e o aprofundamento de discriminações e de intolerâncias de toda ordem. Dos Talibans aos "Talibushs", vivemos em um mundo onde as oposições se acirram (Cury et al, 2006, p. 10).

É notório que a necessidade de interação entre povos posicionados como distantes, seja de forma física ou cultural, é por si só um fator de risco, especialmente a partir do momento em que tal deslocamento passa a ser desejado e incentivado, dito como “natural” e “orgânico”. A convivência forçada e irrestrita, mesmo que proporcione vantagens aos indivíduos que vivenciam esse regime, envolve muito mais do que apenas fatores físicos e psicológicos, mas também implica questões econômicas e sociais. A mera presença de um “outro” inesperado, que foge às regras sociais que imobilizam, até certo ponto, a alteridade, aquela vista como “normal”, a que acabou por se tornar, de alguma forma, “esperada”, é capaz de causar desequilíbrio e desestruturação ao seu redor, pois tão somente a sua existência coloca em questão todas as identidades com as quais entra em contato. Quando o “outro” se desloca do posicionamento ao qual foi condicionado, seja esse local social ou histórico, a força de sua identidade causa instabilidade nas relações que fazem sua alteridade se desviar da parte do todo tido como “comum”, “normal” e “desejado”.

O movimento causado pela globalização reorganiza todas as peças do tabuleiro social pré-estabelecido historicamente e, como consequência, redireciona os olhares para nós mesmos. Visto que o “outro” é tido como “aquilo que eu não sou”, com o avanço da

tecnologia e o incentivo à imigração, agora o conjunto “daquilo que eu não sou” tem o potencial de mesclar-se com “aquilo que eu sou”. Essa junção e interação ocasiona uma mudança nos padrões de vivência social e, com um “novo outro”, nossas semelhanças e alteridades podem ser confundidas e estreitadas. É justamente a partir desse estreitamento que uma corrente de formação de novas identidades se desencadeia, tendo em vista que somos movimentados em sociedade de forma involuntária, fato que transforma as visões antes naturalizadas. Em *Identidade e Diferença* (2000), Woodward afirma que “a globalização envolve uma interação entre fatores econômicos e culturais, causando mudanças nos padrões de produção e consumo, as quais, por sua vez, produzem identidades novas e globalizadas” (Woodward, 2000, p. 09).

Ter sua própria noção de si colocada em questão, presenciar tudo o que acredita-se ser parte do “eu” impulsionar aquilo que jamais poderia ser imaginado como pertencente ao próprio indivíduo, aquele o qual acredito ser, coloca em questão todas as certeza sociais com as quais somos envoltos ao longo dos anos. A identidade “normal”, antes nem mesmo percebida como uma afirmação social por si só, se vê em posição de questionamento a partir do momento em que a diferença, com a qual antes estava condicionada, se altera. A instabilidade causada por essa alteração involuntária e decisiva, faz a identidade “padrão” perder seu poder de invisibilidade.

O deslocamento da alteridade, que funciona como base da certeza que alimenta o “eu”, traz à tona uma série de dúvidas e questionamentos antes nunca existentes. O conforto do local privilegiado, natural e inquestionado se vê em risco agora que os pilares previamente utilizados para sustentar seu próprio posicionamento, os quais funcionaram por décadas como amparo da posição tida como “invisível” e “natural” por existir dentro de um padrão desejável, são envoltos por incertezas. Não é de se causar espanto o fato de que as identidades contemporâneas são alvos de discussões e destaque, seja pelo local de risco que ocupam ou justamente pelo local de desvalorização. A movimentação causada pela globalização também é característica de um mundo contemporâneo e esse deslocamento lança luz sobre perspectivas antes pouco questionadas.

Mercer (1990) afirma:

quase todo mundo fala agora sobre “identidade”. A identidade só se torna um problema quando está em crise, quando algo que se supõe ser fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza (MERCER, 1990, p. 04, tradução nossa).

A experiência de identidades predestinadas à desestruturação social motivadas por elementos de instabilidade é parte daquilo que o choque e o desconforto, impulsionados pela

incerteza, ocasionam. Grande parte dessa incerteza surge do local desconhecido, de desconforto e questionamentos, para o qual somos posicionados como parte da experiência de ser capaz de se enxergar no “outro”, o qual deveria ser o meu oposto, tudo o que não sou, o que não pertence às minhas ideias e vivências, aquele que não condiz com o que é esperado de mim mesmo. Ter sua identidade questionada é encontrar-se em um entre-lugar no qual o outro agora também sou eu.

Essa vivência ambígua permite que frequentemos os dois locais ao mesmo tempo de forma desafiadora. Tanto como o nativo empático que se coloca no local do imigrante ao presenciar atos de injustiça quanto como o imigrante que questiona e é questionado por uma nova nação. Estar vinculado a esses dois lugares —tanto argumentador quanto argumentado— ocasiona uma alteração significativa não apenas na noção pessoal dos indivíduos, mas também nas bolhas sociais às quais pertencem, incentivando uma profunda transformação. Com uma multiplicidade de núcleos, mutáveis e expansíveis, teoria a qual Laclau defende na obra *New Reflections on the Revolution of Our Time* (1990), as identidades contemporâneas não possuem apenas um cerne que as define, mas vários, possibilitando uma grande variedade de locais dos quais as novas identidades podem surgir.

Esses novos centros são produzidos e alterados de acordo com a vivência e as mudanças as quais os indivíduos sofrem e/ou exercem. O surgimento de novas “nascentes” identitárias dentro de sociedades antes vistas como “homogêneas” desestabiliza a noção que os indivíduos possuem de si mesmos. Anterior à movimentação ocasionada e incentivada pela globalização, a alteridade, aquela que já possuía local de desvantagem diante da sociedade, estabilizava-se a partir da tendência de surgir sempre dos mesmos lugares, não raramente baseados em fatores como classes sociais, gênero, cor da pele, “raça”, poder aquisitivo, etc. A partir do câmbio impulsionado pela imigração e, por consequência, pelas trocas culturais, nesse novo cenário a alteridade pode basear-se justamente na mistura dos elementos antes tidos como exclusivos de um certo grupo com elementos desvalorizados do outro. Nessa nova realidade, a cor da pele antes tida como “desejada” pode se apresentar em conjunto à uma classe social “indesejada”, um determinado gênero vinculado à uma classe de poder aquisitivo não lido como “natural”, e, a partir disso, infinitas novas possibilidades surgem como uma nova conjuntura, predominantemente cambiante.

Segundo Woodward (2000),

essa dispersão das pessoas ao redor do globo produz identidades que são moldadas e localizadas em diferentes lugares e por diferentes lugares. Essas novas identidades podem ser desestabilizadas, mas também desestabilizadoras (Woodward, 2000, p.10).

Ser inserido nessa nova sociedade, presenciar a mudança e o reagrupamento de pessoas em escala global, concebe essas novas identidades de forma tanto pertencentes quanto intrusas dos mesmos lugares aos quais sempre estiveram fixadas. A movimentação em direção às fronteiras identitárias acontece tanto para o nativo quanto para o imigrante, porém de forma infinitamente mais dolorosa para o segundo. O nativo, apesar de permanecer em local privilegiado, passa a ter seus costumes questionados, —seja pela experiência de auto-conhecimento ou pelo confronto com novas culturas— a ordem social à qual estava vinculado alterada, se depara com a necessidade dessas novas pessoas de inclusão dentro da sua bolha social, o estranhamento ao ser obrigado a conviver com culturas diversas, muitas vezes tidas até mesmo como “exóticas”. Por sua vez, o imigrante enfrenta não somente os problemas de estranhamento cultural e o não-pertencimento atrelado à essa nova sociedade a qual pode estar sendo inserido de forma não voluntária, mas também vive a experiência do abandono de seus costumes, de sua cultura, muitas vezes abrindo mão da sua própria língua e de seus familiares.

Ambos, tanto o nativo por meio da convivência com o estrangeiro, quanto o imigrante pela convivência com o nativo, deslocam-se para uma fronteira, um local de estranhamento, porém apenas um deles experimenta, obrigatoriamente, o luto do abandono, do exílio e da ausência massiva do que é considerado familiar. Vivenciar as mudanças causadas pela imigração é estar vinculado a um espaço de entre-lugar tão questionador quanto questionado e em meio a isso, reformular, mesmo que de maneira involuntária, a própria noção de si mesmo. Essa reformulação pode tanto aproximar um indivíduo de suas noções de comunidade, ancestralidade, nação e cultura ou levá-lo a um local oposto a isso, em que o novo, essa nova sociedade, esses novos costumes aos quais preciso me adaptar, se tornam aquilo que agora sou, um “novo eu”.

Quanto maior a resistência ao novo, mais próximo o sujeito posiciona-se do familiar e ancestral, disposto a resgatar tudo aquilo tido como o que “já era” a partir do local de nascença, aquilo que “está destinado a ser”. A partir dessa posição essencialista, do resgate dessa verdade universal baseada em costumes, nas lendas ou na história local, ocorre o resgate de uma identidade nacional por vezes esquecida, da noção de que existe algo em comum e imutável, “predestinado”, entre o imigrante e todos aqueles os quais partilham de suas histórias e vivências. Por outro lado, existe aquele indivíduo disposto a abraçar essa nova realidade e a aceitá-la como uma oportunidade de renovação. Seja impulsionado pelo desejo de apagar parte do seu passado ou pela vontade de encontrar-se no inesperado do “outro”, esse sujeito dispõe-se à possibilidade de afastamento da sua comunidade local, às noções de cultura

familiar e parte em direção à reformulação de sua identidade, à criação de uma nova, a qual se baseia nas novas descobertas de si mesmo— sejam elas pessoais, regionais ou culturais. Dessa forma,

a homogeneidade cultural promovida pelo mercado global pode levar ao distanciamento da identidade relativamente à comunidade e à cultura local. De forma alternativa, pode levar a uma resistência que pode fortalecer e reafirmar algumas identidades nacionais e locais ou levar ao surgimento de novas posições de identidade (Woodward, 2000, p. 09).

Assim, ao ser confrontado com a mudança da realidade mundial, o imigrante pode seguir por dois caminhos: um essencialista, que irá resgatar suas raízes culturais, ou um não-essencialista, o qual irá permitir a criação de uma nova identidade a partir da nova sociedade a qual está inserido. Enquanto a criação de novas formas de identificação de si mesmo são inesperadas, instáveis e, por vezes, imprevisíveis, a visão essencialista proporciona um ar de familiaridade ao indivíduo. A decisão, mesmo que inconsciente, de relacionar-se novamente com o passado, até mesmo de ligar-se a ele de forma estática como verdade única e universal, pode ser lida como uma forma de manter o controle em meio ao caos de um mundo globalizado sem precedentes.

O avanço da tecnologia e a narrativa global de incentivo à imigração como solução individual para problemas econômicos e sociais, não preparam nenhum dos lados participantes desse processo. O imigrante que abandona sua cultura, língua e familiaridade para se inserir no desconhecido precisaria de muito acolhimento e suporte não apenas físico, mas principalmente emocional, pois, ainda assim, lutaria contra o processo do luto e da perda de si mesmo. Quando ao nativo, ao tratarmos da recepção de imigrantes em que o contraste econômico é extremo, também seria necessário um grande preparo emocional para lidar com o choque cultural e com os questionamentos que partem daqueles que não partilham dos mesmos ideais.

Tendo em vista esses pontos, a escolha, ainda que inconsciente, por um posicionamento essencialista no que diz respeito a sua própria identidade, é justificada especialmente pela possibilidade de vivenciá-la como uma fonte de estabilidade, mesmo que esse passado que permite o reencontro com si mesmo exista apenas no imaginário pessoal de cada um. A oportunidade de retomar momentos que justificariam o desconforto, os questionamentos, as dúvidas, e, até mesmo, o próprio comportamento em face ao desconhecido; a lembrança de episódios que permitem ao indivíduo ser capaz de reconhecer e reencontrar em si o que for necessário para a sua permanência em local hostil, fazem da visão essencialista uma ferramenta importante para o sujeito cambiante. Assim, “mesmo que o

passado que as identidades atuais reconstroem seja, sempre, apenas imaginado, ele proporciona alguma certeza em um clima que é de mudança, fluidez e crescente incerteza” (Woodward, 2000, p. 11).

A permanência em um local de transição, em uma fronteira cultural e de difícil adaptação só é possível quando percebemos a identidade como um elemento fluido e não estático. Por ser influenciada e moldada de acordo com as mídias e as ferramentas sociais às quais é submetida, a identidade procura por uma estabilidade ao mesmo tempo em que se altera de forma constante. “A fixação é uma tendência e, ao mesmo tempo, uma impossibilidade.” (Silva, 2000, p. 43). Dessa forma, quando tratamos do indivíduo migrante, o problema identitário amplifica-se e alcança a problemática não apenas do questionamento que lhe é imposto, mas também passa a ser uma questão referente à sua habilidade de transformação.

Colocando em questão, de uma só vez, todas as características e nuances que, apesar de mutáveis, compunham a identidade e sua forma de identificação não só nacional, mas também pessoal e social, a fluidez identitária é capaz de influenciar diretamente o quão dificultosa a estadia do indivíduo em transição deverá ser. Segundo Stuart Hall (1990), por ser fluida, a identidade passa a ser uma questão de “tornar-se”. O autor argumenta que devido a essa fluidez, os indivíduos que se posicionam de forma essencialista seriam capazes de realocar a si próprios dentro dessa identidade e não ficariam sujeitos apenas às influências externas. Dessa forma, as reconstruções históricas necessárias nesse resgate identitário a fim de tornarem-se marcos desse passado em comum, poderiam ser posicionadas de acordo com a necessidade de cada indivíduo ao serem usadas como justificativa e ferramentas na construção de si.

Essa identidade fluida condiciona o sujeito à uma posição constante de questionamentos, o que desencadeia uma constante busca por locais fixos, estejam eles presentes na memória, na noção de cultura, no que é considerado familiar, no próprio conforto do que pode ser considerado “lar”, na religiosidade, ou, até mesmo, na mitologia local. Essa busca por estabilidade passa a necessitar de mais ferramentas que a sustentem, outros mecanismos que tornem justificado o uso da história “comum” como peça essencial, partindo desde à busca pela própria ancestralidade familiar ou até mesmo ao aumento do consumo de mídias que relatem a vivência e proporcionem um “reencontro com o passado”. É a partir dessa noção de fluidez que nos propomos a analisar essas ferramentas utilizadas por imigrantes na construção de si, tema do nosso próximo capítulo.

2.2 A literatura e o resgate identitário

2.2.1 A escrita migrante em função da manutenção identitária.

Sabe-se que a escrita é usada como ferramenta para o registro da vida e dos sentimentos humanos desde Antes de Cristo, neste caso, os registros mais antigos vindo das gravuras rupestres. O ser humano costuma encontrar na arte de escrever, o refúgio de registrar seus dilemas, alegrias, cóleras e dúvidas seja como uma forma de documentação, desabafo ou até mesmo provocação e, como veremos neste capítulo, como forma de resgate identitário, um reencontro consigo mesmo.

A escrita de imigrantes, ao final do século XX, encontrada de forma massiva no Quebec, deu início a uma nova modalidade na literatura contemporânea, fazendo nascer a agora chamada e reconhecida como literatura migrante, composta de relatos e histórias de homens e mulheres imigrantes, sejam eles exilados ou não. Caracterizada pela hibridação de temas, abrangendo modalidades desde à autobiografia até a ficção, a literatura migrante funciona como auxiliadora no que diz respeito aos registros de memórias e vivências de imigrantes, atuando como um recurso importantíssimo ao tornar palpável, por meio do registro, a luta e os preconceito sofridos como consequência de uma vida condicionada às trincheiras culturais.

Segundo Daniel Chartier, a literatura migrante “[...] faz parte do movimento mais geral do pós-modernismo que [...] põe em questão a singularidade dos referentes culturais e de identidade” (Chartier, 2002, p. 303, tradução nossa). Essa modalidade surge com o propósito de questionar os processos aos quais os imigrantes são submetidos, tanto no país de destino, ao longo da imigração, quanto em seu país de origem, desde sua cultura local até o momento de retorno. As indagações encontram vários alvos ao longo da vivência em exílio e podem estar direcionadas às tradições com as quais os indivíduos migrantes crescem, por exemplo, ao serem confrontados com essa nova cultura, ou, caso haja uma abordagem essencialista, esses questionamentos se direcionariam ao alvo da recepção, a esse novo país com o qual o sujeito é obrigado a interagir e a essa nova realidade na qual o indivíduo precisa encontrar alguma forma de sobrevivência.

Mesmo assim, apesar de ser uma modalidade de escrita dedicada à vivência migrante, ainda existem diversas dúvidas que permeiam o tema. Quando falamos de uma literatura voltada para o registro de histórias sobre exílio e vivências às margens, não é incomum pensarmos em obras escritas de imigrantes para imigrantes. Entretanto, a realidade não condiz com essas expectativas.

As obras pertencentes a essa modalidade não se esgotam apenas em autores que vivenciaram o exílio em primeira mão, nem àqueles que partiram em busca de um encontro com a própria ancestralidade. Existem obras que retratam as dificuldades de uma existência à deriva social construídas por autores que não foram testemunhas nem mesmo foram vítimas desses confrontos. Essas obras não deixam de pertencer à categoria por esse motivo. As dúvidas voltadas para o quão abrangente pode-se considerar a literatura migrante e como localizar essas produções acompanham o tema desde sua emergência e ainda não foram solucionadas de forma que haja um consenso entre os estudiosos. Seria ela referente apenas aos autores que vivenciaram o processo de imigração e fisicamente deixaram seus países? O quão inclusiva seria essa modalidade de escrita? Tal literatura seria apta para abarcar esses autores que, apesar de decidirem tratar do tema da imigração, não são imigrantes pessoalmente, em conjunto com os que sofreram o processo de imigração?

De qualquer forma,

quaisquer que sejam as questões levantadas, (...) a maioria dos críticos associam a escrita migrante com uma poética “por meio da qual noções de movimento e deriva, centrais para a experiência de imigração, exílio e identidade cultural são expressadas”¹ (Carrière e Khordoc, 2008 apud Ireland e Proulx, 2009, tradução nossa).

É por meio dessa escrita migrante que somos inseridos nas lutas e adversidades enfrentadas por indivíduos condicionados às margens sociais. A habilidade e disposição dos autores de relatar a experiência da imigração de forma artística e literária nos permite um *insight* dos problemas e conciliações que acontecem na busca do indivíduo migrante pelo seu local de reconhecimento no mundo, tanto em um primeiro deslocamento quanto em seu processo de retorno à terra natal. Segundo Carole Davies (1994), o processo de imigração implica uma espécie de (re)negociação de identidades sendo um sistema no qual o indivíduo migrante tem a oportunidade de se adaptar à sociedade a sua volta, seja agregando, transformando e alterando sua forma de identificação pessoal, sua visão de si mesmo, com novas características ou encontrando maneiras de manter as particularidades daquilo que considera crucial para sua identidade, o que constitui parte de si próprio e o permite ser alguém único.

As obras artísticas desses autores são capazes de nos transportar ao longo desse processo, fazendo uso do interlocutor como testemunha de sua experiência. No caso da literatura migrante, o leitor é conduzido por uma espécie de “reencenação”, uma “reelaboração” do passado e do presente, um momento de revisitação a tudo o que fez e ainda faz parte da essência desse indivíduo. Ao presenciar a história migrante, controlada e

organizada por aquele próprio que a vivenciou, somos convidados a adentrar essa nova realidade e a experienciar tais ocorrências em conjunto. Tanto os momentos de consolação quanto os maiores algozes, o escritor migrante permite que o interlocutor conheça e vivencie em primeira mão seus atos de coragem, o sentimento de abandono, o luto da perda, a dor do não-pertencimento e tantos outros episódios muitas vezes extremamente distantes do imaginário popular.

O processo de escrita permite que o autor, seja ele imigrante ou não, tenha controle sobre os fatos que acometem sua história e possa, até certo ponto, reencontrar em si o acontecimento traumático da imigração ou do exílio, seja ele físico ou não. Todavia, o ato de permanecer em convivência ininterrupta com um evento tão imprescindível quanto o processo migratório, capaz de ocasionar não apenas desconforto permanente, mas grandes traumas psicológicos, transforma a literatura em um refúgio devido à sua possibilidade de reconstrução, re-ambientação e até mesmo a oportunidade de reescrever as próprias atitudes e condutas. A literatura migrante impulsiona tanto o autor quanto seus leitores em direção a um posicionamento mais significativo do que o testemunhal, permitindo-os ressignificar um local de angústia e transformá-lo, para além da aflição, também em um ponto de refúgio em meio às dores do presente ocasionadas pelos traumas passados. As histórias migrantes detêm o poder de uma revolução a nível pessoal.

O poder da narrativa migrante é justamente devolver o controle da própria história e entregá-la nas mãos do indivíduo de forma em que possa decidir o que fazer, quais medidas tomar para melhor lidar com os acontecimentos, o que deve ser preservado como fator importante e intrínseco de sua história e o que precisa ser descartado ou alterado para que esse novo relato idealizado seja tão impactante quanto ou, ao contrário, possa ser contado com menor impacto do que a sua própria realidade. Como parte essencial da aceitação, o permitir-se recontar, reviver o passado, ou até mesmo, as consequências que tal evento proporcionou pode ser uma etapa essencial para a nova formação identitária. Segundo Campos (2017),

A fase narrativa é, portanto, determinante para a reintegração, reorganização e controle da vivência dolorosa, na medida em que a vítima reelabora o “passado que não passa” e se faz constantemente presente em forma de sintomas. O traumático não é o acontecimento em si, mas a sua lembrança (Campos, 2017, p. 682).

O ato de narrar a própria história, mesmo que lançando mão de recursos como a criação de outros personagens, outros contextos e outras ambientações, é capaz de impulsionar uma mudança no ato de vivência da memória. Agora no controle de sua própria narrativa, o escritor da literatura migrante domina a interação com suas lembranças de forma a tornar-se

capaz de reescreve-las, mesmo que essas ainda o espantem. Esse “passado que não passa”, como aponta Campos, agora é tomado à força, obrigado a se movimentar dentro da ambientação escolhida e arquitetada pelo sujeito constantemente intimidado por essa memória, para que os traumas ressignifiquem-se e funcionem como alavanca para a adaptação e transformação identitária.

As lembranças dos eventos traumáticos são o que “assombram” as vítimas e, predominantemente, o que as obriga a reviver todos os traumas de forma contínua. Em um contexto de imigração, essa lembrança tem potencial para emergir todos os dias. Em cada confronto cultural, cada contraste social e cada interação com nativos; em cada leitura de ambiente performada pelo indivíduo, em cada momento de reflexão, a cada triunfo e a cada fracasso. A memória do trauma passa a “manchar” as experiências e momentos agradáveis que podem ser vivenciados tornando até mesmo acontecimentos que seriam lidos como conquistas importantes em vivências dolorosas.

Nesse terreno fértil de reestruturação, o resgate da ancestralidade, aquela que me permitiu ser o que sou, o legado dos que vieram antes do nascimento do sujeito e que influenciaram, direta ou indiretamente, a própria visão de si; atrelados à (re)ambientação e à (re)contextualização dos traumas que transformaram a identidade, fazem, não só da literatura migrante, mas também da narrativa de filiação, ferramentas essenciais para o auto(re)conhecimento. Sendo a narrativa de filiação a modalidade literária que se compromete com o resgate da própria história sem que a obra se torne uma autobiografia, o autor encontra a oportunidade de apresentar a experiência do outro, pelos olhos do outro —mesmo que esse seja apenas imaginado—, a partir da realidade do outro, mas como quem conta de si próprio. De acordo com Viart (2009), “o relato do outro —pai, mãe ou tal antepassado— é o desvio necessário para chegar a si, para se compreender nessa herança: a narrativa de filiação é um substituto da autobiografia”² (Viart, 2009, p. 80, tradução nossa).

Atuando não raramente em conjunto, as duas modalidades de escrita oferecem a oportunidade de contar a própria história a partir da referência de como o outro se faz presente em mim e como é possível manejar essa influência sem que minha noção pessoal de quem sou seja afetada. A narrativa de filiação ocupando-se de relatar quem sou a partir da descoberta do próprio passado, da própria ancestralidade e como sou capaz de existir a partir desse descobrimento, como me encontro em minha própria história; e a literatura migrante cumprindo a função de quem conta sobre como me transformo a partir da vivência às margens, dos traumas e triunfos que o entre-lugar proporciona.

Utilizando a literatura como ferramenta de exposição de si próprio, e lançando mão da própria vulnerabilidade ao revirar o passado e a memória, a narrativa oferece o poder de escolha e de manutenção daquilo que considera-se essencial a nível pessoal. Da mesma forma, é evidente que tal instrumento também nos dá o poder de reformulação daquilo que causa dor e desconforto, instigando os autores a ir ainda mais longe dentro de si próprios ao avaliar os traumas, problemas e impactos sofridos ao longo de uma ancestralidade intrínseca dentro de cada um. É a partir disso que a literatura migrante se constrói, oferecendo um ambiente seguro e propício à reinvenção no qual a narrativa e o outro são os espaços em que a própria história sobrevive.

2.2.2 A mulher negra em exílio

Como argumentado ao longo deste trabalho, a imigração em si, como vivência, é um processo multifatorial capaz de englobar fatores físicos e psicológicos do sujeito migrante. A partir dessa noção, é importante apontar que, justamente por compreender múltiplos fatores, os resultados dessas interações sociais irão variar de pessoa para pessoa, alterando de forma única a identidade e a visão de si dos próprios indivíduos condicionados a essa posição de vulnerabilidade. Tais fatores podem abranger todos os níveis sociais considerados importantes e/ou decisivos para o país anfitrião, variando desde cor da pele, poder aquisitivo, nível de educação formal, idade, local/país de origem etc. Entre eles, uma variante que se destaca e que detém o poder alterar de forma crucial a maneira como esses sujeitos vivenciam a imigração é o fator gênero/sexo.

Historicamente, indivíduos que se identificam com o gênero feminino encontram-se em desvantagem social, de maneira frequente, essas pessoas ainda são lidas como “sexo frágil”, entendidas como mais vulneráveis e “emocionais”. Tais interpretações ocupam um local decisivo para a emergência do movimento feminista no início do século XX, por exemplo. A luta das mulheres pela conquista de direitos iguais na sociedade teve início na contemporaneidade, e detém grande relevância nos dias atuais. Mesmo com os avanços tecnológicos e acadêmicos, a necessidade de um movimento que dê voz às mulheres oprimidas na sociedade —impedidas de manifestar suas dores e infortúnios, desvalorizadas emocional e fisicamente, questionadas de forma constante pelo patriarcado institucionalizado— é latente.

Quando voltamos nosso olhar à mulher negra, percebemos que os atos de violência se multiplicam. Após a vergonhosa Era da Escravatura, a qual fez vítimas a nível mundial, em alguns países sendo mais duradoura do que em outros, encontrar-se não somente como mulher, mas também ser entendida como negra, posiciona o indivíduo, ao mesmo tempo, em dois grupos sociais desvalorizados, elevando a violência sofrida por elas e a necessidade da luta para ter sua própria voz assimilada e pela emancipação social. Além das questões únicas de preconceito, todas as problemáticas que acometem a mulher branca também atingem a mulher negra de forma distorcida e amplificada, fazendo com que haja a necessidade de criação de um espaço que as permita articular suas dores e infortúnios e as proporcione acolhimento genuíno ao invés do comum e recorrente questionamento enviesado.

Por ser alvo de várias formas de preconceito e exclusões sociais ao longo da história, o processo migratório pode se tornar uma realidade ainda mais dramática para essas

mulheres negras. Segundo uma publicação de 2001 feita pelo *International Labour Office (ILO)*, *International Organization for Migration (IOM)*, *Office of the United Nations High Commissioner for Human Rights (OHCHR)*, intitulada *International Migration, Racism, Discrimination and Xenophobia*, mulheres e crianças imigrantes e/ou refugiadas estão em uma posição ainda maior de vulnerabilidade. Segundo o texto, esses indivíduos estão ainda mais propensos a sofrerem atos de exploração e outros tipos de abuso, incluindo atos violentos e de hostilidade impulsionados pela xenofobia.

Ainda de acordo com a produção citada, essas pessoas podem ser lidas como uma “dupla ameaça”. O fato de encontrarem-se em duas classes sociais —ser estrangeiro e do sexo feminino— amplifica as dificuldades de sobrevivência, tornando ainda mais desafiador o acesso à direitos básicos como usufruir de processos legais e captar a atenção de oficiais públicos. Ou seja, quando o sujeito encontra-se nessas duas categorias sociais, ambas entendidas e condicionadas socialmente a esse local de desvalorização e inferioridade, até mesmo o básico, aquilo ao qual o acesso de toda a população deveria ser garantido e assegurado, torna-se um obstáculo.

A partir disso, entende-se também que a inevitável crise de identidade que acomete mulheres negras e imigrantes pode ser ainda mais dramática. Deslocar-se de um local de desvalorização, colocando-se em busca de refúgio, e ao mesmo tempo, sem advertência, encontrar-se em uma posição ainda mais precarizada e inferiorizada, é capaz de afetar de forma devastadora a visão de si dessas mulheres. É nesse contexto que a narrativa global de incentivo à imigração falhou, continua falhando e falhará: ao glamourizar e inflar as supostas vantagens desse deslocamento e não considerar ou nem mesmo preparar essas mulheres e os outros grupos sociais para os tipos de preconceito e barreiras que inevitavelmente enfrentarão, todos esses obstáculos os quais serão posicionadas em seus caminhos por essa mesma narrativa.

A negociação identitária nesse contexto é ainda mais drástica e essencial para a sobrevivência social da mulher negra nessa nova sociedade, a qual a compreende como um inconveniente, e, ainda mais grave, como ameaça. Essa colisão de culturas, costumes, comportamentos e contextos detém a capacidade de trazer à tona novas questões que não eram nem mesmo pensadas ou sequer percebidas em seu local de origem. Ao sair de uma comunidade negra e lançar-se em direção à uma comunidade predominantemente branca, por exemplo, pequenos hábitos, religiosos ou tradicionais da própria cultura local, referentes ao próprio comportamento ou à linguagem, serão certamente questionados e apontados.

Em seu país de origem, entende-se que a mulher negra já enfrenta problemas sociais que lhe foram pré-estabelecidos, muitas vezes, antes de seu nascimento. Quando passa a ser vista pela sociedade não exclusivamente como “mulher negra”, mas como “mulher negra e imigrante”, torna-se necessário que sua luta tenha como alvo não apenas as barreiras milenares que lhe foram impostas: agora sua batalha precisa ser travada com o objetivo de conquistar e negociar um espaço além do seu, socialmente breve, local de fala. Trata-se de uma luta não resumida ao reconhecimento de seu valor social, mas também pelo seu próprio reconhecimento. A mulher negra precisa ser capaz de negociar os aspectos que serão renovados em sua identidade com os novos aspectos que antes não eram problemáticos, mas que agora podem se tornar, e encontrar em meio a eles uma forma de se reconhecer nesse novo contexto. Sua luta agora é ainda mais identitária.

Essa problemática impulsiona a necessidade de encontro de um local de refúgio. Seja por meio de organizações governamentais, seja por meio do (re)encontro de familiares ou até mesmo de desconhecidos que um dia vivenciaram a mesma situação, a criação de um local seguro, para e por essas mulheres, que seja capaz de fazer com que sintam-se escutadas e no qual possam ter suas necessidades atendidas é um passo essencial na negociação identitária. É nesse contexto que a literatura migrante atua.

Por sua eficácia na criação de espaços de questionamentos e pela capacidade de renovação de contextos, a literatura migrante se torna uma ferramenta por meio da qual mulheres imigrantes se emancipam. Atuando no controle da própria história e destino, essas autoras utilizam da esfera oferecida pela escrita para questionar e deixarem-se ser questionadas pelos novos acontecimentos e pela própria ancestralidade. A negociação identitária acontece por meio da literatura de forma decisiva e revolucionária, devolvendo o poder às mãos do desvalorizado, oferecendo a essas mulheres novas perspectivas, uma possibilidade de reinvenção e reestruturação. A escrita da mulher negra é seu espaço de (re)descoberta.

Segundo Davies (1994),

A re-negociação de identidades é tão fundamental para a imigração quanto é para a escrita da mulher negra em contextos transculturais. É a convergência de múltiplos lugares e culturas que renegocia os termos da experiência de mulheres negras e que, por sua vez, negocia e renegocia suas identidades³ (Davies, 1994, p. 02, tradução nossa).

A partir desse espaço de renovação, a escrita de mulheres negras necessita dessa negociação de si mesma para que possa cumprir seu papel. As questões identitárias, agora nos voltando de forma mais específica para as escritoras afro-caribenhas, segundo

Davies (1994), são decisivas para a (re)descoberta e (re)definição de si mesmas. A partir do princípio de que a literatura atua justamente oferecendo uma esfera controlada, depositando o poder da própria história nas mãos dessas autoras, as questões identitárias na literatura surgem de forma orgânica para a mulher migrante a partir da convergência de variados espaços e papéis sociais aos quais são condicionadas. O ato de vivenciar, não apenas o estar vinculado a uma função social, mas de assistir essa mesma função se alterar e, muitas vezes, coincidir com outras antes não imaginadas, impulsiona a literatura produzida por essas mulheres para que atue de forma essencial para a reconstrução de si mesma.

A essência multifatorial do existir enquanto ser humano e, especialmente, feminino, impulsiona o papel dessas obras não apenas elevando-o à revolução pessoal de se reimaginar, mas também interligando-o às questões de hereditariedade. Reimaginar-se como mulher inclui revisitar os espaços ocupados por mulheres antes de si e encontrar-se a partir deles. A ancestralidade ocupa papel essencial na visão de si da cultura afro-caribenha e a figura feminina antepassada posiciona-se em um local ainda mais primordial na identidade dessas mulheres. Relembrar o passado é, muitas vezes, transformar o presente e reencontrar-se além de si mesmo. Essas questões de herança, identidade e gênero encontram-se intimamente vinculadas nessa modalidade de escrita. A partir disso, entende-se que

a questão da identidade das escritoras afro-caribenhas/americanas envolve uma autodefinição que leva em conta a natureza multifacetada da existência humana e da identidade feminina. Assim, em todos os casos, é uma tarefa fútil tentar separar as questões de herança/identidade das questões de gênero/identidade⁴ (Davies, 1994, p. 86, tradução nossa).

Dessa forma, a escrita dessas mulheres negras, migrantes e afro-caribenhas, e a literatura que produzem, encarrega-se de lidar com tudo aquilo que o “ser” significava no passado, significa no presente, e irá significar no futuro a partir dos inúmeros questionamentos sociais que enfrentam e que se alteram de acordo com a sociedade na qual estão inseridas. A forma com a qual se propõem a encarar e a solucionar essas problemáticas da imigração, irá influenciar diretamente em sua escrita e produção. É esse contexto o qual possibilita que a literatura de mulheres negras e migrantes seja dissemelhante a outras modalidades de escrita.

A variante pessoal, que conta com os fatores familiares, as formas com as quais esses indivíduos foram educados ao longo de seu desenvolvimento, a maneira com que se estabeleceram dentro de suas próprias culturas e sociedades; combinada com as variantes locais, de características geográficas e geopolíticas da sociedade em questão, da história e tradição do país anfitrião, das normas e padrões pré-estabelecidos de gênero e patriarcado, formam colaborações inesperadas e resultam em produtos imprevisíveis. É a partir dessa

combinação que a literatura migrante de mulheres negras ocupa lugar essencial em sua negociação identitária: ao permiti-las explorar essas possibilidades em um universo controlado por si mesmas.

São esses novos horizontes identitários, baseados em questionamentos, preconceitos e renovações, que fornecem combustível para que a escrita dessas mulheres atue como peça principal desse novo espaço de acolhimento criado por elas mesmas. Com a habilidade de questionar, reinventar, aproximar e distanciar, a si mesma e aos outros, da realidade e da própria ancestralidade, a literatura migrante produzida por mulheres negras cria e reinventa a si mesma revolucionando esses espaços únicos habitados por elas. Nessa perspectiva, fica claro que “as mulheres migrantes são confrontadas com outras dimensões de discriminação. (...) A procura resultante de uma identidade feminina face às pressões normativas de duas culturas dá à escrita das mulheres migrantes a sua perspectiva distintiva”⁵ (Fisher; McGowan, 1995, p. 49, tradução nossa).

Assumir o posicionamento de uma escrita migrante, originado de uma identidade e perspectiva feminina é abraçar essa colisão de mundos e fazer dela terreno fértil para sua própria reinvenção. O ato de questionar a si próprio e a sociedade à sua volta transforma-se na atividade de, perspicaz e conscientemente, mover-se para fora da bolha a qual esses grupos estão condicionados, é colocar-se além daquilo o que é esperado de um posicionamento às margens sociais. Remover-se desse local de opressão e lançar-se em busca de um novo contexto que melhor lhe convém, procurando melhor compreender a si mesma e encontrar-se em sua própria história ancestral é o papel que a escrita migrante de mulheres negras desempenha. Reinventar-se a partir da escrita também é um ato político e revolucionário.

Essa modalidade é fruto e consequência de uma existência como indivíduo às margens, visto que a literatura tem como uma de suas funções registrar as experiências de vida desses sujeitos. Essa escrita habita o local único de, simultaneamente, pertencimento e questionamento, manutenção e renovação, construção e desconstrução; e é essa a característica que a permite transmitir aos leitores a experiência existencial do entre-lugar. É essa essência plural que transforma essas obras em forças catalisadoras das questões identitárias dessas mulheres e impulsiona sua força e seu alcance, tornando possível que atue e influencie locais identitários remotos.

Usufruir da natureza múltipla e do potencial diverso das questões identitárias, permite que a escrita da mulher negra tenha potencial para fugir dos padrões de uma escrita unicamente feminina ou unicamente migrante. As nuances das obras de autoras negras migrantes são tão plurais e fluidas quanto suas próprias identidades e esses dois elementos

estão interligados de maneira intrínseca. As questões de identidade— seja por meio dos questionamentos, das concepções ou exclusões— que permeiam a vivência dessas autoras são inevitavelmente transferidos também para suas obras que se tornam tão questionadoras, implacáveis e conscientes quanto quem as escreve.

Devido a esse vínculo, seria um erro tratar a literatura dessas mulheres como qualquer elemento que não um multifacetado e interdisciplinar. Além disso, ao olharmos para essas obras, não podemos limitar-nos a observar apenas a forma com que foram escritas, o desenrolar do enredo ou o desenvolvimento das personagens. A competência dessa modalidade é muito mais ampla. É por meio dessa literatura e de sua função de delatora das lutas diárias dessas categorias sociais que somos capazes de ter um pequeno vislumbre dos posicionamentos ideológicos e também políticos. A forma como denunciam suas negociações identitárias é também a forma como lidam com o mundo ao seu redor e, por fim, a forma como escrevem. Segundo Davies (1994),

o reconhecimento de tantas identidades quanto as existentes (ou do carácter inerentemente plural da identidade) assegura que o indivíduo não está a colocar-se em posição de opressão. (...) como a experiência também é ideologicamente produzida, e a experiência da mulher negra é o que a escrita da mulher negra pretende expressar, estamos também examinando simultaneamente posições ideológicas e discursivas de algumas mulheres negras que são escritoras⁶ (Davies, 1994, p. 22, tradução nossa).

Por abranger uma natureza de denúncia, essa literatura acaba por habitar um entre-lugar fluido e mutável. Essa capacidade de mudança compreende uma espécie de movimento, fato que a permite transitar entre temas e problemáticas não apenas identitárias, mas também culturais, de gênero, e de diversas outras classes. Não obstante, essa mesma fluidez impulsiona um carácter complexo que mantém a essência dessas obras cada vez mais multifacetada e heterogênea.

As fronteiras que cercam essa temática acabam por ter sua delimitação cada vez mais maleável conforme a imigração e a negociação identitária alteram o autor de forma progressivamente mais drástica, mesmo que, por vezes, de maneira sorrateira. Traçar locais exatos nos quais o objeto literário supostamente começaria e outro no qual terminaria, na ocasião em que esse objeto engloba questionamentos pertencentes a mais de uma área e, além disso, segue abrangendo outras, transforma a tarefa de delineamento em uma ainda mais árdua, pois esse seria também um exercício que caminha em direção à uma fixação temática a qual contradiz a natureza multifacetada e híbrida da literatura migrante.

Quando nos referimos à escrita de mulheres negras, é importante destacarmos que esses trabalhos devem ser lidos

como uma série de atravessamentos de fronteiras e não como uma categoria de escrita fixa, geográfica, étnica ou nacionalmente vinculada. Em perspectivas transculturais, transnacionais, translocais, diaspóricas, esta reformulação dos fundamentos da "Escrita da Mulher Negra" redefine a identidade, afastando-a da exclusão e da marginalidade. A escrita/existência da mulher negra (...) redefine a sua identidade à medida que se reconecta e se reintegra, reúne mulheres negras deslocadas pelo espaço e pelo tempo⁷ (Davies, 1994, p. 03, tradução nossa).

Lidar com esse tipo de pluralidade oferece uma perspectiva única e privilegiada de resgate às autoras. A flexibilidade de falar de si por meio do outro e de resgatar sua própria ancestralidade em meio ao novo, acaba, como já argumentamos, construindo um espaço seguro de fala para outras mulheres, também negras e também imigrantes. É por meio de suas palavras que o passado e o presente se reúnem, não apenas ao seu redor, mas em comunidades tanto em seu país de origem quanto no país anfitrião. O ato de afastar-se de um local pré-determinado em sociedade e deslocar-se, física, social e psicologicamente, em direção ao desconhecido, capacita essas autoras para a reescrita, por vezes literal, de si mesmas. A escrita da mulher negra redefine sua identidade enquanto reúne e resgata outras mulheres vitimizadas pela história.

3. MARIE-CÉLIE AGNANT: DO HAITI AO CANADÁ

Nascida em Porto Príncipe, no Haiti, em 1953, Marie-Célie Agnant é poeta e romancista, tendo emigrado para o Quebec, local onde reside até os dias atuais, desde 1970. A autora mudou-se para o Canadá buscando refúgio do período ditatorial dos Duvalier que afligiu o Haiti durante o final da década de 50 até o final da década de 80 (François Duvalier, popularmente apelidado de *Papa Doc* [1957-1971] e Jean-Claude Duvalier, conhecido como *Baby Doc* [1971-1986]). Ainda adolescente, com apenas 15 anos, Marie-Célie Agnant inicia seu processo de imigração e exílio, e usa dos traumas como combustível para sua literatura, escrevendo sobre o tema de forma recorrente.

Ao longo de seu relato de imigração, em uma entrevista para Patrice Proulx (2006), a autora aponta que tal decisão foi familiar e não apenas por um desejo mas por uma necessidade. Agnant relata que, na época, muitas pessoas deixaram o país em busca de exílio e que, para sua família, partir não era uma questão de “se”, mas de “quando”. Na entrevista lê-se: “Certos membros de minha família desapareceram sob o regime de Duvalier, membros muito próximos, e era uma família que sempre foi *anti-Duvalierista*, de maneira verdadeiramente inequívoca”⁸ (Agnant, 2006 In: Proulx, 2006 p. 46, tradução nossa).

Fluente em quatro idiomas: inglês, francês, *créole* e espanhol, a autora possui obras traduzidas para vários idiomas, além dos citados, o coreano e o alemão. No início de sua imigração, trabalhou como tradutora e intérprete em prol da comunidade Haitiana residente no Quebec, atuando também como professora de idiomas e chegou a abrir um restaurante antes de dedicar-se exclusivamente à escrita. Agnant se lançou no mercado editorial com seu primeiro livro de poemas *Balafres* em 1994, no ano seguinte publica seu primeiro romance, *La Dot de Sara* (1995) e em 1997 lança “*Le silence comme le sang*”, um livro de contos. No início dos anos 2000 publica os romances *Le livre d’Emma* (2001), *Un alligator nommé Rosa* (2007) e em 2009, mais uma coleção de poemas: “*Et puis parfois quelquefois*”. A partir desse período suas obras passam a variar entre poemas e obras de literatura infanto-juvenil.

Suas narrativas, mesmo que ficcionais, possuem algumas características em comum, entre elas, a narrativa de filiação e os impactos da imigração. Em suas obras encontramos diversos relatos de negociações identitárias, suas personagens, não raramente, mulheres negras que passaram por algum processo traumático, buscam em sua própria ancestralidade, respostas para o momento em que vivem, investigação que as permite reestabelecer um contato familiar muitas vezes esquecido e/ou ignorado. Devido à sua própria experiência de vida como mulher negra e imigrante, o retrato do exílio, os impactos da

imigração, a busca pela ancestralidade e a superação dos danos que o processo de abandono da própria cultura causa, permite que suas obras sejam lidas e, muitas vezes, classificadas como uma literatura de autoficção, uma narrativa de filiação capaz de narrar a si própria a partir do olhar do outro.

Seus trabalhos estão sempre marcados por uma busca pela infância, uma reconstrução do passado, que impulsiona seus próprios personagens a encontrar justificativas e motivações que premita-os prosseguir. Segundo Collette Boucher,

A linguagem da infância é sempre importante nos romances de Marie-Célie Agnant. É a linguagem da transmissão e a linguagem transmitida. Uma linguagem de emoção, muitas vezes se opõe à língua oficial ou à do invasor (Boucher, 2013, p. 23, tradução nossa).

Essa linguagem, apresenta uma nova face à uma problemática identitária presente e recorrente nos trabalhos da autora. Suas personagens exibem questionamentos atuais que nos encaminham em direção à uma viagem de volta ao próprio início de vida, à integração social dessas personagens, problemáticas essas que serão justificadas e, até mesmo, solucionadas, a partir dessa perspectiva infantil direcionada aos eventos trágicos pelos quais foram atravessadas. Sua escrita permite que acompanhem a evolução de seus personagens em um momento de fragilidade e negociação identitária, lançando uma nova luz sobre essa busca pela ancestralidade sob um olhar motivado pelo resgate da infância.

A dualidade que o resgate da linguagem infantil acrescenta em suas obras, adiciona ainda mais uma camada aos seus trabalhos. Como dito por Boucher (2013) acima, é uma linguagem que não apenas se destaca pela emoção, mas também se opõe à língua oficial, ou à língua do invasor. Esse resgate permite que o contraste entre “aquilo que sou” e “aquilo que o outro é” se intensifique ainda mais na vivência desses personagens, adicionando uma outra discrepância para além das diferenças tidas como nítidas, ou, até mesmo, óbvias. Essa nova perspectiva lançada sobre essa dissemelhança não passa a existir a partir do momento em que é apontada na escrita da autora, mas é resgatada juntamente com as memórias do passado. A duplicidade do “eu” migrante é intensificada por meio do processo de resgate de si mesmo.

A autora utiliza dessa linguagem da infância não apenas para resgatar o próprio passado e o de suas personagens, mas também para disseminar essa ancestralidade revisitada. Contos infantis, ditados populares, brincadeiras, lendas e, até mesmo, cantigas que estão presentes no imaginário infantil de crianças Haitianas —inclusive transcritas em sua língua materna, o *créole*, como em *La dot de Sara* (1995)— são resgatados e evidenciados por meio de suas obras. Essas passagens têm o poder não apenas de resgate, mas de dispersão. Ao

testemunharmos sua literatura, somos contagiados pela identidade cultural e nacional da qual a autora lança mão tão habilmente. Agnant utiliza do passado como recurso para a reconstrução do presente.

Apesar disso, a perspectiva ancestral e a busca por soluções a partir de si mesmo não é fato recorrente apenas em sua escrita, mas traço essencial em obras de escritores migrantes. O resgate de si é uma das características centrais da literatura migrante, entretanto, a literatura de Marie-Célie Agnant nos permite uma visão atravessada e imersiva dentro das negociações identitárias de seus personagens. Em seus livros, seus personagens passam por questionamentos que vão além de si mesmos. A autora faz questionamentos que não se esgotam nas personagens, mas estendem-se à própria cultura, aos próprios costumes e, não raramente, ao próprio país. A problemática identitária no trabalho da autora não cessa no “eu” e direciona-se para além do próprio indivíduo, transpassando-o com questionamentos do mundo à sua volta e, principalmente, do mundo que deixou para trás no momento de sua imigração. Proulx afirma:

assim como ocorre com outros escritores migrantes, a visão literária de Agnant— sua capacidade de “ver” outras culturas e de refletir sobre a sua própria de uma nova maneira— pode ser entendida como transgressiva, contrariando as conceitualizações hegemônicas da identidade nacional com uma noção mais fluida e híbrida do eu⁹ (Proulx, 2005, p. 36, tradução nossa).

Em seu trabalho a autora vai na contramão das noções tradicionais de identidade, apresentando personagens que se movimentam de forma constante dentro de si mesmos em busca de entendimento. Agnant não hesita em dissuadir, questionar, atravessar e reconstruir seus personagens, fato que concede à sua literatura a necessidade e capacidade de transformar-se para abarcar todas as questões com as quais flexiona os limites da identidade. A autora aborda suas histórias de forma direta, não deixando-se estagnar pelas ansiedades que a revisitação do próprio passado pode causar.

Em entrevista à Patrice Proulx¹⁰, em 2005, a autora aponta que seu objetivo como escritora é justamente recontar histórias e buscar a ancestralidade a partir da memória coletiva e individual. Agnant relata que parte de sua infância, entre os nove e quinze anos, período no qual viveu a ditadura Duvalier no Haiti antes de exilar-se no Canadá, foi perdida e o sentimento de necessidade de resgate desse passado serviu de impulso para sua literatura. Esse passado fracionado, atravessado pelas atrocidades do regime de *Papa Doc*, transformou-se, por fim, em combustível para que a literatura migrante pudesse performar seu principal papel de resgate ancestral na vida dos indivíduos migrantes.

Indicada à um dos prêmios mais prestigiados do Canada, o *Prix du Gouverneur Général* por *Le silence comme le sang* em 1996, Marie-Célie Agnant ganhou em 2014 o prêmio *Prix de création en prose* entre os prêmios de excelência da *Société de développement des périodiques culturels (SODEP)* pelo texto “*Sofialorène, si loin de la délivrance*” publicado na revista *Relations*, volume 767, em setembro de 2013; e no ano de 2017 ganhou o prêmio *Prix Alain Grandbois* da *Académie des Lettres du Québec* pela obra *Femmes des Terres Brûlées* (2016).

Em 2023, Marie-Célie Agnant foi apontada como poeta Laureada oficial do Governo canadense, cargo de duração de dois anos. Ao ocupar tal cargo, seu ofício pelos próximos dois anos consistirá na composição de poemas para ocasiões e eventos especiais e de maior destaque promovidos pelo governo, além de promover eventos destinados à importância da literatura e da poesia. O Canadá indica autores para ocupar o cargo desde 2001, ofício de grande importância para a celebração da cultura do Quebec, o qual foi ocupado pela primeira vez por George Bowering durante os anos de 2002 até 2004.

A força da literatura migrante de Marie-Célie Agnant resgata o passado e transforma o presente a partir da resiliência de uma mulher negra, e é essa a importância e vivacidade de seus trabalhos, encurtando distâncias, enfrentando traumas e reconectando-se à uma história que se faz presente de forma constante.

4. LA DOT DE SARA (1995)

Primeiro romance publicado por Marie-Célie Agnant em 1995, *La dot de Sara* relata a história de Marianna, uma mulher negra que vive no Haiti mas decide ir para o Canadá a pedido da filha, Giselle, que está perto do fim de sua gestação. Marianna larga toda sua vida e seu lar no Haiti e parte para o estrangeiro planejando passar apenas alguns meses longe de sua casa, mas acaba ficando vinte anos antes que decida por retornar. Ao vivenciar o crescimento da neta, Sara, Marianna não consegue se despedir da menina, por quem sente uma profunda afeição e dedica-se ao longo dos anos a transmitir suas memórias, tradições e experiências de vida. A obra foi produzida inspirada em uma pesquisa com avós haitianas que imigraram para o Canadá, a qual a autora participou como auxiliar, e compromete-se em relatar a vivência da avó, Marianna, em contraste com sua própria descendência, a filha Giselle e a neta Sara.

Marianna passa por inúmeras adversidades ao longo de sua imigração. Inicialmente seu maior estranhamento é cultural, levantando diversos questionamentos sobre o comportamento das pessoas, a forma como vivem, a falta de proximidade com aqueles que estão à sua volta e até mesmo a maneira como rezam e se dirigem à Deus. Como resultado, Marianna passa boa parte dos seus primeiros anos como imigrante dentro do apartamento da filha, convivendo apenas com Giselle e a neta. Após esse primeiro momento, Marianna passa a realizar questionamentos direcionados à estrutura familiar, visto que se depara com uma péssima experiência com o pai de Sara que abandona a família e questiona também a estrutura das casas, o clima do país, a frieza dos vizinhos e a indiferença da própria filha, Giselle.

Ao longo do texto, surgem expressões, frases e ditados em *créole*, língua materna da autora e da personagem, que se propõe a ensinar à neta tudo o que conseguir sobre suas origens, incluindo brincadeira e antigas canções. Marianna auxilia na criação da neta, e conforme a menina cresce, encontra diversas semelhanças de sua própria avó, Aïda, na personalidade da garota e faz diversas comparações ao se deparar com cada vez mais afinidades entre as duas. Para ela, Sara é uma espécie de “reencarnação” da avó, traçando um paralelo entre as duas desde a forma como fala, até a forma assertiva e decidida com a qual se porta diante de suas histórias.

Enquanto luta para manter sua própria história viva e transmitir seu dote à neta, Giselle tenta ao máximo ignorar os relatos. Na verdade, os contos e histórias que Marianna transmite à Sara são, por diversas vezes, motivos de discussão e desentendimentos entre as duas. De um lado, Marianna relembra com orgulho e saudosismo as tradições e a cultura de

onde veio, e do outro, Giselle, que se recusa a associar-se com qualquer legado que venha de *Là-bas*. Para Giselle, os relatos da mãe não passam de um grande absurdo, e ela faz o que pode para impedi-la de transmiti-los à Sara.

Em contrapartida, Sara adora as histórias da avó e constantemente pede para que continue contando e ensinando suas tradições. A menina se porta de maneira curiosa, com uma grande sede de conhecimento, e não apenas absorve os contos, rimas e brincadeiras que a avó lhe ensina, mas replica-os em diversos momentos, questionando até mesmo a própria mãe com palavras em *créole* que a avó lhe ensinou. Marianna acompanha o crescimento da neta desde a primeira infância até a fase adulta, apenas retornando a sua terra natal quando a neta completa vinte anos de idade. Em todos os momentos nos quais a avó cogitou retornar, Sara intervinha, pedindo para que não a deixasse.

Inicialmente Giselle sofre com o marido irresponsável que as abandona à própria sorte e, devido a isso, Marianna passa a assumir o controle da casa e da criação da neta enquanto a filha está trabalhando. É nesse período em que se encontram sozinhas que Marianna aproveita para ensinar brincadeiras, contar histórias e rimas para Sara, longe da desaprovação e restrição de Giselle. Envelhecendo juntas, Marianna e a neta se tornam amigas, afeição intensificada ainda mais pelas semelhanças que a avó encontra entre Aïda e a neta.

Após diversas idas e vindas do marido, Giselle finalmente decide terminar o relacionamento. Anos depois, Marianna questiona Sara, já quase adulta, sobre matrimônio em busca de saber se a neta não irá encontrar alguém para dividir a vida e, mesmo após várias indagações, em momentos diversos, Sara declara a mesma coisa todas as vezes: não pensa em se casar, seu maior desejo é estudar e ser uma mulher independente. Evidenciando mais uma vez o contraste entre gerações, Marianna, Giselle e Sara, compõem uma família de mulheres negras, solteiras, imigrantes e descendentes de imigrantes sem que os relacionamentos românticos sejam uma preocupação efetiva.

Em determinado momento, após uma ida ao médico, Marianna encontra uma conhecida de infância, Chimène. O prazer do reencontro traz uma nova nuance à vida de Marianna, que passa a sair mais de casa, a conversar mais sobre as dificuldades da vida, e, ao invés de performar o papel de apenas fornecer conhecimento à neta, passa a trocar experiências e memórias com essa amiga que compartilha da mesma história e vive o mesmo contexto de imigração que ela. Reencontrar-se com Chimène finalmente incentiva Marianna a tentar sentir-se confortável nesse país estrangeiro, nessa cultura alheia da qual não se sente

parte, visto que é a partir dele que a personagem pode ser vista, ouvida e entendida por alguém que também encontra-se em estado de fragilidade.

A partir desse encontro, o romance retrata mais uma faceta da vivência migrante e mais uma possibilidade de negociação identitária das personagens: enquanto Marianna passou a maior parte de seus dias, anteriores a esse encontro, dentro de casa, convivendo apenas com a filha e a neta, sem conhecer nem mesmo os arredores do prédio em que mora, Chimène se propõe a viver uma abordagem completamente diferente. Em determinado evento, a mulher confia à Marianna que não se deixa abalar pelas críticas da filha e sai de casa sempre que pode, em busca de conhecer, aproveitar e engajar com os outros residentes da cidade. Para Chimène, apesar de dura e do desejo de retornar à sua terra, a imigração é encarada com curiosidade, como uma nova experiência, uma oportunidade de se (re)conhecer em outros lugares.

Logo em seguida, Marianna passa a frequentar reuniões em um centro comunitário com um grupo de avós, homens e mulheres, casais e viúvas haitianos, também imigrantes residentes no Canadá. Nesse momento testemunhamos os vários relatos de vida de cada um desses indivíduos, que sentem-se confortáveis o suficiente para apresentar suas histórias e suas aflições. O conforto de testemunhar a própria história em desconhecidos que partilham de um passado semelhante e de algozes ainda mais similares, transformam essas reuniões em uma experiência acolhedora e decisiva para a negociação identitária da personagem, visto que é a partir desse ponto de convergência que Marianna é capaz de situar-se nessa nova identidade após tantos anos vivendo como imigrante.

Depois de um certo período, o grupo separa-se e Marianna decide que seu tempo como imigrante no Canadá está chegando ao fim. Durante todos esses anos longe de casa, a visão familiar de seu lar e de sua propriedade é uma constante em todos os períodos de sua permanência, sejam eles mais leves ou mais dolorosos. O retorno à sua terra natal é um desejo latente em sua vida e experiência, e mesmo passando anos adiando a despedida com sua neta e filha, já com a idade avançada, Marianna percebe que seu tempo de vida diminuiu consideravelmente e um de seus maiores medos parece ainda mais próximo: morrer longe de casa.

Por fim, Marianna convence a neta de que irá partir e cumpre com sua palavra, prometendo que a levará para conhecer suas origens pessoalmente. Essa despedida é marcada pela promessa de Sara que assegura que não apenas visitará a avó, mas que também escreverá sua história e a publicará em um livro para que todos possam testemunhar seus ensinamentos.

Giselle por fim, se vê contra a partida da mãe, não compreendendo como, depois de vinte anos, Marianna ainda sente esse chamado de retorno.

Marianna parte sonhando com o dia em que levará Sara ao Haiti e se depara com uma realidade inesperada: mesmo em seu retorno ela continua vivendo como imigrante. Desde o desembarque no aeroporto até quando entra em sua casa, Marianna vive uma série de estranhamentos sobre essa terra que pensava ser familiar mas que agora, em muitos aspectos, precisa conhecer novamente. Os nativos de sua cidade não a reconhecem como familiar mais, os mais jovens a veem com estranhamento, os costumes evoluíram, os mais velhos faleceram, as faces mudaram, a única coisa que permaneceu a mesma como em sua memória foi sua própria casa, a qual deixou na confiança de um amigo de infância. Em meio a isso, Marianna que ansiava pelo retorno, agora se vê novamente negociando a própria identidade ao ser reconhecida, mais uma vez, como estrangeira.

Apesar disso, ao longo de todos os estranhamentos que vivencia nesse curto trajeto de retorno, pensa na neta, em como explicaria a situação a ela, e até mesmo o que Sara acharia dessas situações. A identidade de Marianna foi tão atravessada pela imigração que o retorno, ao invés de trazer soluções aos seus questionamentos, traz ainda mais dúvidas. Mesmo assim, a autora nos permite vivenciar esses dilemas e negociações de forma que o estranhamento de Marianna também é o estranhamento do leitor e os atravessamentos culturais também são atravessamentos de interlocução.

La dot de Sara (1995) é um romance que nos transporta pela adversidade da imigração em seus mais variados contextos e nos conduz em meio aos questionamentos e nuances identitárias, sem que efetivamente percebamos. No posfácio, encontramos uma introdução que alerta o leitor sobre a versatilidade da obra:

Pode-se ler este romance de diferentes maneiras. [...]. Uma primeira leitura pode se concentrar no envelhecimento e na velhice. [...] Uma outra leitura colocaria a atenção sobre as relações mãe-filha. [...] Essa narrativa é também a das relações entre gerações; a migração das mulheres e seus filhos é feita de rupturas e de reorganizações que põem à dura prova o laço intergeracional. Ela se inscreve ainda em uma conjuntura de muita tensão econômica e sociopolítica no Haiti. Enfim, pode-se ler essa narrativa sob o ângulo da cultura haitiana e do choque que ela sofre no curso do processo migratório. Os modos de fazer e as maneiras de pensar mudam, que é preciso guardar, que é preciso modificar?¹¹ (Haldemann, 1995, p. 178-179, tradução nossa).

Escrito por Verena Haldemann, o posfácio nos alerta e nos convida à reflexão sobre nossa própria identidade, incentivando uma negociação consciente entre a obra e o leitor, incitando-o, ao acompanhar a jornada de imigração de Marianna, a voltar o olhar para si mesmo. A fluidez e versatilidade da escrita de Marie-Célie Agnant em *La dot de Sara*

(1995), nos transportam para dentro da obra, convidando o leitor a abordá-la de maneiras plurais dentro de suas nuances.

5. MARIANNA E AÏDA

5.1 A busca pela ancestralidade

Desde o começo do livro, nos deparamos com as reflexões de Marianna sobre o passado. Recordando mais do que suas próprias desventuras, a personagem narra com profundidade as lembranças que tem da avó, Aïda, lançando mão de dizeres e passagens em que a avó está envolvida. Por meio de seus relatos, é possível observar como a personagem lida com os choques culturais aos quais é submetida devido ao novo ambiente em que se encontra, à nova sociedade na qual é inserida subitamente —visto que, após receber a carta com o pedido para que imigrasse, Marianna leva apenas quinze dias para abandonar toda sua vida e partir— e também entre ela e a própria filha.

Motivada pelo pedido de Giselle, a imigração de Marianna se dá com o objetivo de auxiliar na criação da neta, de forma que precisa mudar-se de país por um longo período. Ao longo de sua imigração, Marianna dedica boa parte de seus pensamentos para recordar a figura da avó, mulher que a criou e com quem aprendeu o ofício de costureira. Suas lembranças servem como uma espécie de acalento enquanto está longe de casa, e funcionam também como fator essencial na relação próxima que passa a construir com a neta. Para a personagem, suas raízes são indispensáveis para sua sobrevivência nessa nova vida de imigrante, enquanto se vê obrigada a estar em um país distante e completamente distinto de onde cresceu. É nesse contexto que Marianna lança mão da ferramenta da memória para que seja capaz de negociar sua própria identidade e transmitir suas raízes à neta.

Logo nas primeiras páginas, Marianna começa a apontar as semelhanças entre Sara e Aïda. A partir do primeiro encontro em que tiveram, ao encontrar Giselle saindo do hospital com Sara nos braços, para a personagem, é quase impossível relacionar-se com a neta sem que a figura da própria avó se faça evidente. Desde a aparência, até a personalidade, Marianna não deixa de ver Sara como uma extensão de sua própria herança ancestral, como um conjunto, o produto de tudo o que suas raízes culturais produziram. A ancestralidade de Marianna a permite encontrar cada vez mais familiaridades entre as duas, o que a leva até mesmo a acreditar que Sara possa ser uma reencarnação literal da avó. Logo nas primeiras páginas, a personagem descreve a neta comparando-a com Aïda:

Sara sempre foi uma criança muito especial para mim. Já disse muitas vezes à Giselle o quanto ela me faz lembrar a minha avó Aïda. Tem tudo dela, os seus olhos ardentes e ternos, o seu cabelo crespo que me dá tanto trabalho quando tenho de o pentear. (...) Tinha também, desde a sua infância, o andar determinado de um soldadinho. Sara tem sobretudo, penso eu, o carácter da avó Aïda (...) “Está me dizendo que a minha filha é a reencarnação da sua avó?”

— E porque não?¹² (Agnant, 1995, p. 13, tradução nossa).

Marianna passa toda a primeira infância de Sara repetindo e reafirmando as semelhanças entre as duas. Antes mesmo que Sara questionasse sobre as histórias do passado contadas pela avó, Marianna vê claramente que as duas figuras estão conectadas como uma espécie de extensão uma da outra. Além disso, não são apenas as qualidades de Aïda que Marianna atribui à neta, mas também o seu caráter decidido, a forma assertiva de se comunicar e a personalidade questionadora que a avó possuía. Em seu deslocamento identitário pessoal, Marianna encontra na neta recém-nascida um ponto de convergência entre o desconhecido e o familiar, um refúgio para suas memórias, uma espécie de oásis de familiaridade e segurança em meio ao deserto de adversidades da imigração.

Apesar do sentimento de conexão imediato que Marianna sente pela neta, essa comparação e imposição de herança ancestral que atribui à garota incomoda Giselle, que se recusa a abordar os temas ou sequer reconhecer as características apontadas pela mãe. Como uma espécie de protesto, uma recusa permanente do passado, Giselle afirma até mesmo não se recordar de Aïda. Enquanto Marianna encontra na neta um refúgio, uma extensão de tudo aquilo que deixou para trás, Giselle desdenha do comportamento da mãe, se recusando a compartilhar das mesmas memórias ou sequer engajar com os relatos de forma amistosa.

A abordagem ancestral de Marianna, essa busca pelo familiar, a ânsia por suas próprias memórias, não são partilhadas por Giselle. Ao longo da obra, a personagem passa longos anos, quase uma década, se recusando a olhar para o próprio passado, se negando a reconhecê-lo ou sequer a mencioná-lo. Para Giselle, sua terra natal fica para trás a partir do momento que deixa o país e suas memórias, se é que oferecem algum tipo de conforto, não são algo que se propõe a mencionar.

Esse posicionamento negacionista que Giselle assume perdura por toda a obra, até mesmo quando Marianna decide retornar. Enquanto Marianna vivencia uma sede por memórias, fato que a motiva a procurar e encontrar na neta a possibilidade de reconstrução desse passado, Giselle parece determinada a apagá-lo por completo. Inicialmente, ao perceber a dificuldade da filha em reviver/reconhecer a própria história, contexto de negação que causa certo estranhamento, a personagem tenta aconselhar a filha, provocar alguma reação por meio de comentários sobre o próprio passado. Dessa forma, Marianna procura na mesma história que parece causar tanto receio em Giselle, soluções que a façam olhar para trás, trazendo dizeres dos próprios antepassados sobre a negação da própria história. Em determinada passagem lê-se:

Aïda, imagine, além de ser minha avó, é sua bisavó, já se esqueceu disso? Foi ela, minha filha, que cortou o seu cordão umbilical e o enterrou debaixo do damasqueiro do quintal, disse eu, com uma ponta de malícia na voz. Ela sabia o que estava fazendo, a mulher Aïda, e tinha razão, porque o nosso passado é como a lua, não é? Segue-nos, tem os olhos fixos em nós. É muito difícil fugir do nosso passado, Giselle. Façamos o que for, nos restará sempre um pouco dele¹³ (Agnant, 1995, p. 13, tradução nossa).

Na obra, Marianna adquire um comportamento de “porta-voz” de seus antepassados. A partir da negação de Giselle e da conexão ancestral que encontra em Sara, Marianna toma para si a responsabilidade de transmissão de memória para a neta, usando esse contexto como combustível para que a memória de seu lar, de sua infância, das outras mulheres com as quais conviveu, possam continuar vivendo através e além de si mesma. Para Marianna seu passado é uma oferta da avó Aïda e parte essencial de si mesma e de quem acredita ser. São nessas memórias que Marianna encontra aquilo que considera necessário para existir como pessoa estando tão distante de sua própria cultura.

O ato de recordar o passado parece ser essencial e indispensável. A personagem vive seus primeiros anos com a neta, em sua primeira infância, como quem reconstrói a si mesma por meio da existência de Sara. É com ela e a partir dela que Marianna tem a oportunidade de reviver sua identidade em uma abordagem essencialista, na qual existe uma verdade cristalizada que as mantém conectadas, nesse caso, a própria descendência. Sara, enquanto ainda bebê, a oferece um local seguro, em que pode questionar e lamentar a si mesma, as histórias e tragédias que lhe aconteceram, sem julgamento e sem questionamentos. Nesse primeiro momento de sua imigração, é Sara que entrega nas mãos de Marianna o dever de transmitir seu legado cultural, seu dote.

Com tal dever nas mãos, a tolerância de Marianna com os questionamentos de Giselle passa a variar. Em certas ocasiões, a personagem parece estar disposta a colaborar com o resgate da memória da filha, mas em outros momentos, cada vez mais frequentes conforme Sara se desenvolve, Marianna reage de forma mais assertiva, sem abrir espaço para que Giselle continue manifestando seu desprezo para com suas histórias e apontamentos. Em certo momento, quando Giselle insiste em confrontá-la sobre as semelhanças de Sara e Aïda, não apenas negando mas menosprezando suas teorias sobre a neta, Marianna dá uma resposta final:

É bem possível, acredite, que a “sua filha”, como tão bem diz, seja realmente a reencarnação da vó Aïda. Ela gostava tanto da vida, a Aïda, que não deve ter se cansado dela. Por isso, voltou para continuar a viver através da Sara e sabe porquê? Porque nada está perdido e, como diziam os nossos velhos, e eu só repito depois deles: ‘Tudo aquilo do que você desconhece é maior do que você e é preciso ter sabedoria para respeitá-lo’. É isso!¹⁴ (Agnant, 1995, p. 15, tradução nossa).

Ao ser confrontada com os incessantes questionamento de Giselle, após assumir esse cargo do qual fora encarregada como uma “embaixadora”, “mensageira” de seus antepassados Marianna chega a conclusão de que, de acordo com esse novo ponto de vista que adquire, as vidas de seus familiares, Giselle, Sara, Aïda, estão todas conectadas por um fio. Tal conclusão é um grande reflexo da posição essencialista que a personagem assume. Ao acreditar que estão todos conectados a partir de um passado em comum, Marianna cristaliza a noção de que existe uma justificativa inerente para o compartilhamento de suas histórias, para a sua própria busca e transmissão da sua ancestralidade e para o posicionamento que assumem no mundo a partir da história que partilham.

A jornada identitária de Marianna, a partir desse posicionamento, encontra possibilidades que a permitirão resgatar essa “verdade universal e inerente” transmitida de geração em geração por meio dessa conexão que os aproxima. Sua memória transforma-se em fonte e grande aliada de sua própria transformação identitária, impulsionando a busca por semelhanças e afinidades entre a avó e a neta, por exemplo. Como imigrante, presenciando a negação do passado e da sua própria herança cultural, ambas partindo de Giselle, Marianna faz de suas lembranças, de seu amor pela sua terra natal, as causas motivadoras pelas quais deve transmitir à neta esse legado. A identidade de Marianna, nesse contexto de atribulação impulsionado pelo processo migratório, faz da busca pela ancestralidade motivação para apegar-se a si mesma e à história que lhe é familiar. É revisitando suas memórias que a personagem encontra afinidades para além da neta, esbarrando até mesmo no país em que está inserida e no comportamento das pessoas à sua volta, chegando a afirmar que “nada mudaria salvo as aparências”:

Eu, que conheci a avó Aïda mil vezes melhor do que aquela a quem devo a minha vida, sinto na Sara tanto de Aïda, quase como um espelho no qual a revejo. Sara, Aïda, através de mim, através de ti, a mesma raiz, o mesmo fio, a mesma vida; nada muda sob este céu, a não ser as aparências ¹⁵ (Agnant, 1995, p. 15, tradução nossa).

Essa “raiz” familiar que une as gerações por meio da mesma experiência, pelo mesmo histórico pessoal e nacional, inclusive pelo mesmo espírito, reforça e atua como núcleo da percepção essencialista da personagem. A ancestralidade que Marianna busca e encontra na neta, confere a ela a certeza de que, seja de forma física ou até espiritual, as gerações estão conectadas involuntariamente, abrangendo até mesmo Giselle que se recusa a acreditar e reconhecer. Devido a isso, Marianna atribui às gerações seguintes características as quais acredita que herdariam de maneira involuntária, tal como o andar e caráter de Sara, a forma como fala e sua personalidade.

Essa busca, mesmo que satisfatória, traz também questões difíceis para Marianna. A ancestralidade pela qual a personagem anseia é recuperada de maneira árdua, pouco a pouco com o crescimento da neta, e traz consigo não apenas sentimentos nostálgicos mas também incômodo e desconforto. Conforme Sara cresce e Marianna passa a contar histórias em meio a brincadeiras, os questionamentos começam a surgir tanto da menina quanto da avó. Parte da própria Marianna a realização de que gostaria de poder contar à neta histórias mais felizes, histórias diferentes das quais conta sempre, nas quais repetem-se, quase rigorosamente, os mesmos finais tristes de mulheres que lutam pela vida sozinhas para a criação dos filhos, assim como fez a avó Aída. A recuperação do próprio passado e de si mesma começa a parecer cada vez mais custosa:

Sara voltou às suas brincadeiras, o carrossel continuou a girar, enquanto, dentro de mim, um coração cheio de suspiros, cheio de melancolia e saudade. Gostaria tanto de contar à Sara uma história diferente daquela que costumava ouvir todo o dia da boca dos clientes da avó [Aída] ¹⁶ (Agnant, 1995, p. 20, tradução nossa).

Recontar a própria história para a menina Sara, ainda vivendo sua primeira infância, faz Marianna não apenas (re)encontrar-se no passado, mas ser confrontada por ele. As memórias que lhe trazem conforto, acalento e, até mesmo, justificativas para os eventos que acontecem em sua vida durante a imigração, são as mesmas que a fazem refletir, reconsiderar e desejar que alguns desses episódios pudessem ter sido diferentes. Transmitir o passado, sua história e experiência de vida, torna-se, ao mesmo tempo, alívio e desconsolo.

Nesse período, a partir do qual Sara passa a questionar os fatos das histórias que ouve, Marianna inicia um processo interno de autocrítica e começa a recordar-se dos acontecimentos de forma mais analítica. A personagem se propõe, ao mergulhar em seu próprio passado, a lidar com as consequências dos próprios arrependimentos da mesma forma como lida com a nostalgia de revisitar seu passado: recontando todos os eventos os quais considera relevantes à neta, porém de forma que pareçam menos trágicos do que realmente foram. Marianna começa a reescrever sua identidade a partir das memórias que escolhe não compartilhar com a neta, de forma a transformá-las em algo melhor.

Em determinado momento, a personagem é confrontada pela neta sobre o motivo pelo qual não é casada, quem era e o que aconteceu com seu “marido”. Marianna, ao invés de contar à neta que o avô a abandonou há muitos anos, conta que, na verdade, as mulheres que se casaram com homens “direitos”, mesmo as que possuíam “criados” para servi-las, precisavam comportar-se de maneira submissa aos maridos. “Elas têm de se curvar perante os seus homens e dizer ‘sim, senhor’”¹⁷ (Agnant, 1995, p. 20, tradução nossa). Mesmo após a insistência de Sara, Marianna contorna o assunto e lhe conta uma metáfora: “O que

está na casa do vizinho fica na casa do vizinho. E saiba que o que é seu, nada pode tirá-lo de você. Nem as tempestades, nem as tormentas”¹⁸ (Agnant, 1995, p. 20, tradução nossa).

Apesar de se permitir contornar a realidade ao recontar sua história, Marianna sente profunda angústia ao precisar fazê-lo. Nessa ocasião, apesar de contar um relato mais ameno à Sara, Marianna passa a lembrar as outras mulheres com as quais conviveu. Mesmo tendo sido abandonada pelo pai de Giselle ainda grávida, sua história é mais um elo que a conecta com as tantas outras mulheres abandonadas durante a gravidez em sua vila, ou que tiveram destino ainda mais severo. Esse fato é mais um que reforça a ideia de conexão intrínseca do posicionamento essencialista da personagem. Marianna percebe sua história com pesar, mas, para além disso, reconhece-se em outros corpos que partilham não apenas do mesmo espaço mas das mesmas tragédias pessoais.

Em seu imaginário, é a própria história, a sequência de fatos que sempre estiveram para além do próprio controle, que atua como o “fio” que sempre vai e volta. Marianna sente-se tão atravessada pelos questionamentos da neta que relata a necessidade de vigiar-se para não recriar a própria história do zero. Ater-se aos fatos, mesmo os omitidos, é a forma que a personagem encontra de manter sua identidade e não perder-se nessa nova realidade. Para Marianna, a conexão com sua terra e com as mulheres que estiveram presentes em sua vida não depende de fatores externos, são as circunstâncias da vida que as unem:

Tantas vezes me contive para não inventar, como uma peça de roupa costurada de ponta a ponta, como aquelas vestes da avó Aïda, a história de um avô que um dia, antes de ser o vento, nada mais que o vento, foi uma bela árvore, aquela que soube ternamente misturar as suas raízes com a minha vida. Mas tudo o que eu tinha para lhe dizer sobre o seu avô era essa frase desajeitada, aquela que todas nós dizíamos, as mulheres de *Haut-Mombin* e de outros lugares, as minhas tias, as minhas primas, as clientes da avó [Aïda] e tantas outras: “Nós não tivemos sorte! Oh, como não tivemos sorte!”¹⁹ (Agnant, 1995, p. 20, tradução nossa).

Devido a essa abordagem de retorno ao passado, a personagem precisa passar pelo processo de reconhecimento e crítica não apenas das próprias ações mas também do coletivo e da vida que levava. Marianna é obrigada a reconhecer e a criticar as próprias decisões com a mesma intensidade a qual se propõe a apontar os bons momentos e as lutas pelas quais se orgulha. Sua pesquisa identitária não esgota-se ao encontrar semelhanças entre o que viveu no Haiti enquanto crescia e o que vive agora durante a imigração ou entre a neta e a avó, e é esse fator que permite que Marianna negocie essa nova identidade. O próprio ato de escolher conscientemente omitir a história de Alphonse para a neta, ignorar o fato de que o abandono parental era recorrente em sua vila, e preencher esse local com uma metáfora sobre pertencimento explicita a reconstrução identitária que a personagem vive, reinventando-se no momento presente a partir do passado.

Para Marianna, o ato de reconhecer-se em Sara é essencial para essa busca de si mesma. A resistência de Giselle ao negar essa história em comum, desdenhá-la e menosprezá-la, causa profundo distanciamento entre a mãe e a filha. O contraste entre Giselle e Sara, as duas localizadas em pontos opostos em relação a esse “fio” histórico que as une segundo Marianna, cria um elo ainda mais intenso entre a avó e a neta, que sente imensa curiosidade e prazer ao ouvir histórias desse *temps longtemps*. Enquanto Giselle faz o que pode para ignorar a história da mãe, que também é sua, Marianna encontra em Sara acolhimento que a permite redescobrir a si mesma. O passado atua como elo que aproxima e como fator decisivo que afasta conforme o acolhimento que recebe:

Giselle, ofendida, não responde nada. Mas então vejo, estampada no seu rosto, toda a dureza e aspereza da vida que leva. Às vezes penso: não me reconheço em Giselle. Será que Deus me pregou uma peça de mau gosto? Será que a criou à imagem de Alphonse, esse homem desconhecido, que, por um momento que jamais será esquecido, enterrou no meu sangue um pedaço de carne?²⁰ (Agnant, 1995, p. 67, tradução nossa).

Marianna vive a negação de Giselle e se volta inteiramente para o espaço que constrói com a neta. As críticas que faz a si mesma, e ao mundo em que cresceu, são conflitos internos que vive e procura reconstruir-se a partir deles, recontando as partes que considera mais relevantes e amenas para a neta. A personagem, ao falar do passado com Sara, a ensina rimas, histórias, cantigas e lendas locais que mantém a neta entretida e entusiasmada sobre essa terra natal da avó, porém, a negociação identitária interna que Marianna vive, concede à personagem a habilidade de encontrar nas memórias de Aïda conforto e entendimento.

Enquanto também avó, Marianna revive algumas falas e perspectivas de mundo de Aïda, se propondo até mesmo a adotar as mesmas críticas, agora, com um olhar mais maduro de alguém que ocupa esse mesmo local de fala como mulher, negra, mãe e avó, de quem também conheceu o lado duro da vida. Ao ocupar-se por refletir sobre a própria vida amorosa, relembando os percalços os quais sobreviveu na criação de Giselle, Marianna reflete:

Sem dúvida, não precisaria me esforçar tanto para criar a menina. [caso houvesse casado com um homem “direito”]. Suspirei, pensando com pesar que tudo isso, como a avó Aïda dizia muitas vezes, era apenas uma fachada. As casas com varandas, as grandes galerias, as sebes de loendros e as primaveras escondiam, por vezes, tantas e tantas coisas, tantas e tantas desvantagens²¹ (Agnant, 1995, p. 20, tradução nossa).

O ar nostálgico, o qual a personagem adota ao lembrar a avó, constrói uma espécie de admiração de Marianna por Aïda. Por ter sido a figura materna com a qual cresceu e que a criou, Marianna relembra o passado e as falas da avó com deslumbramento, usando-a como um exemplo a ser seguido devido à sua sabedoria. Aïda se transforma em uma figura

protetora, alguém a quem Marianna toma como modelo em sua própria negociação identitária. Ao adaptar sua própria identidade à procura daquilo que lhe é familiar, Marianna procura ocupar esse local de “fornecedor de sabedoria” reencenando sua relação com a própria avó, agora com Sara.

Ao reconstruir a si mesma, Marianna usa a figura de Aïda com tamanha inspiração que a avó passa a atuar como uma espécie de protetora, alguém que estaria, ao mesmo tempo, presente em Sara, e à quem Marianna reza por ajuda em momentos de desespero. Aïda é a pessoa por quem Marianna clama, alguém que mesmo após a morte ainda encontraria-se próxima e, para além de auxílio, seria capaz de compreender as dificuldades pelas quais a personagem passa. É ela a quem Marianna recorre quando não se sente compreendida, quando vasculha sua memória em busca de justificativas, nostalgias ou influências positivas para a neta, é na memória de Aïda que Marianna encontra refúgio à quem pede conselhos e busca sabedoria.

Em uma conversa com Giselle, que encontra-se em uma relação violenta com o marido, o qual não vive com elas desde o nascimento de Sara e a chegada de Marianna, a personagem usa de sua conexão com Aïda para pedir forças e não interferir. Marianna e o marido de Giselle, Fred, não têm uma boa relação, na verdade, Marianna não suporta estar em sua presença, trancando-se no quarto em todas as poucas visitas que ele faz à Sara. Com o passar do tempo, a presença de Fred fica cada vez mais violenta, com discussões frequentes até Giselle decidir pelo divórcio, momento no qual a polícia precisou ser envolvida. Na obra lê-se:

Invariavelmente, ouço a explosão de vozes, as mesmas discussões. Chamo então a avó Aïda em meu auxílio, pedindo-lhe com todas as minhas forças que me segure, para que eu não vá partir o crânio deste aproveitador com uma vassoura²² (Agnant, 1995, p. 35, tradução nossa).

A confiança que a personagem encontra na conexão partilhada com a avó é tamanha, que em momentos decisivos e violentos não é a algum Deus ou qualquer outra figura religiosa à quem recorre, é à Aïda. Seu passado, suas memórias, sua ancestralidade se tornam tão presentes nessa negociação identitária que Marianna transporta essas figuras que estavam presentes em sua criação no Haiti para sua vida na imigração no Canadá. São essas figuras do passado, especialmente da avó, que irão ajudá-la e a quem irá recorrer para que consiga passar pelas tribulações dessa nova existência como imigrante. Mariana acaba condicionada no entre-lugar do presente e do passado, encontrando figuras de sua infância no presente, transportando vivências ancestrais em sua realidade.

Essa vivência na fronteira entre a ancestralidade e a contemporaneidade é também uma busca identitária focada nas gerações que virão. A proximidade com suas próprias raízes que a busca pela ancestralidade a apresentou, é ao mesmo tempo uma busca também pelo futuro, refeito em Sara. A negociação identitária pela qual Marianna passa é em busca de reencontrar-se para poder transmitir à neta um legado que a própria Giselle nega. O combustível de “puxar” de volta o “fio” ancestral que as une é o que transporta Marianna para o local de avó, como fonte de sabedoria, alguém que tem como maior objetivo transferir o conhecimento de si para o outro: “A vida, você sabe, não passa de um longo fio que puxamos e que vai e volta, sempre o mesmo fio”²³ (Agnant, 1995, p. 15, tradução nossa).

Para Marianna, a negociação identitária e a necessidade de reencontrar a si mesma, reviver sua ancestralidade, é “puxar” de volta o fio da vida que as une e possibilitar que esse fio continue se movimentando.

5.2 Híbridização linguística

Uma das características da literatura migrante produzida por Marie-Célie Agnant é sua habilidade de inserir em meio ao texto expressões e palavras em *créole*. Nascida no Haiti, a autora utiliza da língua em suas obras como instrumento de sua própria ancestralidade. Em alguns de seus romances, como *La dot de Sara* (1995) ou *Le livre d'Emma* (2001), a autora lança mão dessa ferramenta linguística para dar ainda mais profundidade a seus personagens imigrantes, compartilhando a barreira linguística com o próprio leitor.

Segundo Marie-Christine Hazaël-Massieux, em trabalho intitulado *Les créoles à base française: une introduction* (2002), o *créole* de base francesa teve origem em diversas localidades as quais sofreram com a colonização francesa durante os séculos XVII e XVIII. Por meio desse contexto, as variações de forma regional e populares do francês europeu ocasionaram em uma evolução acelerada da língua devido ao contato da população com falantes franceses ao longo da escravidão. A autora afirma que, sem dúvida, a língua sofreu influência de seus locutores, falantes de diversas línguas africanas, atuando com o objetivo estritamente voltado para a comunicação oral.

Massieux afirma em seu trabalho que existem duas áreas de grande relevância no que se trata da evolução e uso do *créole*, e são definidas como a zona américo-caribenha e as Pequenas Antilhas. Apesar de dentro dessas áreas algumas das variantes da língua já encontrarem-se em processo de extinção como o *créole* de Trinidad e o *Louisianais*, a língua ainda é utilizada pela maioria dos falantes nessas localidades. Ainda segundo o texto, existem diversas dúvidas e um grande debate de estudiosos a respeito da definição da língua, sua origem específica, se é possível existir uma espécie de origem múltipla, e até que ponto as línguas africanas conseguiram influenciar na construção dessa nova língua. Contudo, Massieux aponta que existe uma definição feita por S. Comhaire-Sylvain em 1936, especificamente referindo-se ao *créole* haitiano, a qual a grande maioria desses estudiosos concorda. Em sua definição Sylvain afirma que o *créole* é “uma língua africana com vocabulário francês” (Sylvain, 1936. In: Hazaël-Massieux, 2002)

A habilidade da autora Marie-Célie Agnant de fazer uso da língua francesa atrelada ao *créole* em suas obras, acrescenta ainda mais profundidade à suas personagens imigrantes e à sua literatura de filiação ao permitir que essas passagens em *créole* não sejam traduzidas. Ao longo da obra *La dot de Sara* (1995), em diversas passagens em que os personagens se comunicam em *créole*, a autora as escreve diretamente no texto corrido e as explica/contextualiza por meio de notas no final dos capítulos. Dessa forma, Agnant permite

uma leitura imersiva de seus personagens, causando ao leitor a mesma sensação de estranhamento que as figuras imigrantes sentem ao longo de seu exílio.

O *créole* está presente na linguagem de Marianna ao longo de todos os vinte anos nos quais vive como imigrante. No decorrer da obra, mais frequente no início de sua imigração, a personagem faz uso de algumas palavras ou até mesmo expressões inteiras em *créole*. Tal ocorrência é um artifício da autora usado para demonstrar o quão deslocada Marianna se encontra, explicitando que até mesmo sua forma de se expressar é diferente daquilo tido como “convencional”. Mesmo usadas como ferramentas em função de conceder ainda maior ênfase ao deslocamento da personagem, essas expressões são também uma forma que Marianna encontra de buscar sua ancestralidade.

Ao longo de sua jornada identitária, Marianna passa a refletir sobre seu passado de forma cada vez mais analítica conforme os anos de sua estadia no Canadá se prolongam. A personagem busca em sua memória fatos e lembranças da avó Aïda como forma de reencontrar-se no presente. O modo como Marianna utiliza de sua língua materna para relembrar-se de seu passado, especialmente das passagens nas quais cita dizeres da avó, é uma forma que a personagem encontra de (re)aproximar-se da figura da mulher que a criou e que passa admirar cada vez mais conforme suas experiências de vida coincidem.

Marianna recorda que aprendeu tudo com Aïda, desde como se portar no mundo até mesmo seu ofício de costureira, trabalho por meio do qual consegue se sustentar financeiramente e manter a filha Giselle em um colégio privado em Porto Príncipe, capital do Haiti. Segundo a personagem, esse aprendizado se deu, desde o início, a partir de um conselho que a avó lhe oferece, e é a ela que Marianna dedica suas conquistas:

Com a avó Aïda, aprendi a costurar desde muito cedo. *Ti mafi*, dizia ela, com um sorriso no canto dos olhos enrugados, nunca se sabe em que barco a vida vai navegar amanhã: vem, veja aqui como se faz esta bainha²⁴ (Agnant, 1995, p. 16, tradução nossa).

Nessa passagem, Marianna relembra de forma afetuosa como a avó a chamava ao incentivar que aprendesse a coser roupas. Com a expressão “*Ti mafi*”, que, como apontado nas notas do capítulo pela própria autora da obra (Agnant, 1995, p. 22) significa “minha neta”, o *créole* concede um ar de familiaridade e nostalgia à passagem, fazendo com que Marianna possa se colocar ainda mais próxima da avó. Tal expressão, pela forma como foi grafada, sem o hífen, nas notas da obra, também pode ser entendida como “minha menina”, o que concede ainda mais intimidade e afeição entre as duas figuras e à memória que Marianna resgata.

O *créole* permite que Marianna se transporte de volta ao Haiti, de volta à sua infância e ao período em que ainda era uma criança que aprendia com a avó os manejos da

vida. A língua e as lembranças da avó traduzem o orgulho que sente de Aïda ao recordar-se de como era uma pessoa amorosa e caridosa, uma costureira competente, com fama considerável em meio à região onde moravam.

Essas pequenas passagens e expressões estão presentes também em memórias ao longo de todo o livro, não apenas nas que fazem referência à Aïda. Marianna usa expressões em *créole* para referir-se às mulheres de *Là-bas* e as concede ainda mais personalidade e força. Ao contar suas lembranças à neta, Marianna lança mão dessas palavras como quem orgulha-se de suas raízes, de onde veio e das pessoas com as quais conviveu. Comparando as mulheres “de antes” com as mulheres de sua vida “de agora”, a personagem transmite seu legado por meio da figura de mulheres destemidas e independentes, que lutaram para conseguir o que queriam e fizeram o que estava ao seu alcance para que fossem reconhecidas. Em uma dessas passagens a personagem relata:

Ah! Mercilia, uma verdadeira *chamgwèl*. Não dava tréguas, não tinha piedade. Mercilia era feita de aço. ‘Mas em que é que queriam?’, ria ela, com a cabeça virada, seus cabelos desalinhados deixando escapar grandes tranças como cordas, ‘não sou uma *mabonne mère* mas uma comerciante! Foi com a força dos meus pulsos que montei este negócio!’²⁵ (Agnant, 1995, p. 48, tradução nossa).

Nessa passagem, Marianna refere-se à uma mulher de sua vila, famosa por ser uma comerciante, como uma verdadeira “*chamgwèl*”. De acordo com as notas da obra, a palavra significa “membro de uma sociedade secreta de má reputação” (Agnant, 1995, p. 51, tradução nossa). Devido ao seu ofício, a personagem afirma que a fama de Mercilia, comerciante local, uma das poucas a realmente expandir o negócio até a capital, ficou marcada como uma espécie de “*gangster*”. Entretanto, tais afirmações não a abalam e, em sua resposta, a mulher usa a expressão “*mabonne mère*” para referir-se a tudo aquilo o que não é, no sentido de que, por ter construído seu negócio com as próprias mãos, não poderiam esperar dela nada menos do que ela se tornou. Nas notas do capítulo (Agnant, 1995, p. 51), Agnant revela que a expressão refere-se a uma “religiosa”, sendo assim, uma figura de caráter respeitável. Mercilia orgulha-se de sua personalidade, não se deixando intimidar pelas comparações e expectativas alheias e é isso que faz dela uma referência no imaginário de Marianna.

A personagem lembra-se da fala de Mercilia, mantendo em suas memórias e em suas transmissões, propositalmente, aquilo que concede à Mercilia sua nuance, sua força e coragem como uma mulher batalhadora, dona do próprio negócio, alguém traiçoeiro, a quem não deve-se menosprezar. O *créole* permite que Marianna conserve o caráter irredutível dessa figura e que, em sua memória, Mercilia permaneça tão determinada e persistente quanto era

em *Là-bas*. Essa manutenção é consequência do posicionamento identitário essencialista da personagem, o qual atribui às mulheres as quais resgata de maneira proposital de seu passado o mesmo caráter estável e imponente justamente por partilharem uma verdade em comum, consequência da terra onde nasceram e das circunstâncias da vida que precisaram levar.

Esse fenômeno é atribuído não apenas às memórias de Marianna, mas também surgem em meio aos relatos de sua vivência atual, enquanto imigrante. No decorrer da obra, a personagem encontra-se com um grupo de avós haitianos em um centro comunitário, o qual passa a frequentar com uma amiga de longa data, Chimène, da qual falaremos mais adiante. Esses encontros passam a acontecer de forma semanal, os personagens reúnem-se para jogar cartas, conversar sobre o passado e questionar os costumes do presente.

Conforme as reuniões passam a se tornar parte da rotina dos idosos, os integrantes começam a sentir-se mais confortáveis para expor suas opiniões, desconfortos, desalentos, episódios tristes que aconteceram antes e depois de sua imigração, e para além disso, discordar dos apontamentos feitos entre si. As conversas possuem um ar intimista, no qual a própria história une a todos os integrantes. O grupo acolhe desde senhoras viúvas, avós solteiras, até mesmo um casal, e todos passam a desfrutar da companhia uns dos outros como partilhariam de encontros com familiares.

O caráter íntimo dos encontros torna-se cada vez mais claro a partir do momento em que Marianna e o restante do grupo são capazes de reconhecer nos outros membros os sinais de irritação que demonstram como consequência de alguma fala contraditória. Dentre todos os integrantes, Marianna aponta Francine, a quem apelidam de “A General”, devido ao seu posicionamento assertivo e modo de falar destemido. Em determinado momento, em meio a uma conversa sobre casamento, após Marianna apontar que existe um número muito maior de mulheres imigrantes solteiras do que de homens, Francine, abandonada pelo marido no Canadá que, ao retornar *Là-bas*, casou-se novamente com uma jovem de vinte anos, discorda do posicionamento de outro integrante, Raymond, único homem do grupo.

O casal Raymond prefere que refiram-se a esposa apenas por *Mme. Raymond*, e como consequência, ninguém do grupo tem conhecimento de seu nome de batismo. Francine incomoda-se com esse fato, com o comportamento do Sr. Raymond, e não hesita em questioná-la sobre isso. Mesmo diante da declaração de que a esposa não se incomoda e até mesmo aprecia que se refiram a ela dessa forma, Francine replica: “Quando vieste ao mundo seus pais te deram um nome! Eles não esperaram que o Sr. Raymond chegasse para te batizar.”²⁶ (Agnant, 1995, p. 77, tradução nossa). Tal discussão evolui o tema para o comportamento dos homens de *Là-bas* e termina com a personagem exasperada:

Depois desta intervenção, Francine emite um dos seus sonoros *cuipts* e franze o cenho, com a garganta inchada, pronta para explodir sob o peso da indignação. Começa então murmurar *A la traka, a la traka*, até acalmar-se de vez e retomar a conversa²⁷ (Agnant, 1995, p. 79, tradução nossa).

Marianna nota a frustração de Francine e lança mão de uma expressão em *créole* para defini-la. Os *cuipts*, segundo as notas da obra (Agnant, 1995, p. 84), seriam uma espécie de barulho feitos com a boca para indicar tamanho desdém e desprezo que a personagem sente. Marianna recorre à sua língua materna para descrever os fatos que acontecem no presente e para identificar de forma apropriada os sentimentos de alguém por quem sente uma grande proximidade. Em seguida, a personagem passa a murmurar “*a la traka, a traka*”. Tal expressão também é entendida como um sinal de incômodo, que, ainda segundo as notas (Agnant, 1995, p. 84), significa algo como “que chatice” ou “que saco”.

Esses sinais de animosidade, entendidos e transcritos na língua materna das personagens, aproximam as duas ainda mais pois, é a partir deles que Marianna explicita o fato de que os membros do grupo não partilham apenas o mesmo histórico, a mesma língua ou a mesma cultura, mas também acolhimento sobre os próprios sentimentos e aflições. A mudança de língua torna as duas capazes de reconhecer no outro suas barreiras emocionais e respeitar a escolha pelo silêncio.

Em outra passagem notamos mais uma vez a língua materna sendo usada como recurso para expressar desprezo. Dessa vez, Chimène, amiga de Marianna desde antes de sua imigração, discute sobre a vida da Sra. Raymond após a morte do marido. A idosa mudou-se para um lar de idosos e parou de frequentar o grupo, e, apesar de parecer feliz, segundo Chimène, essa realidade seria absurda caso estivesse na mesma situação da amiga:

Eu, disse Mèmène, pegarei minhas coisas bem rápido, antes que me tranquem numa dessas casas. Como eu a conheço, Denise [sua filha] seria muito capaz de fazer isso. Não vou viver na casa de ninguém, nem numa escola para avós *intatades*. Isso nunca!²⁸ (Agnant, 1995, p. 95, tradução nossa).

Nesse caso, Chimène utiliza a palavra “*intatades*” para referir-se aos idosos que moram junto com a Sra. Raymond. Segundo as notas da autora (Agnant, 1995, p. 100), a palavra é usada para referir-se a pessoas que apresentam problemas psicológicos como consequência da idade avançada, com sinais de senilidade. O fato de Chimène usar de sua língua materna para referir-se a essa situação, a qual não gostaria jamais de passar, implica uma parcela considerável de desdém. A língua materna é a única ferramenta disponível para expressar tamanho seu desprezo pela situação, tamanha aversão a qual sente por essa realidade.

É dessa maneira, lançando mão da língua *créole* como instrumento diretamente ligado tanto à ancestralidade em comum a qual partilham quanto à forma de expressão a qual escolhem para transmitir os próprios sentimentos que esses personagens imigrantes comunicam-se. O *créole* na obra de Marie-Célie Agnant funciona tanto como instrumento por meio do qual os personagens são capazes de expressar a si mesmos quanto como fio conector, ferramenta pela qual todos mantêm-se unidos uns aos outros e por meio da qual partilham e revivem um passado em comum.

Marianna encontra no grupo o mesmo que encontrou na neta nos primeiros anos de imigração: liberdade para poder evocar e compartilhar a si mesma e a sua cultura. É dessa forma, também por meio da língua, que Marianna transmite seu legado à Sara. Enquanto conta histórias, a personagem ensina *créole* à neta e após alguns anos, Sara torna-se bilíngue, capaz de conversar com a avó nesse novo idioma. Marianna orgulha-se ao perceber que a neta abraçou sua herança de forma tão pró-ativa enquanto Giselle, sua própria filha, ignora o assunto. Lê-se em uma dessas passagens:

Dessa herança, e do uso que a minha neta já está fazendo dela, eu também desfruto. Enquanto ela só fala francês com a mãe, comigo Sara fala a minha língua, a da avó Aïda. É com prazer que a ouço me perguntar quando volta da escola: *Ki soloba ou kite pou mwen jodi a Ti Manm?*²⁹ (Agnant, 1995, p. 50, tradução nossa).

O orgulho que Marianna sente ao perceber a capacidade de comunicação da neta em *créole* é uma espécie de vitória para a personagem. Ao questionar a avó com a frase “*Ki soloba ou kite pou mwen jodi a Ti Manm?*”, que segundo as notas do capítulo (Agnant, 1995, p. 51) significaria algo em torno de “Qual lanche você me preparou hoje, vovó?”, Sara torna-se prova de que Marianna foi bem sucedida ao transmitir seu legado.

A formação identitária de Marianna faz da transmissão dessa ancestralidade linguística parte essencial de si mesma e de quem considera ser. A personagem sente-se orgulhosa ao assistir a neta comunicar-se “na língua da avó Aïda”, fato que aproxima ainda mais as duas. Apesar de não ser imigrante, Sara abraça a cultura e língua ancestral ensinada pela avó e torna-se parte do legado. Comunicar-se em *créole* preenche um espaço primordial na conexão que avó e neta partilham.

O *créole* é a língua capaz de transmitir sua história, sua cultura, o legado da avó Aïda, função essa que o francês, língua falada por todos, inclusive os que rejeitam a história oferecida por Marianna, como é o caso de Giselle, não pode cumprir. Para Marianna, o *créole* é a peça que faltava na ancestralidade que transmitiu à neta, o francês não lhe basta.

6. OS ECOS DE LÀ-BAS: O RETRATO DO CHOQUE CULTURAL

6.1 Do café à prisão

Ao longo de sua imigração, a personagem Marianna vivencia vários conflitos internos. Contudo, grande parte dessas problemáticas são dissolvidas ou negociadas durante sua estadia, produzindo ativamente a identidade de mulher imigrante, papel social o qual está desempenhando enquanto reside no Canadá. Apesar de, como estamos observando ao longo de nossa análise, encontrar soluções para seus questionamentos internos, seja fazendo concessões ou voltando-se ao próprio passado, há uma questão da qual Marianna não abre mão e hesita por muitos anos até que consiga conciliar e aceitar conviver com esse elemento, apresentado agora de uma maneira diferente da qual estava familiarizada: o café. Natural do Haiti, país que foi considerado durante décadas como o maior produtor de café do mundo (Berbel et al, 2010), a personagem apresenta uma conexão profunda com o grão e com sua produção.

Enquanto ainda colônia, segundo Isabela de Souza em artigo publicado em 2021 intitulado *Transformações da economia de plantation na Revolução Haitiana: Saint-Dominique 1790 - 1803*, a produção de café foi um dos grandes fatores catalisadores para a revolução Haitiana entre 1790 e 1803. Segundo a autora, a ilha de Saint-Dominique foi uma das maiores produtoras de café ao longo de sua história de colonização e chegou a ser responsável por até 60% da produção de café do globo. Tal fator impulsiona e influencia a construção de uma cultura identitária voltada para a produção e cultivo do grão, transformando-o também, além de um importante fator econômico, em um fator social, uma característica em comum entre os habitantes da região. Dessa maneira, o cultivo do café interfere não somente na visão de si desses indivíduos mas também na construção de suas identidades nacionais a partir desse fator coletivo o qual partilham.

Ao longo da obra, Marianna adquire uma visão essencialista de si mesma e do mundo ao seu redor. Com certa frequência, a personagem faz associações e comparações entre um país e outro, abrangendo em seus questionamentos os mais diversos aspectos, como analisaremos neste capítulo. Entretanto, essas comparações expõem um caráter mais agressivo, uma comparação ainda mais acirrada quando o assunto é o café. A personagem mantém uma relação estreita com o grão, recordando-se desde como o plantavam até o momento em que o colhiam em sua terra natal. Para ela, o café não é apenas um grão ou uma bebida, o café é um símbolo, lembrete diário de sua própria herança e de sua cultura.

Por ser um elemento frequente no dia-a-dia da personagem e de Giselle, a presença do café na vida de Marianna é um dos elementos que a permite retornar ao lar e resgatar sua identidade. A personagem usa de suas comparações para explicitar seu descontentamento com essa nova realidade e exaltar suas próprias raízes. Em determinado momento no livro, Giselle repreende Marianna por tomar café demais, e Marianna se revolta, ouvindo a reclamação da filha com profundo descontentamento. Em sua resposta, Marianna resgata memórias como se para destacar a diferença existente entre a visão cultural das duas e, para além disso, a diferença cultural dos dois países. Na réplica, a personagem não somente responde na mesma intensidade à indagação impertinente da filha, mas também revela o caráter intimista que a cultura do café e o preparo do grão ocupam em sua vida:

E onde é que alguém já ouviu dizer que o café faz mal? Mais uma daquelas ideias que ninguém sabe de onde você tirou! E o que você tomou no café da manhã durante vinte anos, Giselle? Lembra? Um bom café! Era muito mais perfumado do que este e o seu aroma enchia toda a vizinhança. Um bom café bem adoçado com biscoitos amanteigados. Era muito mais encorpado, o nosso café. Eu tento vários métodos para melhorar esse sabor e aroma, mas nada adianta. É o ar do país, parece; a forma e o momento escolhido para torr-lo também. Aqui tudo é feito muito rapidamente. Lembra de quanto tempo demorava para preparar o café? Torrávamos o café todos os sábados à tarde, por volta das seis horas, depois do mercado, e o José vinha moê-lo para mim, no grande pilão preto. Como é que pôde se esquecer do José? Era ele que carpia o quintal, ia jogar o lixo no aterro e, todos os sábados, vinha torrar e moer o café. Sabe, foi uma herança da avó Aida, aquele grande pilão preto. Deixei-o lá. Estou guardando para a Sara³⁰ (Agnant, 1995, p. 38, tradução nossa).

A conexão que partilha com o café é a mesma que partilha com a própria terra e com a própria história. Vivenciar a mudança no sabor e no aroma da bebida torna-se um lembrete constante do seu não pertencimento nessa terra estrangeira que, segundo a personagem, nem ao menos é capaz de manter a qualidade do grão. A resistência de Marianna ao café desse “novo mundo” é um reflexo de seu apego à sua própria história, à sua cultura natal e de seu orgulho pelo seu país, visto que a personagem não hesita em exaltar a soberania do café haitiano. Marianna rejeita o que esse novo mundo lhe oferece e usa o café como um símbolo de sua tenacidade, permanecendo firme em relação à sua identidade, como quem simplesmente não pertence ao meio em que habita. Tal fator de distanciamento fica explícito na fala da personagem ao apontar as distinções entre o que considera “esse café” e o qual recorda como “nosso café”.

Mesmo com o desprezo, os questionamentos e o desdém de Giselle, Marianna encontra nessa conexão uma maneira importante de recordar-se de si mesma, como um lembrete diário de quem é. O café compõe e representa grande parte de sua própria história e, ao defendê-lo dos questionamentos da filha, Marianna também defende a si mesma e a sua herança, estendendo-a à Sara. A neta é elemento que constitui sua hereditariedade tanto

quanto o café, e a personagem faz questão de explicitar seu vínculo e apreço, não só a Sara mas também a sua ancestralidade, ao declarar que irá presenteá-la com os objetos os quais deixou em sua residência, no Haiti. Está na relação com Sara a fonte de resiliência a qual permite que Marianna possa reencontrar-se enquanto imigrante, lembrando, transmitindo e guardando para a neta seus bens mais estimados, nesse caso o pilão deixado pela avó Aïda.

O café e Sara detêm igual relevância e caminham lado a lado ao longo do processo de negociação identitária de Marianna. A personagem encontra-se tão profundamente entrelaçada com a neta e com a forma a qual Sara abraça a herança cultural que, ao descrever o convívio das duas, Marianna declara que “Sara parece querer substituir até o cheiro e o sabor do café³¹” (Agnant, 1995, p. 30, tradução nossa), explicitando o poder desse vínculo. Essa relação é um alívio tão profundo que a neta acalenta até mesmo aquilo que está fora de seu alcance, nesse caso, o próprio gosto do café, fator que tanto incomoda Marianna. O relacionamento avó/neto é tão intenso e tão restaurador que reflete em todas as áreas da vida da personagem.

Entretanto, assim como desaprova a resistência da mãe em relação a essa nova vida e tenta interferir na relação de Marianna e Sara, Giselle também tenta afastar Marianna de sua herança com o café. A personagem encara a proximidade da mãe com sua terra natal com profundo descontentamento e tenta convencer Marianna para que mude até a forma como toma seu café, visto que percebe a importância que a bebida tem para Marianna. Em uma passagem da obra, Marianna revela que pede a amigos que irão visitar o Haiti para que tragam filtros de café, em mais uma de suas tentativas de melhorar a bebida no Canadá, e, em meio a isso, expõe a interceptação de Giselle:

— Este café é muito bom, Marianna.

— Obrigada, Ita. Faço-o no meu filtro de Siam. É um café dos tempos passados, como diz Sara. Sempre que ouço dizer que alguém vai para lá, peço alguns filtros. Giselle me diz que conseguimos comprar aqui em algumas lojas, mas eu acho que os da nossa casa ainda são os melhores³² (Agnant, 1995, p. 89, tradução nossa).

O café é um vínculo direto que Marianna mantém com sua terra natal, mesmo após anos de imigração, a quilômetros de distância, e isso incomoda Giselle que parece lutar contra todos os laços que a mãe tenta manter. Ao pedir filtros de café direto da própria terra, destacando um costume em comum que encontrou por meio de amigos e conhecidos que irão visitar o Haiti, Marianna reafirma sua identidade e sua conexão com sua ancestralidade. Ao enfatizar em sua fala que “os da nossa casa ainda são os melhores” a personagem salienta o seu não pertencimento, e para além disso, sua não conformidade com sua situação atual ao repetir que a sua casa, o seu lar, o local ao qual realmente pertence, não é o Canadá. Marianna

usa o café como ponto de estabilidade e refúgio ao longo de sua negociação identitária. O elemento representa um ponto em comum que a personagem partilha com outros imigrantes do Haiti, uma conexão a qual faz questão de manter e por meio da qual consegue criar vínculos e relações com pessoas condicionadas à sua mesma situação, nesse caso, os conhecidos e amigos, também imigrantes, que retornam ao Haiti e a trazem os filtros.

O café atua como uma espécie de instrumento de resistência em meio à confusão e a personagem explicita essa relação ao recorrer a esse elemento sempre que encontra algum tipo de adversidade ou imprevisto. Em determinada passagem, Sara foge de casa e Marianna recebe o telefonema da polícia durante a madrugada. Giselle, medicada devido a problemas emocionais e psicológicos, não consegue acordar e Marianna encontra-se impotente, sem saber exatamente o que fazer. Ao descobrir que a neta não está em casa, a primeira reação da personagem é recorrer ao café: “Deus de misericórdia! Não me deixe cair! A sala gira. Minha vida derrete-se aos meus pés como se eu fosse uma estátua de cera. Vou desmaiar, com certeza. Corro até a cozinha, ferver água para o café”³³ (Agnant, 1995, p. 68, tradução nossa). Marianna recorre à bebida como âncora que a resgata do mundo em que está inserida e a devolve a si mesma.

As atribuições que vivencia ao longo de sua imigração interferem em todos os aspectos de sua experiência de vida, e o café não deixa de ser um desses elementos afetados. Mesmo que funcione como um vínculo, uma ligação direta que a personagem mantém consigo mesma e com sua história, a solidão da imigração, um dos maiores obstáculos enfrentados por Marianna, esbarra na forma com a qual vive essa conexão e sua própria rotina. Em determinado momento, no início de sua vida como imigrante, a personagem relata a sensação de solidão que lhe rouba até mesmo a satisfação das pequenas coisas, ações cotidianas, as quais antes lhe eram prazerosas mas que agora não passam de eventos automáticos:

Como um robô, preparo o café. A água desce lentamente sobre o pó que incha, parece rebelar-se, mas acaba por se depositar no fundo do filtro. Estes gestos cotidianos, que sempre me encheram de uma felicidade primitiva e intensa, parecem, agora inúteis e irrisórios³⁴ (Agnant, 1995, p. 69, tradução nossa).

Mesmo com toda sua importância histórica, cultural e pessoal, nem mesmo o café parece ser suficiente para apaziguar e acalantar a experiência migrante de Marianna. Em sua nova vida, o café não é a única coisa que mudou drasticamente, mas também a forma com a qual é capaz de viver. Assim como é obrigada a vivenciar as mudanças no gosto, sabor e cheiro do café, o qual apreciava tanto, Marianna também é obrigada a vivenciar as mudanças no estilo de vida, nas pessoas ao seu redor, na cultura e, até mesmo, na relação conflituosa

com Giselle. O estranhamento da personagem em relação a filha, a sua residência e a forma como as pessoas vivem contribui diretamente para o seu isolamento nos primeiros meses. O impacto da mudança é tal que até mesmo Giselle se comove e tenta ajudar a mãe, mesmo que seus esforços não sejam constantes.

Em algumas passagens, Marianna relata que Giselle insiste para que saia de casa, para que conheça a vizinhança, ou até mesmo para que se divirta, mas, mesmo assim, Marianna resiste: “Mas desde que cheguei aqui tem sido assim, não saio. Apesar de tudo, ela insiste em comprar roupas para mim. Onde é que eu posso ir? Não conheço ninguém. *Anse-aux-Mombins* e a *Cité des Bois-Pins* estão bem longe”³⁵ (Agnant, 1995, p. 33, tradução nossa). O choque cultural que Marianna enfrenta corrompe não apenas as atividades cotidianas que lhe eram prazerosas, mas as novas experiências que poderiam ser. Nesse novo contexto, a própria personagem lista as diferenças que nota no modo de viver e, especialmente, nas moradias canadenses:

Não estava acostumada a viver assim, de manhã até a noite, entre as quatro paredes brancas de uma jaula. É isso o que eu pensava do apartamento de quatro cômodos onde vivíamos, sem varanda, sem sacada, amontoados, isolados do mundo. Não estávamos vivendo em um deserto, não, nada disso, estávamos em um prédio de seis andares que tinha, se não me engano, mais de cinquenta apartamentos³⁶ (Agnant, 1995, p. 23, tradução nossa).

Para Marianna, mulher com mais de 50 anos de idade que permaneceu boa parte de sua vida em uma vila e depois em um bairro da capital do Haiti, onde, mesmo melhor localizado, conseguiu estar próxima de amigos e bem conectada na vizinhança, essa nova vida em território canadense não faz sentido. A personagem encontra-se com um problema fundamental nas mãos: está deprimida demais para sair de casa, visto que não conhece ninguém e nem o bairro onde mora, mas permanecer dentro de um apartamento vinte e quatro horas por dia a deprime ainda mais.

O distanciamento —não físico visto que fisicamente estão todos “amontoados” como a personagem aponta acima— principalmente emocional das pessoas ao seu redor parece ser o que mais incomoda a personagem. Por vezes, Marianna aparenta sentir-se incomodada com diversos aspectos, desde a aparência dos apartamentos e prédios, até mesmo com a limpeza e a falta de barulho na vizinhança. O silêncio e a ordem excessiva impulsionam o estranhamento inicial da personagem, concedendo às coisas, até mesmo as mais insignificantes, um aspecto “triste”:

Um ar de tristeza preenchia o bairro, limpo demais, tranquilo demais, e essas ruas nas quais poderíamos andar por horas sem cruzar com uma alma viva. Me dei conta de que por trás das portas havia sim rostos, e que todos, infelizmente, passavam a impressão de serem os mesmos, homens ou mulheres, magros ou gordos, idênticos. Todos fechados. E se, por acaso, uma dessas portas, por uma fração de segundos, se

demorasse entreaberta e alguém, como um ladrão, espreitasse, um rosto como todos os outros fecharia a porta. Eram semblantes não apenas fechados, mas mudos. Não se cumprimentavam. Seus lábios não conseguiam se mover, nem mesmo para responder uma saudação tímida³⁷ (Agnant, 1995, p. 23, tradução nossa).

A antipatia da personagem estende-se especialmente à falta de vínculo dessa nova sociedade. Marianna, acostumada com o calor de um contato próximo com os amigos, parentes, vizinhos e conhecidos, depara-se com uma sociedade em que as pessoas nem mesmo se cumprimentam. Em uma de suas tentativas de criar uma ligação com a própria filha, de fazer-se ser ouvida e compreendida, Marianna aponta tais questões para Giselle e encontra rejeição, mais uma vez. A filha responde que Marianna “não está mais em uma vila” (Agnant, 1995, p. 23, tradução nossa), menosprezando os sentimentos de exclusão e estranhamento da personagem, desdenhando de sua vivência no Haiti. O isolamento social que enfrenta, tanto dentro quanto fora do apartamento em que vive, faz os rostos parecerem os mesmos, partilhando da mesma tristeza e do mesmo semblante silencioso.

Marianna tenta encontrar algum tipo de conexão, algum vínculo que possa criar com essa nova sociedade, e explicita isso ao comparar essa tentativa de interação com olhar “como um ladrão”, dando a entender que as pessoas não apenas evitam tal contato, mas ativamente fogem dele. A personagem, deprimida e com sede de afetos, buscando ligar-se a pequenas coisas como um simples “bom dia”, encontra-se isolada do mundo tanto pela sociedade quanto pela própria filha. É nesse contexto que a relação que Marianna constrói com Sara ocupa papel essencial em sua experiência migrante. A única conexão real que a personagem é capaz de tecer é com a neta que a ouve, acolhe e incentiva a celebrar a própria história mesmo à distância. Sara, assim como o café que Marianna se recusa a abandonar, oferece à personagem uma oportunidade única de não esquecer de si mesma:

Penso na minha casinha. Às vezes me lembro da época de baixa temporada, passando as tardes quentes na varanda com um bom café, bem quente com bastante fumaça, os olhos fechados. Mas Sara, aos poucos, se esforça cada vez mais para que eu não pense em nada. Como uma fadinha, ela tenta apagar tudo da minha memória³⁸ (Agnant, 1995, p. 30, tradução nossa).

Mesmo sentindo-se solitária, é a conexão com Sara que leva Marianna a permanecer onde está. Ao recordar-se de sua própria experiência, de momentos específicos de sua vida, é Sara quem a incentiva e, além disso, a permite estar confortável em suas lembranças. Ao “tentar apagar a memória” de Marianna, Sara confere sentido à estadia e a solidão da avó, abrindo espaço para que Marianna se reinvente e se reencontre como uma nova pessoa. É o vínculo que avó e neta criam que permite que a personagem possa lançar um novo olhar para si mesma para que consiga (re)negociar sua identidade.

6.2 O desespero das árvores

Marianna passa vinte anos vivendo como imigrante no Canadá e mesmo assim, não deixa de pensar naquilo que considera como seu próprio lar todos os dias. O posicionamento essencialista acatado pela personagem é fator ampliado a partir das comparações que faz lançando mão das novas informações que lhe são apresentadas. Além do café, como vimos no capítulo anterior, Marianna compara também os simples costumes e as escolhas que os nativos fazem no dia a dia. Um dos fatos que incomoda a personagem é a falta de elementos naturais na rotina dos canadenses. O uso constante de medicamentos é mais um catalisador para o questionamento identitário de Marianna ao mesmo tempo que intensifica a sensação de não pertencimento.

A simplicidade da vida no Haiti, o contato com a natureza e com métodos não convencionais da medicina são fatores que fazem parte da experiência cultural da personagem, é como foi criada, é como viveu mais da metade de sua vida e, portanto, é também parte de sua identidade cultural e nacional. Marianna relata em determinadas passagens que utilizava chás e ervas para curar as mais diversas atribulações do cotidiano e o fato de que, em sua imigração, as pessoas usam medicamentos e pílulas para curarem-se de coisas que considera simples, explicita a diferença na visão de mundo entre a personagem e os nativos.

Marianna faz importante crítica ao novo estilo de vida que vê a filha Giselle levar ao notar a quantidade de comprimidos que toma. Ao mesmo tempo em que Giselle se dá a liberdade de criticar as escolhas da mãe, Marianna retribui as críticas apontando outros aspectos da vida da filha. Esses questionamentos afastam ainda mais as duas a partir do ponto em que fica claro para Marianna o seu não pertencimento e, para além disso, a falta de desejo de pertencer a um local que vai contra as coisas nas quais acredita. A identidade migrante de Marianna firma-se sob a rocha da não conformidade.

Ao ser confrontada com a diferença de vida entre as duas Marianna relata:

Mais uma vez, não posso deixar de pensar em *là-bas*, quando bastava tomar um chá de erva-cidreira, de graviola ou de verbena para sumir com a vergonha, o medo, as fantasias, a solidão... e até mesmo aquela necessidade passageira de um homem. Para curar todos os males, todas as feridas, não tínhamos nenhum desses comprimidos coloridos que aqui compram como bombons, e no entanto... só Deus sabe o que carregávamos nos ombros³⁹ (Agnant, 1995, p. 68, tradução nossa).

Para a personagem, a crítica do país anfitrião e a valorização de sua hereditariedade andam juntas. Ao mesmo tempo em que lança um julgamento contundente à vida que Giselle e os canadenses levam, Marianna exalta sua própria cultura e seu próprio

país. Na passagem, a personagem valoriza o fato de que ainda que sofressem questões extraordinárias, mesmo assim, não recorriam a remédios. O posicionamento essencialista da personagem ao lado dos haitianos, de sua terra natal, e da herança que partilham fica ainda mais claro ao fazer suas afirmações sempre utilizando a primeira pessoa do plural, posicionando-a ainda mais distante desse novo mundo em que vive enquanto imigrante.

Esse mesmo posicionamento que torna possível para Marianna reencontrar-se no Haiti enquanto vive no Canadá, também a afasta de novas possibilidades e experiências. Por passar duas décadas longe de casa, a visão essencialista da personagem acaba por torná-la cativa, completamente distante do mundo ao seu redor, sem sair de casa nem mesmo para conhecer o bairro onde estão. A imigração isola a personagem de tal forma, que mesmo em meio à relação conflituosa com a filha, Giselle tenta intervir para que a mãe socialize: “Devia ir, mãe. Seria uma forma de conhecer outras pessoas, de sair um pouco. Está vivendo aqui há quase quatro anos, parece uma prisioneira”⁴⁰ (Agnant, 1995, p. 41, tradução nossa).

Giselle preocupa-se com o comportamento da mãe, mesmo que não concorde com seu posicionamento, fato que faz questão de enunciar sempre que encontra alguma oportunidade, a personagem tenta atenuar a visão que a mãe adota em relação à nova sociedade em que está inserida. Em uma de suas interferências, Giselle tenta convencer a mãe de ir às lojas de departamento comprar roupas, ou até mesmo apenas observar as vitrines, passatempo que considera prazeroso e comum, porém, Marianna resiste:

Costureira, em toda a minha vida só tive quatro vestidos, dois para sair de casa, quando precisava ir para o colégio interno de Giselle, e dois para os outros dias. Várias vezes também ela me convidava para sair e ir às lojas. Eu recusava. Que ideia curiosa, ir passear em frente às vitrines, ver o que está nas prateleiras!⁴¹ (Agnant, 1995, p. 33, tradução nossa).

Marianna entende as ideias de passatempo de Giselle como coisas fúteis. Em mais uma recusa, a personagem faz outra comparação e crítica em relação ao estilo de vida da filha. Ao lembrar seu passado, Marianna deixa claro os hábitos que considera justos, aqueles que, de acordo com seu raciocínio, fazem sentido e os quais considera simplesmente banais, usando para isso a própria vivência como guia. A partir disso, Marianna parece não entender o motivo pelo qual as pessoas realmente iriam sair de casa para engajar uma atividade a qual considera tão trivial e desnecessária.

Por outro lado, após certa insistência, a personagem revela que não é apenas por considerar a atividade banal que não cede aos pedidos da filha. Em determinada passagem, Marianna argumenta que, dentro das lojas, sente-se vigiada e perdida em meio a tantas pessoas, sem saber como se comportar:

[...] e eu, igual um pião, giro no mesmo lugar, tonta, me batendo em outras pessoas. Acho essas grandes lojas, as que Giselle gosta tanto, tão atordoantes. Me deixam com vertigem. E a sensação de que há sempre alguém nos olhando faz minhas costas gelarem⁴² (Agnant, 1995, p. 33, tradução nossa).

O constrangimento revelado pela personagem denuncia fato importante além de sua resistência a essa nova realidade: a vivência do seu não-pertencimento. Marianna opõe-se à grande maioria das coisas que lhe são apresentadas pela nova sociedade em que se inseriu, especialmente no que diz respeito às novas experiências. A passagem revela que não é apenas o seu posicionamento essencialista que leva a personagem à voltar-se ao passado e a supervalorizar as experiências e costumes de sua terra natal, mas também o fato de sentir-se subjugada, o que fica explícito ao dizer que sente-se vigiada o tempo todo. Marianna dificilmente aceita algo dessa nova realidade quando lhe é oferecido, e, quando cede, acaba por sentir-se ainda mais coibida.

Por não saber como se portar quando confrontada por essa nova sociedade, e, talvez justamente por sentir-se inibida por ela, a personagem acaba por isolar-se ainda mais. Esse início de interação entre Marianna e os nativos é conturbado e, devido a isso, a personagem passa cerca de cinco anos morando no Canadá reclusa a maior parte do tempo.

Em determinado momento, mesmo detestando sair de casa, Marianna acaba cedendo aos pedidos de Giselle e concorda em se encontrar com um grupo de oração no prédio em que moram. Mesmo relutante, a personagem é surpreendida ao longo desse episódio:

Descobri ali uma nova forma de rezar. Nas orações de Solange e das suas companheiras, Deus já não era o Cristo belo, barbudo e magricela que parecia implorar nossa piedade. Ele era cheio de compaixão e pronto para responder a cada oração. As mulheres presentes pareciam vê-lo, senti-lo [...] A oração transformou-se numa longa e íntima conversa com um Deus que está presente entre nós. Solange dirige o grupo. As suas palavras rolavam para cima e para baixo como páginas longas, intermináveis, dolorosas, que as outras mulheres pontuavam com aleluias. [...] De olhos fechados, as mulheres levantam os braços para o céu e, uma após a outra, continuam esse diálogo com Deus. No início, tive dificuldade em acompanhar o ritmo e tanto fervor. Mas continuei a ir à casa da Solange. Era como um acordo entre ela, Giselle e eu⁴³ (Agnant, 1995, p. 42-43, tradução nossa).

É a partir desse encontro, desse “acordo” que fez com Giselle, que passamos a notar a negociação identitária pela qual a personagem se dispõe a passar. Mesmo relutante ao sair de casa e ao encontrar essas mulheres, Marianna é capaz de observar coisas boas e até mesmo admirar características presentes na oração delas, destacando que encontrou “uma nova forma de oração”, “um Deus diferente”. Embora não seja a forma de oração com a qual está acostumada, Marianna é capaz de entender a maneira com a qual as mulheres referem-se

a Deus e, além permitir a si mesma sentir-se comovida com essa nova característica, não relata essa descoberta de forma negativa.

Marianna permite que a experiência a sensibilize ao mesmo tempo em que relata o choque cultural que a acomete. Apesar de tentar se acostumar e estar disposta a participar das reuniões, a personagem deixa claro o estranhamento que enfrenta ao perceber a forma como as mulheres lidam com a figura divina, muito mais próxima, presente e sensível, um Deus que realmente se faz zeloso em meio aos fiéis. A personagem está disposta a não apenas aceitar essa nova forma de vivenciar a religião, mas também a participar de maneira frequente dos encontros, mesmo que incentivada pelo acordo com Giselle.

Apesar disso, Marianna está no início de seu processo de negociação identitária, começando a introduzir em sua visão de mundo novos aspectos e a alterar sua visão sobre alguns dos elementos que se chocam com sua cultura e identidade pessoal. Devido a essa dificuldade, um dos obstáculos que Marianna parece não conseguir superar é o do clima. O inverno no Canadá é um dos fatores que impressiona a personagem desde o momento em que chega até sua partida vinte anos depois. Mesmo assim, inserida em um ambiente tão contrário ao qual estava acostumada, com um clima tão oposto, a milhares de quilômetros de distância, Marianna ainda se lembra da avó em meio à neve:

As árvores nem sequer tinham tido tempo de perder completamente as folhas. Fiquei ali por um longo momento, paralisada, olhando os pesados flocos que rodopiavam indiferentes antes de se depositarem no chão. Essa neve, tão bela e, ao mesmo tempo, tão assustadora... Voltei a pensar na avó Aída, que se maravilhava com uma flor do campo, com o formato redondo de uma beringela ou com uma galinha bem roliça: “Tudo o que os nossos olhos podem contemplar sob este sol é uma graça, uma dádiva do céu”, dizia ela quando caçoavam de seu espanto⁴⁴ (Agnant, 1995, p. 32, tradução nossa).

A lembrança da avó é o que acalenta a personagem em meio à aspereza do clima e do isolamento. Mais uma vez, um elemento da natureza, nesse caso as ervas dão lugar à neve, e Marianna usa a lembrança da avó Aída como uma espécie de espelho por meio do qual se vê e procura uma direção. A personagem usa a relação da avó com a natureza como forma de comparação com a relação que está tendo que estabelecer com uma natureza em situação muito diversa da qual estava acostumada. A maneira com que Aída abraçava a natureza e se afeiçoava àquilo o que considerava “graça de Deus” funciona como guia para Marianna, mesmo que a personagem não vá se acostumar com o frio extremo que enfrentará todo inverno por vinte anos.

Nessa passagem, Marianna tenta negociar sua própria identidade lançando mão de elementos de seu passado em busca de algum sentido no presente. Uma marca desse processo de negociação identitária é incluída em seu relato ao descrever a neve como algo negativo,

“assustadora”, que pegou de surpresa até mesmo as árvores, porém, mais do que isso. Ao caracterizar a neve, por mais que Marianna sinta-se intimidada por ela, a personagem também a descreve como “bela”. Ao conceder ao elemento não só características desfavoráveis mas também algo bom, Marianna aproxima-se dele, do país, da cultura e cede em sua própria identidade afeição a algo que ainda lhe incomoda. A personagem vai além do próprio estranhamento e negocia sua identidade ao ponto de ver a neve como algo desagradável porém encantador ao mesmo tempo.

O inverno para a personagem é um período de estranhamento quase permanente. O primeiro inverno que passa no Canadá, Marianna fica admirada com a quantidade de neve, mesmo Giselle, mais uma vez, desdenhando de sua opinião:

Acho que o inverno é muito longo. E os dias são muito curtos. A noite chega com pressa mas permanecem claras apesar de tudo. A neve, uma luz imensa que se eleva do chão... Todavia, meu corpo intimida-se. Não consegue aceitar a mudança radical de temperatura. A luz não consegue aquecê-lo. Como uma maré, o frio me envolve. Giselle diz que a neve não está exatamente abundante esse ano, mesmo que, no parque, eu veja montanhas de neve acumularem-se, cada vez mais altas. Me pergunto como seria em um tempo normal!⁴⁵ (Agnant, 1995, p. 32-33, tradução nossa).

Novamente, Marianna concede uma dualidade ao próprio estranhamento. Embora veja o inverno como um inconveniente, visto que os dias passam a ser mais curtos, a personagem aprecia a “luz” que emana da neve, mesmo que seja algo rejeitado pelo próprio corpo. A imigração, como um processo construído de maneira ativa, deixa de ser apenas uma prisão e passa a ser um evento paradoxalmente agradável e desagradável, especialmente em questões identitárias. É apesar dos problemas que a neve e o inverno canadense causam a seu corpo físico que a personagem ainda é capaz de descrevê-los como algo “belo” ou até mesmo um elemento positivo que “que emana luz”.

Ao descrever as paisagens, Marianna compara o frio com aquilo que lhe parece mais familiar: uma maré. O mar e o calor do Caribe são os elementos que Marianna usa para poder expressar os efeitos do clima em seu corpo, visto que nunca havia passado por uma experiência como essa. Marianna, ao negociar sua identidade, usa de um repertório pessoal e ancestral para conceder significado às questões que enfrenta durante sua imigração. A neve, mesmo que assustadora e desconhecida, ainda assim emana uma “luz”, o que clareia as noites do apartamento e a mantém acordada até que se acostume.

É envolta nessa dualidade, promovida pela negociação identitária, de coisas boas e desagradáveis ao mesmo tempo, que Marianna precisa resistir à melancolia do inverno, ao isolamento social, à falta de conexão e de vínculos afetivos. Mesmo disposta a ceder em alguns aspectos, Marianna se encontra ainda mais reclusa da sociedade ao longo dos

primeiros invernos e tais sentimentos negativos transformam a forma como a personagem descreve a paisagem:

O grande parque em frente de casa, onde os casais se abraçam despreocupadamente no verão, transforma-se no inverno num cemitério de árvores, um santuário de gigantes vencidos pelo frio. Sinto-me triste quando os vejo. Imagino, contemplando os seus longos braços macilentos, com as garras nuas erguidas para o céu, que estão rezando, implorando a todos os santos para que ponham fim ao seu sofrimento⁴⁶ (Agnant, 1995, p. 40, tradução nossa).

A tristeza da personagem reflete na forma com a qual passa a descrever os acontecimentos ao longo do inverno. No verão, Marianna concede ao parque uma característica calorosa, como a de casais se abraçando despreocupadamente, porém no inverno, Marianna vê a paisagem quase como um mausoléu. Seu sofrimento a partir do isolamento social agravado pela imigração interfere em como vê as árvores: figuras angustiadas implorando à uma entidade divina por misericórdia. Além disso, a personagem ainda confessa que observá-las causa angústia e a deixa deprimida, visto que seu sentimento é externalizado e transferido às figuras que atuam como símbolo de si mesma e de suas emoções.

Independente do passar dos anos, a personagem não se acostuma com o inverno severo do país e, aos poucos, passa a sonhar com a sua volta, especialmente em períodos mais gelados. Por não conseguir se ajustar ao frio prolongado do Canadá, fica claro a sensação de não pertencimento da personagem à medida que suas reclamações e comparações ficam mais frequentes e a temperatura se torna um fator de extrema relevância ao argumentar sua volta ao Haiti. Ao longo do livro, as passagens nas quais Marianna cita a sua retorno passam a ser mais frequentes no momento em que percebe que seus conhecidos estão chegando ao final das próprias vidas:

— Tia Charité mandou dizer que não a deixe partir sem que venha se despedir uma última vez. “Diga à Pequena que eu já deixei o mundo dos vivos. Ela precisa voltar antes de eu partir”. A tia Charité tinha noventa e oito anos. Ainda me chamava de pequena. Ela morreu no ano passado. Não pôde me esperar⁴⁷ (Agnant, 1995, p. 63, tradução nossa).

A perda de familiares é um fator decisivo para que Marianna anseie pelo seu retorno. Mais de dez anos depois de sua mudança de país, os parentes e conhecidos da personagem começam a falecer, fato que amplifica o seu sentimento de não pertencimento. A memória de seus entes queridos, amplificada pelo falecimento, faz a personagem reviver momentos e desejar maior proximidade com suas raízes. Mesmo mais de uma década depois de sua partida, Marianna ainda sente que sua casa ficou para trás e sonha com um possível reencontro de forma cada vez mais frequente.

Além disso, a personagem vive o entre-lugar imigrante com ainda mais intensidade conforme Sara cresce. Ao habitar a fronteira entre o não pertencimento e a necessidade de estadia, Marianna perde o sentido de sua permanência a partir do momento em que Giselle deixa de precisar de ajuda na criação da filha. Marianna passa pelo menos dez anos vivendo exclusivamente com o objetivo de auxiliar Giselle com a criação de Sara e faz de tal objetivo elemento essencial em sua identidade migrante, visto que Marianna só se torna uma imigrante a partir do pedido de ajuda de Giselle. Assim que a neta se torna uma jovem e parte em busca da própria independência, sua estadia perde o objetivo principal. O prolongamento da estadia da avó e a independência da neta atuam de forma proporcionalmente inversa.

Em decorrência do isolamento social, no início de seu processo de vivência como imigrante, Marianna sente-se tão distante de si mesma e de sua zona de conforto que acaba por trancar-se dentro de casa e refaz sua vida em torno da neta. Sara se torna seu maior conforto e única razão para permanecer. Ao perceber que a neta já não é mais uma criança, mas uma adolescente, Marianna começa a perceber que sua presença já não é mais tão essencial e que está, na verdade, distante de casa a grande custo pessoal visto que seus entes queridos estão falecendo sem que possa ao menos se despedir.

Sara cresce para além da expectativa da avó que construiu sua identidade migrante de acordo com suas necessidades infantis básicas. Quando essas necessidades deixam de surgir com a mesma frequência, Marianna passa por mais um choque identitário visto que sua vida no Canadá está fadada a perder o sentido conforme a neta cresce. A morte da tia Charité é o gatilho necessário para que Marianna perceba que atrelou-se à menina de forma profunda demais. Nesse momento, a personagem reflete:

Acredito que Sara afastou meu coração dos *Mombins*. Desde que recebi a notícia da morte da tia Charité, tenho a impressão de que tudo o que trago na memória são fantasmas. Este ano, faz treze anos que troquei de pele e entrei na sombra de Sara⁴⁸ (Agnant, 1995, p. 66, tradução nossa).

Ao mencionar a “troca de pele” a personagem explicita a consciência que têm de sua negociação identitária. Marianna sabe que trocou tudo pela neta e pela vida de imigrante em função da criação de Sara. Em seu momento de reflexão, a personagem parece entender que a troca de vida, de maneira especial tendo em vista os custos emocionais em face da perda de familiares, por uma vida que agora escapa por entre seus dedos, não foi uma troca justa. Internamente, Marianna parece sentir que deixou parte de si para viver à mercê da neta e explicita isso ao mencionar que “entrou na sombra de Sara”. Essa reflexão demonstra que a

personagem reconhece estar completamente envolta pela neta ao mesmo tempo em que não menciona uma necessidade de partir, o que faz apenas sete anos depois.

À medida em que percebe que não é mais “útil” como era antes, aproximando-se dos setenta anos de idade, Marianna entende que seu tempo de vida está acabando e traça outro objetivo, um propósito final para que possa finalmente retornar ao Haiti em paz: deseja ver a neta casada. Para Marianna, é importante ver que Sara irá seguir transmitindo a história da família, que irá continuar propagando para a próxima geração os ensinamentos da avó Aïda, assim como Marianna fez com ela. Em uma de suas discussões, Marianna argumenta:

Tenho de partir, Sara, e o tempo está acabando. Como diz Mèmène, não quero que os meus ossos fiquem com frio embaixo dessa neve, o inverno dura tempo demais. Gostaria de dormir meu último sono no calor. Você tem de se casar antes de eu partir⁴⁹ (Agnant, 1995, p. 96, tradução nossa).

Em seu apelo à Sara, Marianna destaca duas coisas que considera importantes. A primeira delas é a de que seu tempo está acabando e que precisa partir. Nota-se: o verdadeiro problema para a personagem não é sua idade avançada, mas viver sua velhice e possível falecimento longe do Haiti. Mesmo após quase vinte anos, Marianna sabe que sua “vida útil” no Canadá chegou ao fim e espera agora conseguir um momento de felicidade no qual, supostamente, garantirá que sua herança será mantida. A segunda coisa importante que a personagem destaca em sua fala é o fato de que não quer que “seus ossos fiquem com frio” devido ao inverno prolongado. A sensação de não pertencimento acompanha a personagem desde o início de sua imigração, e, agora cada vez mais perto do fim, Marianna teme que, mesmo após sua morte, seus restos mortais ainda estejam condicionados à classe “não pertencente” no local de seu descanso final.

O pedido e a insistência de Marianna no casamento da neta é um fator que, ao contrário do que a personagem esperava, não as aproxima, mas na verdade as afasta. O choque geracional entre as duas é evento catalisador para que Marianna sinta-se ainda mais como estrangeira na relação com Sara. Sempre que menciona o assunto para a neta, a personagem encontra resistência monumental. Sara não deseja se casar e usa a experiência que viveu com o pai biológico, homem que as abandonou quando Sara ainda era um bebê, e a evolução da tecnologia como argumento irrefutável.

O afastamento entre as duas personagens se dá como consequência dessa diferente visão de mundo. A independência de Sara faz a avó sentir-se impotente e a sua opinião decidida termina por distanciar as duas. Marianna que (re)construiu toda sua vida em função de Sara, vê-se não apenas sem serventia nesse novo mundo da neta, mas também sem papel a desempenhar em sua vida. Em uma de suas discussões, Marianna argumenta:

— [...] Você me decepçiona. Os meus olhos sempre a viram tão diferente, vovó.
 — É porque eu já estou do outro lado do rio, minha Sara, e aí as coisas parecem diferentes. O meu barco está vazio agora. Hoje me dou conta e digo a mim mesma que podíamos, sem dúvida, ter subtraído aqui, acrescentado ali, tentado fazer um número redondo, encontrado uma maneira de conciliar as existências, dar-lhes uma alma, sabe! Você sabe o que eu quero dizer!⁵⁰ (Agnant, 1995, p. 98, tradução nossa).

Ao apontar que agora “seu barco está vazio”, Marianna explicita seus sentimentos de desalento. A personagem parece não ver mais objetivo em sua estadia além do casamento da neta, o qual Sara repudia veementemente. Marianna argumenta que a sabedoria da idade a permitiu entender as coisas de outro modo, e espera que Sara ouça seus conselhos baseados nessa vivência, mas a neta não lhe dá ouvidos. Em seu papel de transmissora de legados, Marianna não é bem sucedida nessa herança específica.

A personagem encontra-se em um ciclo vicioso no qual quanto mais repete sua intenção de ver a neta casada mais Sara resiste e mais Marianna sente a necessidade de partir, o que faz com que insista com ferocidade no casamento e, por fim, o afastamento das duas é inevitável. Sara, objetivo inicial e final de todo seu processo imigratório faz o que está ao seu alcance para explicar e abrir novas possibilidades de vida para a avó, mas não se deixa levar por sua insistência. Marianna termina por ter sua identidade abalada, sentindo-se não apenas distante de sua casa, mas distante daquilo que era essencial para sua permanência: a conexão com a neta.

Em uma de suas conversas, Sara tenta explicar para a avó sobre a fertilização *in-vitro*, argumentando que não há nenhuma necessidade de casar-se com um homem para que possa transmitir sua herança. O estranhamento de Mariana é ainda maior:

Desacreditada, olho para ela. Por um momento, sinto-me zozza. Tenho de admitir que Sara nunca deixa de me surpreender. Ela é tão diferente de tudo o que eu já conheci. Será que o mundo mudou tanto que eu já não entendo a linguagem da minha própria neta? Está mesmo na hora de eu ir embora!⁵¹ (Agnant, 1995, p. 96, tradução nossa).

Mesmo após anos vivendo juntas, Marianna percebe que a neta agora é uma mulher que vê o mundo da própria maneira. O vínculo que as duas partilham continua forte mas de outra forma: Marianna precisa aprender a respeitar as escolhas e as diferenças da neta, mesmo que isso vá contra aquilo que acredita e ao compreender tal problemática, a personagem compreende também que seu momento de partir finalmente chegou. Mesmo aceitando as escolhas da neta, a independência de Sara afeta a permanência e a identidade de Marianna, a qual se formou em torno dessa relação de afeto enquanto a menina ainda não era capaz de existir de forma autônoma no mundo.

A identidade migrante de Marianna passa mais uma vez por uma transformação ao perceber que não pode mais contar com o sistema de vínculos o qual havia moldado a sua

volta, não da mesma forma, ou com a mesma intensidade. Transportada, mais uma vez, para um local de estranhamento e choque cultural visto que a neta, jovem canadense, vê a sociedade ao seu redor de forma única adotando a cultura local atrelada com a herança da avó, Marianna sente-se não mais pertencente a esse local que antes era de total acolhimento e aceitação. O não-pertencimento constante é o fomento necessário para seu retorno ao lar.

7. MARIANNA E GISELLE/MARIANNA E SARA

7.1 Giselle e a negação do passado

Ao longo da obra, a autora deixa claro o fato de que Marianna e Giselle abordam a experiência da imigração de forma extremamente discrepante. A primeira a imigrar é Giselle, que sai do Haiti em busca de novas oportunidades e, em um momento de necessidade, busca pela mãe que, sem rodeios, abre mão da própria vida e parte em direção ao desconhecido. A diferença entre as duas reside principalmente em relação à forma como encaram o próprio passado e, até certo ponto, o próprio futuro. Enquanto Marianna rejeita novas experiências, por vezes preferindo o próprio isolamento social, Giselle rejeita as lembranças do passado, ignorando-o na maior parte do tempo.

Essa discrepância prevalece na forma como encaram a vida e a imigração agrava o afastamento pré-existente na relação de mãe e filha. Marianna narra diversas vezes em que Giselle promove grandes fragmentações no relacionamento das duas, desde antes de sua imigração de fato. Vivendo no Haiti, Marianna procura cultivar as lembranças e bens da avó Aïda e transmitir à Giselle seu conhecimento cultural não apenas sobre seu ofício de costureira, mas especialmente sobre a própria vida e a maneira de viver. Apesar dos esforços da mãe, Giselle possui um temperamento forte, e trata as lições da mãe com profundo descaso.

Marianna explicita seu descontentamento com a filha de diversas formas, enquanto acredita que a neta é a reencarnação da avó Aïda, a personagem descreve Giselle como o exato oposto:

Aïda, que conseguia nos fazer perder a cabeça enquanto segurava uma bengala com força nas mãos. Nunca perder o controle da situação, era esse o seu lema. Dona de si, nunca levantava a voz, que saía de seu corpo como um fio de água que escorrega de uma rocha. Ela sabia para onde ia, avó Aïda, e foi em frente, numa extraordinária luta corporal com a vida. É exatamente o contrário de Giselle, que se julga forte porque tem o temperamento de uma diabinha, explosivo e, no entanto, sem força de vontade⁵² (Agnant, 1995, p. 13, tradução nossa).

Marianna usa a figura da avó como guia. As comparações que faz usando a lembrança da avó influenciam de maneira decisiva a forma como encara a vida e as mudanças pelas quais passa ao longo de sua viagem. Ao reconhecer em Sara tanto de Aïda, chegando até mesmo a acreditar que a neta seja uma reencarnação da avó, a comparação com Giselle fica progressivamente mais discrepante e se torna ainda mais decisiva em seu relacionamento. A personagem concede a avó qualidades relacionadas ao autocontrole, força de vontade, habilidade de “lutar” com a vida, coisas que reconhece em Sara, mas que é incapaz de ver em

Giselle. Ao admitir o temperamento difícil da filha, Marianna parece usá-lo como defeito, como uma maneira de argumentar o afastamento das duas.

Visto que Aïda desempenha um papel de figura materna para Marianna, que mantém sua memória viva com muita estima, o desprezo de Giselle pelo passado as afasta ainda mais do que o seu temperamento, uma vez que a mãe parece conformar-se com tal característica. Marianna reconhece a personalidade difícil da filha e mesmo assim se esforça para aceitá-la, não importando o quão absurdo sejam os comentários que tece sobre a cultura ou a maneira de viver no Haiti. Entretanto, ao testemunhar o crescimento de Sara, que acolhe e incentiva tudo que aponta da avó Aïda, Giselle passa a desprezar suas ações, impulsionando ainda mais as divergências entre as duas. A semelhança entre Aïda e Sara as une, e as diferenças entre Giselle e Aïda as afasta.

Desde que imigrou aos dezessete anos, Giselle faz o que pode para se desvincular o máximo possível do Haiti e nunca mais retornou ao país. Não há um esclarecimento na obra sobre o exato motivo pelo qual a personagem trata suas raízes dessa maneira, mas por diversas vezes, Giselle esforça-se para deixar claro sua desconsideração pelo lugar e pelas pessoas com as quais costumava conviver. Lentamente, ao testemunhar a proximidade que Marianna mantém com o Haiti, Giselle tenta intervir nessa relação, empenhando-se em busca de um afastamento também emocional, visto que o distanciamento físico já ocorreu.

Giselle usa do isolamento social que Marianna sofre como argumento, incentivando uma mudança no olhar de Marianna para o passado:

Longe de minha casa, do meu lar, do vai e vem da *Cité des Bois-Pins*, meu sopro de vida estava definhando. “Você tem tudo aqui e já está em casa”, disse minha filha, irritada pelas minhas observações. “E depois, continuou ela — e essa frase tinha, mais que tudo, o dom de aumentar minha tensão— aquelas pessoas não te procuraram, você não tem que comentar sobre aquela maneira de viver”. Ela não me compreendia, não falávamos a mesma língua⁵³ (Agnant, 1995, p. 24, tradução nossa).

Por vezes Marianna tenta uma aproximação com a filha, deixando-se vulnerável, comentando sobre suas dificuldades, e Giselle, na grande maioria das vezes, faz questão de desdenhar de seus incômodos, usando-os como combustível na luta que criou contra a própria ancestralidade, refletida também em Marianna. Ao comentar sobre a saudade de casa, Giselle prontamente aponta que a mãe “já está em casa”, em mais uma de suas tentativas de trazê-la para o momento presente, agora no Canadá, como se precisasse mostrar para a mãe que seu passado já não importa mais. Giselle procura influenciar a identidade da mãe, aproximando as duas e ignorando sua ancestralidade.

A diferente abordagem que adotam em relação à experiência migratória é fator crucial para que permaneçam distantes mesmo morando no mesmo local. Apesar da diferença de idade das duas, ambas as personagens ocupam o lugar social de mulheres negras e imigrantes, com origem e destino nos mesmos países. Entretanto, a forma como vivem a própria imigração não poderia ser mais dissemelhante. De um lado, Marianna, que lança mão de suas próprias lembranças e ensinamentos ancestrais para encontrar algum sentido no presente. Do outro, Giselle, que lança-se ao mundo como uma folha em branco, ignorando seu passado e abraçando o que a imigração pode lhe oferecer de melhor: uma nova experiência de vida.

O hábito de constantemente lembrar-se de pessoas do passado, de seus costumes, de como a vida era enquanto residia no Haiti, perturba Giselle que parece não aceitar a recusa da mãe em deixar sua história para trás. Ainda assim, Marianna não se intimida e resiste:

Estava com os olhos fechados, mas conseguia sentir o olhar incrédulo e furioso de Giselle sobre mim. Continuei a falar. Sentia uma necessidade física dessas memórias e Giselle se irritava comigo por estar sempre falando de “*là-bas*”, como ela costumava dizer⁵⁴ (Agnant, 1995, p. 38, tradução nossa).

Mesmo com a clara desaprovação da filha, Marianna escolhe a si mesma e à sua identidade ao resistir às tentativas de Giselle de cerceá-la. As investidas da filha, vão na contramão do que Marianna parece desejar para si mesma. Ao permanecer inabalável e continuar falando, lembrando e cultivando o próprio passado, Marianna assume um posicionamento essencialista em relação a si mesma, o que causa um afastamento progressivo.

A distância entre Giselle e Marianna afeta diretamente a sua negociação identitária. A cada recusa da filha em reconhecer sua história, Marianna aproxima-se mais ainda de sua hereditariedade, inconformando-se com a necessidade de negação de Giselle. É graças a essa rejeição, combinada com o acolhimento da neta, que Marianna encontra a possibilidade de reviver e reescrever o próprio passado. A aproximação com Sara depende, de maneira específica, daquilo que têm em comum: os relatos de *Là-bas*, as histórias de Aïda. Ao excluir assuntos do passado de seu convívio, Giselle reformula toda a sua relação com a mãe, diminuindo drasticamente as oportunidades de interação, que já eram poucas.

Marianna, mãe solteira, trabalhou a vida toda para que Giselle pudesse ter outras oportunidades na vida, inclusive a matriculando em um internato localizado em Porto Príncipe, capital do Haiti. Com poucas condições financeiras, a personagem reorganiza toda sua vida ao buscar maior conforto para Giselle, mesmo à distância. Marianna faz tudo ao seu alcance para que a filha consiga ter o estudo que nunca conseguiu enquanto trabalha como

costureira. Deixando o país aos dezessete anos, Giselle ignora todos os sacrifícios feitos pela mãe em seu benefício e segue lutando contra esse reconhecimento ao receber a mãe como imigrante também.

Mesmo conformando-se com a personalidade difícil da filha, o desdém da personagem é encarado por Marianna com crescente indignação:

Eu tinha apenas um objetivo na vida: prosperar com Giselle. Mas hoje o céu me deu Sara e, algum lugar dentro de mim, digo a mim mesma: essa criança é a minha primeira recompensa, o meu primeiro êxito e, de certa forma, um pouco da minha vingança⁵⁵ (Agnant, 1995, p. 21, tradução nossa).

O acolhimento que encontra em Sara é crucial para a construção identitária de Marianna. A personagem reconhece que, ao longo da juventude de Giselle, seu único objetivo de vida, não era relacionado a si mesma, mas à filha. Ao reconhecer o desprezo que Giselle cultivava em relação ao próprio passado, à própria história, ambos temas que incluem a própria Marianna, a personagem encontra em Sara terreno fértil para que consiga tudo o que sempre quis: terreno fértil para cultivar reconhecimento. A personagem deixa claro ao afirmar que Sara é também sua “vingança” que a rejeição de Giselle funciona como combustível, fator que impulsiona diretamente a transmissão de sua hereditariedade.

A proximidade que Marianna consegue desenvolver com a neta é sua vingança pessoal contra uma filha que não apenas deixa de valorizar seus ensinamentos e seus sacrifícios, mas nem sequer os reconhece como importantes. Sara cresce e torna-se a figura que faltava na vida de Marianna, alguém com quem pode compartilhar seus bens mais preciosos e confiar que não irão desaparecer com o tempo. Não é Giselle que Marianna confia seus tesouros, mas em Sara, figura na qual Marianna encontra a segurança necessária para descansar sua herança mais valiosa: a memória da avó Aïda.

Mesmo antes de imigrar, Marianna já percebe o desprezo de Giselle pela própria cultura. Vivendo sozinha no Canadá, a personagem passa por um episódio complexo no qual precisa de atendimento médico. Marianna tenta convencer a filha para que retorne, mas, mais uma vez, Giselle resiste:

Continuei a lhe escrever, pedindo que voltasse ao país para ser tratada. Os remédios da nossa curandeira estão dando resultado, insistia eu. “Não diga besteira, mãe”, respondia ela. Giselle só falava isso. Tudo o que lhe restava no país eram apenas besteiras⁵⁶ (Agnant, 1995, p. 29, tradução nossa).

Marianna percebe a falta de apreço que a filha tem para com as coisas que considera essenciais como os remédios naturais e os costumes da vila onde moram. Ao apontar que a filha “só falava isso”, a personagem destaca um comportamento que parece frequente, destacando o fato de que Giselle considera as soluções da mãe tão importantes

quanto simples futilidades, não levando nenhum dos conselhos que recebe em consideração. Giselle não demonstra qualquer apressamento sequer pela idade da mãe, que, por ser mais velha, culturalmente esperaria mais consideração à sua palavra. A personagem não hesita ao dispensar as colocações de Marianna enquanto ela ainda estava no Haiti, e segue desdenhando de seus apontamentos após sua imigração.

Giselle parece estabelecer-se como alguém com mais experiência na relação com a mãe. Devido ao seu posicionamento não-essencialista, e talvez também à sua juventude, a personagem adquire maior habilidade social em pouco tempo e as divergências na negociação identitária das duas personagens acaba se tornando cada vez mais explícito conforme a convivência aumenta.

— Quanto a mim, continua, não sei se reconheceria o cheiro ou mesmo o sabor de uma romã. Consegue viver sem isso, não consegue?

— Não sei.

— Claro que consegue. Basta substituir esses sabores por outros. Veja, nas embalagens e garrafas de suco, por exemplo, olhe bem, está escrito “aroma artificial”. Nada é insubstituível, Marianna⁵⁷ (Agnant, 1995, p. 34, tradução nossa).

O posicionamento essencialista de Marianna contrasta nitidamente com o posicionamento não-essencialista de Giselle. Para Giselle não há necessidade de preciosismo quando se trata de experiências e culturas; na visão da personagem, não há nada que não possa ser renovado. Afirmando justamente que tudo é sim substituível, Giselle não alfineta a mãe apenas em relação ao seu apego às histórias do passado, mas também em relação à sua identidade e posicionamento face à própria imigração.

Usando uma figura de linguagem, a personagem usa o sabor da romã para criar um paralelo entre sua visão de mundo e a visão de Marianna, evidenciando, mais uma vez, a discrepância no posicionamento das duas. Giselle deixa claro que não entende, e não faz questão de entender o motivo pelo qual a mãe continua tão ligada a suas lembranças, especialmente quando se pode substituir todos esses elementos por coisas novas. Negar o passado lhe permite seguir em frente sem peso na consciência, sem remorso. Giselle mantém seu posicionamento negacionista em relação à própria história como ferramenta que a permite encontrar novos caminhos e possibilidades, reconstruindo a si mesma de forma inédita.

Giselle parece tentar convencer a mãe de que existem outras possibilidades nesse novo mundo que enfrentam juntas. Devido à esse desejo, a personagem permanece empenhada em desligar-se de tudo o que a faz lembrar de seu tempo no Haiti e, quase como buscando por uma companhia, Giselle faz questão de tentar interferir nesse sentimento da mãe também:

— Temos de vender aquela velha barraca nos *Mombins* e as terras em volta, Giselle me disse um dia. Não há mais nada a fazer naquele país, sabe disso tão bem quanto eu. Com o dinheiro, eu poderia comprar uma casa aqui [...] com uma varanda fechada onde você poderia ficar tanto no verão quanto no inverno. Fecho os olhos para não explodir de raiva. Ao ver a minha reação, ela continua, pisando em ovos: “Podemos sempre deixar a casa para Sara. Você que diz a amar tanto, podia pensar nisso em vez de passar o tempo todo sonhando com aquela velha cabana e mimando Sara, como faz sempre.” Continuo sem responder. Em minha garganta, as palavras não conseguem encontrar um caminho e penso: Vender a casa da avó Aïda! Que falta de vergonha dessa Giselle! Como é que eu pude dar à luz uma pessoa assim?⁵⁸ (Agnant, 1995, p. 46, tradução nossa).

A insistência de Giselle em cortar os laços da mãe com o Haiti começa a causar grande atrito entre as duas. Sua busca por identificação, a tentativa de criar um ponto de conexão, um ponto em comum entre as duas, mesmo que de forma grosseira, acaba resultando no efeito contrário. Depois de inúmeras tentativas, indiretas e alfinetadas, a personagem tenta, quase como um último recurso, golpear um dos mais fortes elos que Marianna ainda cultivava: a casa de Aïda, local onde cresceu. Giselle tem plena consciência de que é um assunto delicado para a mãe, e tal culpa fica explícita ao tentar usar Sara como elemento de barganha quando percebe que Marianna não irá relevar esse apontamento como releva os outros.

Marianna, por sua vez, se esforça para tolerar o desdém da filha, entretanto, nas ocasiões em que Giselle ousa citar a avó Aïda, mesmo que indiretamente, Marianna precisa se recompor para que não perca o controle de seus sentimentos. A casa de Aïda e os objetos que permanecem nela são os únicos itens físicos que a avó deixa para Marianna. Todo o resto de sua herança são bens partilhados intelectualmente, dizeres, histórias e cantigas que aprendeu quando criança e transmite à Sara. O fato de Giselle sequer considerar desfazer-se da única lembrança física que Marianna ainda guarda de Aïda é o suficiente para que o distanciamento entre mãe e filha seja escancarado. Ao se perguntar como foi capaz de dar a luz a Giselle, Marianna deixa claro o quão ofendida está com o desprezo da filha.

Mesmo assim, Giselle ainda não se dá por vencida e segue em sua busca pela emancipação da mãe. O estopim acontece quando Marianna reencontra uma velha amiga durante uma consulta médica. Com os ânimos exaltados, Giselle se incomoda profundamente com a felicidade exacerbada de Marianna:

— É todo este sentimentalismo que te impede de mudar. Podem atravessar o oceano bem arrumados como nunca, mas é apenas uma ilusão, continuam sendo os mesmos, porque na sua bagagem levam todas as roupas velhas, seus chinelos velhos que te levam sempre de volta ao ponto de partida, pelos mesmos caminhos, e vocês caminham olhando para trás. É horrível de ver, é irritante e é uma pena. Diga, Marianna, precisava que toda a gente naquela clínica soubesse da sua relação com Chimène?⁵⁹ (Agnant, 1995, p. 55, tradução nossa).

O breve encontro entre Marianna e Chimène, após aproximadamente doze anos longe do Haiti, foi o suficiente para que Giselle se aborresse, argumentando que não havia necessidade de uma comoção tão grande, muito menos uma intensa o suficiente para que toda a clínica as ouvisse. Mesmo que Giselle conhecesse Chimène, apenas cumprimentou-a com um aceno de cabeça, constrangida pelo entusiasmo das duas. Ao retornar para casa, Giselle deixa claro o que pensa do posicionamento da mãe em relação à própria imigração, afirmando que o problema de Marianna, o motivo pelo qual não consegue adaptar-se à nova vida no Canadá, é justamente o seu “sentimentalismo”.

A personagem profere uma fala xenofóbica ao dizer que não importa o que “eles” façam, é tudo uma fachada pois “continuam os mesmos”. Além da conotação pejorativa ao menosprezar os costumes e a condição financeira dos imigrantes, citando as “roupas e chinelos velhos” que trazem em suas viagens, Giselle não se intimida em afirmar que ver a mãe revisitar seu passado encontrando velhos amigos não apenas a incomoda, mas também a entristece. Giselle vê o posicionamento identitário de Marianna como um retrocesso, e deixa claro sua reprovação ao afirmar que imigrantes como a mãe “caminham olhando para trás”.

O problema inicial de Giselle com Chimène, não é por ser quem é, ou qualquer desentendimento que possam ter tido no passado. Para Giselle, Chimène é uma lembrança viva, um vínculo forte demais a ser questionado, sua presença funciona como um anzol que puxa Marianna de volta ao Haiti sem que saia do Canadá. A personagem que gostaria até mesmo de se desfazer de um bem tão precioso emocionalmente quanto a casa de Aïda, promovendo assim, de forma definitiva, a quebra do vínculo físico com o país, agora encontra uma figura da qual não poderá controlar a intensidade da (re)conexão e apenas a muito custo conseguirá intervir nessa relação. Chimène é uma velha amiga, disposta a rever Marianna sempre que possível, e isso é uma ameaça para Giselle e para o processo que vem promovendo ao tentar desligar a mãe da sua história. O problema não é a pessoa Chimène, o problema é o vínculo que ela promove entre a mãe e a própria ancestralidade.

Giselle não quer ter nenhum tipo de relacionamento com ela ou nenhuma outra figura do passado, e ao ser questionada pela mãe, deixa isso claro:

— Mas o que é que você queria, Marianna? Espera que cada vez que encontre o antigo açougueiro, o vendedor de ervilhas, o vendedor de sabão, eu comece a beijá-los e os convide para minha casa? Se controle! As circunstâncias da vida te levaram a conhecer Chimène, mas eu não tenho nada a ver com ela⁶⁰ (Agnant, 1995, p. 55, tradução nossa).

Explicitar que “não tem nada a ver” com as pessoas as quais deixou no Haiti evidencia não apenas o desdém da personagem para com quem partilhou a vida antes de sua

imigração, mas também para com a própria história. Giselle parece fazer questão de lembrar Marianna que, apesar de estarem na mesma situação socialmente, como mulheres negras e imigrantes por exemplo, não partilham da mesma visão nem sequer quando confrontadas com o passado pessoalmente. A personagem parece temer ser igualada às outras pessoas condicionadas à mesma condição de imigrantes, quase como se se sentisse ameaçada pela própria história, e, por isso, sente a necessidade de demonstrar tal desprezo como forma de diferenciação, destacando a dualidade entre o considera “eu” e o que considera “eles”.

Ao rejeitar Chimène, Giselle rejeita parte de si mesma assim como rejeita parte da herança da mãe. Apesar disso, com o tempo, seu medo parece dissolver-se em torno do vínculo que Chimène oferece, apresentando-se tão forte que atinge até mesmo a fortaleza que Giselle constrói ao redor de si mesma, e a personagem passa a ceder. Ao decorrer da relação das duas, fica claro que o desprezo e a resistência de Giselle são apenas uma fachada, uma máscara por meio da qual a personagem se esconde e esconde o verdadeiro desejo de unir-se à mãe em um universo que há muito tempo havia deixado para trás.

Seja por influência da mãe, seja pelo vínculo com Chimène, ou seja até mesmo por bloqueios emocionais que a personagem é capaz de dissolver ao longo da exposição estendida à figuras do Haiti, o posicionamento de Giselle muda com o decorrer da vivência com pessoas que partilham da mesma história que ela:

Contei à Sara as histórias de Rosette, Mercilia, Marie-Ange e tantas outras. Por vezes, Giselle finge que não nos ouve, porém tanto eu quanto Sara sabemos que ela morre de vontade de participar da conversa. Mas seu julgamento é rápido demais; diz ela que construímos um mundo de mitos e sonhos para escaparmos sabe-se lá de que realidade⁶¹ (Agnant, 1995, p. 49, tradução nossa).

Giselle mascara seu desejo com questionamentos e indiferença, porém, apesar de seus esforços ao afirmar que Marianna criou um mundo de mitos, o desejo de Giselle é de reivindicar sua participação em meio às histórias da mãe. Muito provavelmente, esse desejo foi instigado pela própria insistência de Marianna em partilhar suas histórias com Sara, rebelando-se contra a desaprovação de Giselle.

Conforme Sara cresce e desenvolve a capacidade de tomar parte no mundo de histórias e memórias da avó, o desejo mascarado de Giselle vai chegando à superfície de sua resistência. Embora fique claro tanto para Marianna quanto para Sara, o orgulho e a personalidade de Giselle não a permitem admitir o suficiente para participar ativamente das atividades de avó e neta. Apesar da melhora na relação com Chimène e com Marianna, Giselle não é capaz de entregar-se à própria ancestralidade:

De vez em quando, Giselle não aguenta e intervém. Parece estar lutando contra um desejo irresistível de participar desse mundo, nosso mundo de mulheres e lendas,

como ela chama, mas se rebela, é mais forte que ela e é uma pena⁶² (Agnant, 1995, p. 49, tradução nossa).

Mariana reconhece e partilha do desejo da filha, admitindo que é uma pena que o orgulho a impeça de participar desse compartilhamento com elas, afinal, Giselle e Marianna dividem o mesmo local social de mulheres haitianas e imigrantes de forma ainda mais profunda pois dividem também a relação familiar. A evolução da personagem a permite fazer intervenções pontuais em momentos aleatórios, mas seu caráter não a permite ceder cem por cento ao mundo ancestral de Marianna, Aïda e a mais nova integrante, Sara.

Ao longo de sua evolução identitária, apesar de todos os seus esforços e mesmo não colocando em palavras, a personagem parece finalmente compreender o ponto mais importante para que possa reconhecer-se como herdeira de Aïda: não importa o tamanho da resistência que procure impor, a herança de Sara também é sua.

7.2 Sara e a sede de memórias

Marianna acompanha e interfere na criação da neta desde o momento em que Giselle sai do hospital com a menina pela primeira vez. Marianna vai recepcionar as duas quando Giselle recebe alta do hospital, sendo assim, a avó acompanha todos os passos do crescimento de Sara, desde a primeira infância até sua fase adulta, quando se despede do país. Ao longo de todos esses anos, a relação de Marianna e Sara se desenrola de forma estável, sem conflitos até que Sara tome a decisão de não casar-se e não cede aos pedidos da avó, tornando o episódio o primeiro e o último desentendimento das duas.

Toda a relação com Sara, especialmente ao longo de quase toda sua primeira infância, período o qual ainda não frequentava a escola, é cercada de maneira exclusiva pelas histórias de Marianna, visto que Giselle logo retorna ao trabalho de professora. A avó torna-se a única companhia em seu cotidiano e, como a personagem afirma, ao desenvolver sua personalidade cada vez mais parecida com a de Aïda, o relacionamento das duas transforma-se em um vínculo intenso de ambas as partes.

Prisioneira do isolamento social ao longo dos primeiros anos de imigração, Marianna encontra em Sara terreno fértil para sua própria reinvenção, mantendo um contato pessoal e muito íntimo com a neta, a fim de compartilhar suas próprias vulnerabilidades em meio às histórias que conta. Marianna envolve Sara em contos, cantigas e brincadeiras e a neta, por sua vez, encontra conforto nas histórias da avó:

E foi assim que adquiri o hábito de conversar com Sara, de lhe “contar sobre lá”, como ela costumava dizer à noite, aconchegada na minha camisola: “Vovó, me conte sobre lá antigamente”. Naquele tempo, Sara já estava aproximando-se do seu sexto aniversário⁶³ (Agnant, 1995, p. 21, tradução nossa).

Os contos que Marianna semeia no imaginário de Sara, se proliferam. Ainda com apenas seis anos, a menina já adquire a rotina de pedir à avó que lhe conte suas histórias durante a noite. É a partir do anseio da neta que Marianna encontra a oportunidade de influenciar a sua identidade, visto que tem consciência de que Giselle, imersa em sua própria negação, jamais o faria. Dessa forma, as histórias de Marianna assumem papel essencial no desenvolvimento de Sara, abrindo portas que sem a presença da avó não seriam abertas.

Sara abraça os contos tão intensamente que, com o passar dos anos, torna-se capaz de cultivar as próprias histórias. Mariana incentiva a imaginação da neta de forma que consiga pensar e formular contos inéditos à própria maneira, usando como inspiração as informações que escuta da avó:

As melodias de Thézín e da *mambo Sia* não me saem da cabeça desde que desenterrei esses dois belos contos para Sara. Thézín, o magnífico peixe, apaixonado

por uma jovem, é morto pelo pai dela. A jovem foi arrastada pelo rio para se juntar a Thézin. Sara se delicia com estes contos e lendas, ela se diverte inventando outros para me contar quando chega sua vez⁶⁴ (Agnant, 1995, p. 45, tradução nossa).

Na obra, Marianna admite que conta as histórias da neta lembrando da própria infância, pois esses eram elementos importantes ao longo de seu desenvolvimento (Agnant, 1995, p. 45). Dentre todas as histórias que Marianna compartilha, a autora destaca o conto de Thézin. O conto retrata a história de um peixe que acaba se apaixonando por uma moça e, ao longo da história conturbada dos dois, os pais da menina o capturam e o matam. Ao saber do acontecido, a moça recolhe o corpo de Thézin, e chora à margem do rio, com o esqueleto de seu amado em mãos. Porém, as lágrimas que caem em cima do que restou de Thézin o trazem de volta a vida e os dois podem finalmente ficar juntos para sempre. A lenda, popularizada no Haiti, foi recontada e transformada em livro por Marie-Célie Agnant em 2003, publicada como a primeira obra de uma coleção de contos, recebendo o título "*La légende du poisson amoureux*".

Em *La Dot de Sara* (1995), Marianna resgata essa lenda, reconhecendo-a como uma história importante de sua infância, e a transmite a Sara, que valoriza os contos usando-os como base para suas próprias histórias inéditas. As duas adquirem então o hábito de trocar histórias, Marianna contando as que lembra e Sara criando as que consegue. É dessa maneira que a avó é capaz de moldar a identidade da neta: influenciando-a de forma que pense em novos contos a partir de personagens de contos antigos.

Além de contar histórias e cantigas, avó e neta também inventam jogos para passarem o tempo. Conforme Sara cresce e desenvolve suas capacidades, ainda passando a maior parte do tempo na companhia da avó, as histórias tornam-se escassas. Assim, buscando uma nova maneira para entreter a mente, Sara inventa um novo jogo que batiza de “jogo do e se”. Para jogar, basta que você imagine novas possibilidades para qualquer evento que considere importante, que tenha marcado o imaginário pessoal de alguma forma, e para isso, na obra, as personagens usam as animações que assistem na televisão ou os acontecimentos do dia a dia.

Essa invenção infantil de Sara funciona perfeitamente bem. Atendo-se à regras simples, a menina se diverte pensando em possibilidades, as mais insanas possíveis, enquanto Marianna a incentiva. Em determinada passagem, Sara passa a noite na casa de uma amiga e, em sua ausência, Marianna preenche o tempo jogando sozinha, criando novos cenários para sua vida:

Sem a Sara, eu me entretia jogando o jogo do “e se”: e se tivesse tido a oportunidade de continuar na escola, por exemplo [...]. Ou ainda, e se tivesse tido a sorte de me

cruzar com um cavalheiro, como talvez o Senhor Émile, ou Albert, o escrivão, aquele que tinha uma casa enorme rodeada de colunas e varandas, bem em frente à igreja [...] Sim, um verdadeiro cavalheiro, não um homem qualquer⁶⁵ (Agnant, 1995, p. 20, tradução nossa).

Da mesma forma que Sara cria novos enredos com o conteúdo que a avó lhe oferece, assim também faz Marianna, de forma ainda mais profunda, imaginando as possibilidades de vida que poderia ter tido caso as circunstâncias fossem outras. O jogo é um perfeito exemplo de como a convivência com Sara afeta a identidade de Marianna, que passa a sonhar a partir de uma porta que lhe foi aberta pela neta. A experiência de negociação identitária é mútua quando se trata da relação das duas, a interferência que Sara ativamente efetua na identidade de Marianna é proporcional à influência que Marianna exerce sobre a identidade de Sara.

A partir da influência da neta, a mudança na visão de mundo de Marianna é tão profunda que a personagem se propõe a fazer algo pela primeira vez na obra: deixa de apenas olhar para o próprio passado na intenção de escolher o que contar e o que prefere esconder, mas sonha com o que a própria vida poderia ter sido. Viver a imigração ao lado de Sara, afeta Marianna de forma tão definitiva, que nem mesmo as tentativas de interferência de Giselle causam qualquer efeito. Imaginando sua vida por outras perspectivas, Marianna se propõe a defender a relação que construiu com a neta, mesmo que isso desagrade a filha:

— O que é que a Sara entende de todas essas histórias? pergunta [Giselle].
 — Este mundo também pertence à Sara, de certa forma é o que estou deixando como herança: as minhas memórias, partículas de vida e de esperança. Se não nos alimentarmos também de memórias, como poderemos apreciar e compreender o que estamos vivendo hoje?⁶⁶ (Agnant, 1995, p. 49-50, tradução nossa).

Na passagem, a personagem deixa claro que o ato de contar histórias para a neta é resultado de uma ação consciente. Mariana escolhe, lúcidamente, contar determinadas histórias para Sara, sabendo que transmite não apenas pedaços da própria vida, mas o maior legado que poderia deixar: suas memórias de uma vida muito diferente do que a qual a neta irá conhecer, ensinamentos ancestrais que irão auxiliá-la ao longo de toda sua vida, caso assim deseje. Sem posses materiais, Marianna está determinada a deixar para a neta o melhor daquilo que pode e conhece, o que foi também sua própria herança transmitida por Aída.

A personagem explicita para Giselle que usa as memórias para compreender o que está vivendo no presente e, indiretamente, espera que Sara faça o mesmo. A partir da evolução de Giselle, que passa a atacar menos o resgate identitário da mãe e a transmissão de sua herança, com o tempo, a personagem consegue não apenas participar da comunidade de imigrantes que Marianna integra no bairro em que moram, mas passa a colaborar com o grupo e ajudar os membros de maneira pessoal. Essa mudança permite que Giselle se coloque em

um local de acolhimento desses outros idosos, ajudando-os e abrindo até mesmo a própria casa para abrigá-los. Em uma passagem, a personagem toma as rédeas de uma situação e trás uma das senhoras do grupo para passar a noite consigo: “Giselle vai buscar Sara: ‘Pega suas coisas, vai dormir na minha cama; a Ita vai dormir aqui hoje’. Sara não reclama, ela gosta muito desses ‘tesouros de vó’, como os chama”⁶⁷ (Agnant, 1995, p. 88, tradução nossa).

Apesar da notável diferença na abordagem da personagem, não é apenas isso que se destaca na passagem. Marianna aponta em sua narração, não a mudança da filha, ou a forma como Giselle prontamente disponibilizou a própria casa, mas como Sara não se importa de abrir mão de seu próprio espaço, seu quarto, sua cama, para acolher outras pessoas. A semente que Marianna semeia em Sara, desabrocha como uma adolescente que deseja partilhar da ancestralidade de outras pessoas também. A menina não se importa de ceder o quarto pois sua recompensa está nos “tesouros de vó”, que são as histórias que escuta e as que compartilham. Sara bebe da fonte ancestral que lhe foi oferecida, e, como consequência, irradia gentileza por outras figuras ancestrais mesmo que não sejam diretamente ligadas à ela.

A ancestralidade se torna tão presente na personalidade de Sara, que quando se torna uma jovem adulta, é capaz de desenvolver um nível de liberdade que a permite inventar, mesclar e reproduzir contos à sua própria maneira, como uma piada interna que compartilha com a avó:

— O porquinho disse...

— Eu já sei o resto de cor, vovó. E, zombando, continuou: Porque é que sua boca é tão comprida, mamãe? E a mãe respondia: É que você ainda está crescendo, minha filha, quando chegar a sua vez você vai ver⁶⁸ (Agnant, 1995, p. 97, tradução nossa).

A passagem destaca a intimidade partilhada na relação de avó e neta e também na relação que Sara desenvolve com o próprio passado. A partir da convivência com a avó e outras senhoras imigrantes, Sara recebe influência o suficiente em sua personalidade para que seja capaz de não apenas criar as próprias histórias, mas também de mesclar contos que ouviu ao longo dos anos. Sua relação com elementos do passado se torna tão confortável que combinar características distintas entre eles é prova do seu sentimento de proximidade e pertencimento.

Essa mistura de contos, implica em um nível de intimidade não apenas com a figura da avó, mas com elementos da história que agora não pertencem mais de forma exclusiva a Marianna, mas integram também a infância de Sara, que cresce até a idade adulta com a presença desses itens no seu imaginário e em seu dia a dia. Apesar do desentendimento que se instala na relação de avó e neta quando Marianna insiste para que Sara se case, a

personagem não muda a sua forma de tratar a avó e o modo com o qual entende a relação das duas, e passa a buscar um meio termo na teimosia de Marianna:

Vou acabar dizendo o que a mãe disse: você está viajando. Te amo tanto que adoro até as suas viagens, mas não o suficiente para aceitar usar um véu aos vinte anos e te deixar ouvir a música de entrada na igreja. Mas se a vida te emprestar mais algumas estações, assim como você diz, terei de bom grado um filho. Uma menina. Por nós duas. Seu nome será Aïda Marianna⁶⁹ (Agnant, 1995, p. 98, tradução nossa).

Mesmo incomodada, Sara não consegue tratar a avó com o mesmo desprezo que Giselle. Apesar de citar a mãe usando as mesmas palavras, a neta deixa claro que a vê com outros olhos na gentileza com a qual nega as insistências de Marianna. A delicadeza de Sara ao rejeitar as ideias da avó que tenta interferir em sua vida é resultado da intimidade que partilham, da consideração e respeito que tem por Marianna. Sara mantém-se firme em sua decisão de permanecer solteira e dispensa os comentários da avó de maneira simples porém incisiva.

A negociação identitária de Sara estende-se até a batalha que trava com Marianna a respeito de seu futuro. Sara tem consciência de seu passado, firmeza no seu presente e certeza do que quer para sua vida e, ao negar mais uma vez a insistência da avó, negocia um futuro diferente propondo a possibilidade de ter um filho. A personagem compreende que o desejo de Marianna ultrapassa as barreiras do casamento, Marianna deseja testemunhar a sobrevivência de seu legado e é essa a solução que Sara propõe. A neta argumenta que não é necessário um homem para ter um filho e explica à avó que com a evolução da tecnologia já é possível escolher o sexo biológico do bebê. Ao sugerir que teria uma filha, Sara abre uma nova possibilidade aos olhos de Marianna.

Sua proposta não extingue-se em uma nova vida, mas simboliza uma nova geração, um legado que sobreviverá, homenageando além Marianna, também Aïda, unindo quatro gerações em uma só. Sara encontra uma saída inteligente e moderna para o tormento da avó, garantindo a continuação do relacionamento harmonioso das duas ao abrir portas para um novo futuro, enquanto consegue negociar sua identidade a partir da influência da avó. Sara nega muito mais do que um casamento. A personagem impõe a si mesma, seu posicionamento e sua identidade, reforçando as decisões sobre seu futuro ao traçar uma linha clara entre aquilo que é e aquilo que não será, nesse caso, casada com alguém.

Faz parte da identidade de Sara dizer não à proposta da avó e Marianna reconhece sua convicção assim como reconhece a firmeza na personalidade de Aïda. Mesmo assim, a avó tem plena consciência de que Sara nasceu para se tornar alguém especial e, conforme cresce, Marianna percebe sua determinação:

Nessa altura, minha Sara já estava se tornando algo de especial, e, depois, com um toque de tristeza, dizia: “Um dia, vovó, vou escrever sua história, a história da sua vida. Vai ser linda, você vai ver. [...] E continuava, uma pequena bruxinha: “Prometo, juro, vovó, eu vou escrever a sua história, o mundo inteiro vai ler, aí ela não vai acabar nunca, vai ser eterna, linda e eterna”⁷⁰ (Agnant, 1995, p. 21, tradução nossa).

Desde criança, Sara faz afirmações sobre seu futuro de forma muito assertiva. Já aos seis anos, a personagem planejava o que faria com a herança que a avó estava lhe transmitindo: planeja garantir vida à história de Marianna. O legado que a avó deposita nas mãos da neta ainda criança, é tão transformador, que Sara se compromete com a tarefa de compartilhá-la com o mundo para que todos conheçam a beleza que lhe foi oferecida. Quando Marianna parte do Canadá, mais de doze anos depois, Sara refaz sua promessa, jurando à avó, mais uma vez, que irá escrever sua história e que o mundo todo irá conhecê-la.

Sara é moldada pelos contos da avó e mantém suas promessas mesmo após a idade adulta. Seu compromisso com a própria hereditariedade é reforçado mesmo após sua adolescência e independência social, o que torna a transmissão de sua ancestralidade uma tradição familiar. Sara pretende fazer com que a história de Marianna viva para sempre levando-a ao mundo em forma de uma narrativa literária assim como pretende conceder vida literal a um filho que carregará a mesma história e tradição ancestral consigo, transmitindo-a a outras gerações.

8. REENCONTRAR-SE ALÉM DE SI: A COMUNIDADE EM FUNÇÃO DA MANUTENÇÃO IDENTITÁRIA

8.1 Chimène

Ao longo de sua imigração, Marianna passa por um longo período de isolamento social, como já discutimos. Um dos momentos mais marcantes na vida de imigrante da personagem é quando, por acaso, encontra uma velha amiga do Haiti, Chimène. Em uma clínica médica, após uma consulta, Marianna a encontra quando estava prestes a deixar o local e observa:

Quando ela se levantou, fiquei surpresa por reconhecer Chimène, a Chimène de *Haut-du-Bac*! *Haut-du-Bac*, um aglomerado de barracas que surgiu na calada da noite por detrás da ruazinha Pistache, um bairro onde a miséria se instalara até nas entranhas das mulheres. Uma criança em cada três morria antes dos dois anos. Chimène era a açougueira de *Haut-du-Bac*, aquela que abastecia todos os que podiam comprar mais do que ervilhas vermelhas, arroz ou milho⁷¹ (Agnant, 1995, p. 53, tradução nossa).

Imediatamente Marianna a reconhece. No breve resumo que a personagem faz, percebemos que Chimène vem de uma região ainda mais problemática comparada à qual Marianna costumava viver. Mesmo assim, Chimène era a vendedora de carnes, responsável por abastecer as casas, o que pode levar o leitor a acreditar que a personagem não era uma das mais afetadas pela falta de estrutura e descaso que o bairro enfrentava. Ao destacar as competências profissionais de Chimène ao invés das conexões pessoais com a personagem, fica também aberto à interpretação do leitor qual era a proximidade da relação das duas enquanto ambas residiam no Haiti.

Apesar disso, Chimène marca um momento importante na imigração de Marianna: ao reconhecê-la em um contexto tão diverso, Marianna também se reconhece. A conexão que partilham é inegável, e, caso não fosse tão próxima no Haiti, a relação começa a ser a partir desse encontro no Canadá. As duas dividem uma história parecida, vindas do mesmo local, tiveram uma criação semelhante. Assim como Marianna, Chimène também vai até o Haiti para ajudar a filha Denise na criação dos netos, um casal de crianças. Além disso, Chimène também partilha dos mesmos estranhamentos, sofre de choques culturais muito similares e apresenta uma característica que Marianna não consegue desenvolver: não tem receios ao enfrentar a nova sociedade a qual está inserida.

Reencontrar Chimène permite que Marianna descubra um tipo de acolhimento diferente do qual Sara ou até mesmo Giselle podem oferecer. Ao deparar-se com alguém vivendo em situação tão similar, Marianna finalmente consegue sentir-se acolhida e passa a

compartilhar apontamentos que não poderia antes, devido à falta de vivência e conhecimento pessoal das pessoas ao seu redor. Com o desenvolvimento de Sara, a personagem passa a perder o propósito da vida que leva no Canadá, e a partir da chegada de Chimène, Marianna descobre outros horizontes:

Reencontrar Mèmène mudou completamente a minha vida. Foi ela que, apesar dos seus tormentos, me salvou do meu vazio. Senti que tinha encontrado uma companheira. Sara estava crescida, já não precisava mais de mim e eu levava uma vida sem interesse. O que é que eu podia fazer com os meus longos dias?⁷² (Agnant, 1995, p. 59, tradução nossa).

A própria personagem incomoda-se com a vida que leva agora, sem a presença de Sara para ocupar sua mente o dia todo. Marianna construiu a própria identidade e objetivo de vida ao redor da existência de Sara, de acordo com suas necessidades, sem levar em conta suas demandas pessoais. Quando Sara deixa de ser uma criança e passa a viver como uma adolescente quase independente em sociedade, Marianna perde o próprio sentido de si e de sua imigração. Seus dias ficam longos e sem significado já que, isolada no mundo de Sara, Marianna não preocupou-se ao longo dos anos com a sociedade a sua volta nem mesmo em interagir com os que estavam ao seu redor.

É a chegada de Chimène, em sua independência, que destaca o quão alheia ao mundo Marianna está. Mesmo tendo imigrado a pouco tempo, Chimène carrega consigo uma forte independência e senso de si, e percebe, quase imediatamente, a forma como Marina vive sua imigração. Buscando evitar o próprio isolamento, Chimène encontra em Marianna uma oportunidade de alimentar uma antiga conexão a partir de experiências em comum que viveram no passado e vivem no presente. Ao mesmo tempo, procurando pelas mesmas coisas, Marianna redireciona sua vida focado na força do laço que divide com a antiga conhecida:

Depois, pouco a pouco, graças a Chimène, comecei a viver uma realidade diferente, feita de outras coisas além dos meus sonhos, as minhas quimeras, como diz Giselle, e as histórias que eu e Sara contamos uma à outra. Engenhosa e prática como ninguém, em um estalo Chimène conseguiu encontrar mil e uma soluções para a minha ociosidade⁷³ (Agnant, 1995, p. 59, tradução nossa).

A força de Chimène irradia até Mariana e a desperta para um novo mundo de possibilidades. Sem Sara e Giselle, a personagem é obrigada a descobrir a si mesma vivendo em um país ainda estranho, mesmo mais de dez anos depois de sua imigração. Chimène, atuando como guia, leva Marianna numa jornada de negociação identitária e de descobrimento social. Mulher independente, mesmo em seu processo migratório, Chimène não se deixa intimidar pelas novas regras sociais as quais precisa enfrentar. A personagem aproveita a intimidade que partilha com Marianna para fazer comentários sobre o que acha peculiar e até mesmo para criticar os costumes que não compreende ou não aceita.

Um desses apontamentos se dá em relação à educação do Canadá. Por partilharem o mesmo objetivo de imigração, ajudar as filhas a criar os netos, Marianna e Chimène passam grande parte do tempo convivendo com crianças. A partir dessa vivência, o choque cultural se instala ao observarem a relação desses jovens com as figuras de maior idade: Nenhuma das duas personagens aprova o modo com o qual as crianças são criadas no país e, ao contrário da desaprovação silenciosa de Marianna, Chimène não se intimida: “Mia, que raio de maneira é esta de educar as crianças agora? Nos veem de manhã, não nos cumprimentam, vão para a cama, a mesma coisa. Quando os chamamos, não respondem, rosnam: QUIÉ!”⁷⁴ (Agnant, 1995, p. 58, tradução nossa).

A coragem de Chimène em não se calar frente às suas dúvidas e indignações encoraja Marianna que finalmente é capaz de construir uma comunidade baseada em familiaridade mas também em exclusão social e não pertencimento. Os questionamentos de Chimène não se esgotam na forma com a qual as crianças estão sendo criadas, mas estendem-se também a coisas mais simples como os nomes que recebem:

[...] porque é que não podia ser Jérôme ou Jacques? Mas não, temos de lhes dar nomes estrangeiros porque estamos no estrangeiro. Vai entender! Stoudley! Que ideia é essa de fazer isso a uma criança! Até entendo porque ele é tão chato. E a segunda? Não vai acreditar, chama-se Chacha. E dizem que sou eu que distorço os nomes das crianças, que sou eu que não sei pronunciar⁷⁵ (Agnant, 1995, p. 58, tradução nossa).

A personagem deixa claro o seu incômodo ao notar o apagamento de suas raízes a partir da escolha da filha de não dar nomes tradicionais aos filhos. Denise, filha de Chimène, não se apega às questões de hereditariedade, aproximando-se mais de Giselle nesse aspecto. Além disso, Chimène também explicita uma questão que vai além da experiência migratória de Marianna: sua filha a culpa por seus questionamentos, atribuindo somente a ela a responsabilidade pelo choque cultural que enfrenta. Chimène explicita sua sensação de não pertencimento ao apontar que Denise devolve a ela apontamentos tão severos quanto os quais profere, quase como se desejasse amplificar a exclusão da mãe, deixando claro que não pertence ao meio em que está inserida.

Mesmo assim, Chimène não deixa-se abalar pelas falas da filha e faz o que está ao seu alcance para não se privar de novas experiências. Ao contrário de Marianna, Chimène aborda o processo de imigração de uma maneira diferente, e não se permite estar isolada do mundo. Possivelmente impulsionada pela rejeição que enfrenta na casa da filha, a personagem faz o possível para sair sempre que consegue e incentiva Marianna a fazer o mesmo. Entretanto, ainda condicionada a um local de insegurança, Marianna relata que não

sai por medo de como será tratada nas ruas, em específico, pelos motoristas de ônibus. Ao ouvir sua afirmação, Chimène reage:

Felizmente, alguns deles são muito simpáticos e bem criados. Quando me dão uma resposta errada, pergunto a um passageiro. Só isso. Meus olhos já viram tanto, Mia, você acha que é qualquer um que pode me assustar? De maneira nenhuma! Posso sempre encontrar alguém para me ajudar na rua. Se não tivesse aprendido a cuidar de mim, teria enlouquecido completamente, não posso estar sempre trancada em casa⁷⁶ (Agnant, 1995, p. 60, tradução nossa).

Quando se encontram, faz apenas quatro e onze anos que Chimène e Marianna imigraram, respectivamente. Ainda assim, mesmo não passando nem metade do tempo que Marianna tem no país, a personagem replica as afirmações de Marianna usando a própria experiência como fundamentação para afastar as inseguranças da amiga. Apesar de incomodar-se com a falta de apego à ancestralidade, característica que encontra na filha, Chimène não priva-se somente àquilo que já conhece. Seu posicionamento identitário, mesmo que ainda essencialista, não a impede de adquirir novas experiências e testemunhar novos eventos.

Enquanto Marianna vive de suas memórias e molda sua identidade à criação de Sara e à transmissão de seu legado, Chimène parece viver de forma muito mais independente. A personagem questiona aquilo que a incomoda, visita os lugares que deseja e não deixa o desconhecido afetá-la. Chimène é capaz de aproveitar o novo sem abandonar o velho, e molda sua identidade migrante como quem quer aproveitar o melhor que a imigração pode oferecer. Ao perceber os costumes de Marianna, que vive em isolamento, a personagem, sente-se incomodada e passa a convidá-la a sair com mais frequência:

[...] A propósito, Mia, você não quer ir comigo à Igreja de São José, sexta de manhã? Tenho um favor para pedir a ele.

— Mas eu não conheço o caminho, Mèmène.

— Não se preocupe. Eu conheço, respondeu com um ar triunfante. Você acha que eu perco meu tempo aqui, que fico trancada em casa sonhando, como você faz? De jeito nenhum! Mesmo sabendo que um dia ou outro vou embora, isso não me impede de aproveitar o tempo que passo aqui. Sim, minha querida, me basta um minuto, quando Denise está de folga, quando não está fazendo hora extra, eu saio. E nada no mundo pode me deter. Eu sei que ela não gosta que eu fique sempre na rua, como ela diz, mas eu finjo que não entendo. Vamos comigo a São José, te fará bem⁷⁷ (Agnant, 1995, p. 60, tradução nossa).

Chimène não se conforma com a maneira a qual Marianna escolheu viver sua vida de imigrante. Para ela, sair de casa e conhecer novos lugares é algo que a deixa orgulhosa de si mesma, uma vitória pessoal explícita em seu “ar triunfante”. A personagem revela que, de forma consciente, se esforça para encontrar novas formas de viver sua nova vida sempre que Denise está em casa para cuidar das crianças. Os hábitos caseiros e restritos de Marianna parecem lhe incomodar, visto que destaca que os considera como “perda de tempo”. Mesmo

tendo em vista que quer retornar ao Haiti, viver no Canadá e explorar as novas perspectivas são os motivos pelos quais a personagem vive a imigração de maneira mais leve. Enquanto Marianna se ocupa de cuidar das outras pessoas ao seu redor, Chimène vive livre, ocupada consigo mesma.

A imigração parece lhe conceder uma outra faceta: Chimène vive a liberdade de novos horizontes mesmo em meio ao choque cultural e ao sentimento de não pertencimento. A personagem está disposta a aproveitar o que esse processo pode lhe oferecer, mesmo que para isso precise enfrentar as críticas da filha. Ao encontrar Marianna, as duas fortalecem o vínculo a partir do que têm em comum, sua situação compartilhada: passado, presente e planos para o futuro. No primeiro encontro das duas personagens, lê-se o diálogo:

- Desde que parti, Chimène... Nunca mais voltei desde que parti. Giselle não quer que eu leve Sara e eu não quero ir sem ela. Gostaria tanto de lhe mostrar meu país. Mas não perco a esperança, sei que um dia isso vai acontecer.
- Vim para cá há quase quatro anos. Mas, que Deus seja minha testemunha, não vou ficar. Não posso⁷⁸ (Agnant, 1995, p. 54, tradução nossa).

Chimène e Marianna formam duas faces da mesma moeda. De um lado uma imigrante que prefere isolar-se, recusando sequer experimentar o que essa sociedade pode lhe proporcionar para priorizar suas raízes e mantê-las vivas. Do outro alguém disposto a viver o novo e sem abrir mão de sua ancestralidade, mesmo que não esteja empenhada em transmiti-la. Chimène afirma, mais de uma vez, que não pode ficar por muito tempo, pretende voltar. Apesar de estar sempre determinada em cumprir seus objetivos, Chimène falece, depois de algumas décadas afirmando ter sessenta anos, no Canadá.

4.2 Reconhecer-se em outros corpos

Após a chegada de Chimène, Marianna passa a frequentar uma espécie de centro de recreação, o qual outros idosos imigrantes também frequentam. Uma vez por semana, Marianna sai com Giselle para encontrar-se com esse grupo e passar o tempo jogando cartas, contando histórias e relembando o passado. Chimène influencia a negociação identitária de Marianna e a apresenta a possibilidade de viver em comunidade, mesmo que seja em um formato diferente do que conhecia. A partir do encontro de sua velha amiga, Marianna é capaz de enxergar a imigração e as possibilidades dessa sociedade com outros olhos.

Nesse grupo, formado majoritariamente por mulheres, avós imigrantes do Haiti, Marianna percebe a pluralidade da vida de imigrante, mesmo todos tendo originado do mesmo país, um contexto muito parecido. É dentro dessa comunidade que a personagem consegue criar uma rede de apoio fora da própria família e viver a experiência da imigração de forma contrária à qual estava vivendo até agora. A sua vida de isolamento, conversando apenas com a neta e a filha, sem perspectiva de mudanças, transforma-se em uma vivência muito mais sociável a partir do momento em que Marianna consegue identificar a si mesma nessas outras mulheres do grupo:

Tantas mulheres, tantas histórias, as mesmas histórias... Entre o tricô, os nossos animados jogos de cartas e as brincadeiras nas quais redescobrimos um pouco do sabor de nossas casas de *là-bas*, sem restrições nem constrangimentos, é mesmo um cortejo de existências entre dois parênteses⁷⁹ (Agnant, 1995, p. 80, tradução nossa).

Agora desfrutando da liberdade de poder compartilhar a experiência da imigração em meio à outros imigrantes, pessoas que partilham de sua visão de mundo, que foram criados e cresceram de forma semelhante, que vivem os mesmos estranhamentos culturais e relatam as mesmas dificuldades, a personagem deixa de notar as diferenças e passa a notar as semelhanças entre ela e essas novas pessoas. O grupo apresenta à Marianna a liberdade de poder resgatar a si mesma a partir de uma perspectiva que inclui a aceitação das mudanças de cenário que estão vivendo. Como membro do grupo, a personagem compartilha as dúvidas e vive a experiência como imigrante que é capaz de encontrar acolhimento mesmo em meio a graves questionamentos, que, muitas vezes, têm origem no íntimo de si mesma.

A vivência como imigrante é tão parecida entre eles que a personagem coloca as suas diferenças “entre parênteses”, como detalhes pequenos em meio a tantas características em comum. Passado e presente se chocam de forma a englobar a maior parte de si mesmos, a parte que considera mais relevante. A partir desse posicionamento de igualdade, Marianna

coloca-se no mesmo local que os companheiros de grupo, em seus olhos, são os mesmos, com exceção apenas de detalhes.

A personagem vivencia a experiência de sentir-se mais uma vez, depois de tantos anos, pertencente a algum lugar. Nas reuniões, Marianna é capaz de encontrar a si mesma na figura dessas outras mulheres imigrantes de forma empática, seus questionamentos finalmente podem ser compreendidos, visto que Giselle não a oferecia qualquer tipo de acolhimento. A personagem destaca:

Desde os *Mombins* eu não tinha tantas mulheres à minha volta ao mesmo tempo. Me sinto muito bem nesta pequena sala, com todas essas mulheres que, como eu, nasceram com as mesmas feridas, sobreviveram e agora são fortes apesar de tudo, apesar da sua vulnerabilidade e da precariedade da sua existência⁸⁰ (Agnant, 1995, p. 76, tradução nossa).

O acolhimento de figuras femininas é o destaque que Marianna concede ao grupo. A personagem narra sua própria vida na companhia de outras mulheres. Cresce em meio a elas, tendo como exemplo a avó Aïda; vive e se desenvolve em meio a mulheres no Haiti, como Chimène; quando passa pelo período de isolamento logo após imigrar, Marianna sai pela primeira vez, mesmo motivada a partir de um acordo com Giselle, para um grupo de oração de mulheres na casa de Solange. Já há mais de dez anos longe de casa, Marianna finalmente consegue encontrar nessas reuniões um local no qual possa sentir-se em casa outra vez, rodeada de mulheres que a acolhem e a compreendem de forma profunda pois passam pelos menos episódios de dúvidas e medos.

Marianna relaciona-se com essas mulheres e encontra nelas algo em comum baseado na “precariedade da existência” feminina. Mais uma vez, a personagem se coloca em posição de igualdade com as outras mulheres e admite as dificuldades que enfrentam no mundo como pessoas de sexo biológico feminino, negras e imigrantes. Além disso, o acolhimento que lhe é oferecido parte não só das dificuldades que enfrentam mas especialmente da resiliência que partilham. A sobrevivência é o fio que conecta a todas, o resultado da luta de mulheres que passaram por inúmeras dificuldades mas conseguiram, mesmo com alguns custos, superar e seguir em frente.

A partir do contato pessoal e íntimo que Marianna cultiva com as mulheres do grupo, a personagem consegue abrir os olhos para sua real situação social. Ao conviver com o trauma da imigração, Marianna começa a entender a própria realidade de maneira diferente da qual estava começando a se acostumar. O acolhimento a desperta, a personagem é confrontada e toma consciência do profundo isolamento que enfrenta e dos sacrifícios que fez para poder estar ali auxiliando a própria família:

De repente, percebi a amplitude do vazio que mulheres como Chimène e eu criamos, sem querer, ao redor das nossas vidas. Fechamos as nossas casas, viramos as costas aos nossos hábitos e ao nosso passado, e religamos o cordão umbilical com nossas filhas. Como eu, Mèmène chegou assim que sua penúltima neta nasceu⁸¹ (Agnant, 1995, p. 55, tradução nossa).

Antes da convivência com outras mulheres na mesma situação em que está, Marianna parecia desatenta à gravidade da exclusão social na qual está inserida. Preocupada com outras questões, tais como o desenvolvimento de Sara ou a resistência de Giselle em aceitar sua própria história, Marianna precisa de uma interferência externa para perceber que resumiu toda sua vida à existência de terceiros. Ao deixar sua casa, as coisas que herdou de avó Aïda, os familiares e amigos, a convivência integral com a cultura com a qual sempre foi familiar, em prol de Giselle e da neta, Marianna dispõe-se, conscientemente ou não, a reescrever a própria história.

É Chimène e o grupo de mulheres imigrantes que estimulam Marianna a colocar em perspectiva os sacrifícios pessoais pelos quais precisou passar para que pudesse dedicar-se ao núcleo familiar de Giselle. Antes desse incentivo, a personagem parecia estar satisfeita com a troca que fez, sua vida pela de Sara. Ao perceber mulheres tão semelhantes a si mesma, dividindo uma história tão singular, Marianna desperta para os sacrifícios que também partilham. Ainda assim, mesmo começando a tomar consciência da realidade que deixou para trás, a personagem não vive o sentimento de solidão. Ao contrário, Marianna percebe o choque de seu isolamento e sacrifícios ao mesmo tempo que encontra acolhimento vindo de mulheres que fizeram o mesmo:

Me dei conta de que não fui, de modo algum, a única a revirar incessantemente as entranhas de minha ilha tentando “encontrar a vida”. Também não sou a única que, em silêncio, sem saber como nem porquê, fez as malas e partiu⁸² (Agnant, 1995, p. 80, tradução nossa).

Refletindo sobre as próprias decisões, agora que consegue encontrar outras pessoas que considera semelhantes a si, Marianna percebe, mais uma vez, que não está sozinha em seus questionamentos. Até mesmo suas dúvidas potencializam seu sentimento de acolhimento a partir da ideia de que não está sozinha em sua incredulidade. Mesmo sem arrependimentos, Marianna parece olhar para o passado sem entender muito bem o porquê de uma mudança tão drástica quanto a sua longa imigração. A personagem parece entender o quão radical foi sua decisão de deixar tudo para trás e encontra nas mulheres desse grupo pessoas que compartilham do mesmo sentimento pois viveram exatamente a mesma experiência de mudança.

O grupo reúne-se e conecta-se baseado em seu passado em comum, porém as batalhas que precisaram travar e vencer para estarem em um local confortável, relembrando o

passado, por vezes parecem ser árduas demais para os membros. Alguns, ao contrário de Marianna, ainda têm filhos ou famílias que deixaram para trás, outros ainda têm negócios e assuntos não resolvidos. Devido a dificuldade de aceitar esse passado ainda presente, relembrar os eventos do passado torna-se uma experiência agri-doce:

Ninguém se atreve a julgar ou mesmo a comentar. Mas, por vezes, quando [as lembranças] pesam demais, suspiramos e dizemos em coro: “O Senhor é bom: não há oração que não tenha o seu amém! Já não está tudo resolvido agora?”⁸³ (Agnant, 1995, p. 80, tradução nossa).

Mesmo passando pela miséria e pelas dificuldades da imigração, o grupo escolhe acreditar, como um todo, que o pior já acabou. Até certo ponto, imigrar desenrolou-se como uma boa alternativa para todos, seja pelas melhores condições financeiras, seja por poder estar mais próximo da família. Relembrar que “tudo já está resolvido” é um lembrete também de que os problemas do passado não podem mais alcançá-los. Ainda que percebam as profundas mudanças causadas pelo processo migratório, a vida que levam como imigrantes ainda é encarada como uma vitória.

O grupo entende a problemática das próprias recordações de maneira tão pessoal que a falta de julgamento funciona como um acordo silencioso entre eles. Seus encontros são compostos por momentos em que podem desabafar e questionar a si mesmos sem temer como serão percebidos, visto que estão todos entre iguais. Recontar essas histórias, por mais dolorosas que sejam, é a forma que encontram de refazer e reconectar a si mesmos. Marianna afirma:

Estas histórias que sempre repetimos, semana após semana, por necessidade de sentir as mãos quentes e vivas das nossas companheiras nos reconfortando, podem assemelhar-se a tantas outras que conhecemos, que as nossas mães, irmãs e tias viveram ou que nos contaram, mas, desenroladas dessa forma, já não parecem histórias anônimas. Tornaram-se um modo de vida, nos permitindo exorcizar um passado de miséria e nos agarrar ao que há de bom nesse passado⁸⁴ (Agnant, 1995, p. 80, tradução nossa).

As histórias que contam ou que ouviram, sobre si e sobre eventos que presenciaram, é a forma que encontraram de se reconhecerem em meio ao caos da imigração. O ato de ativamente relembrar as histórias ancestrais que lhe foram contadas ao longo dos anos, mesmo que não sejam histórias pessoais, torna-se parte da identidade dos que o praticam. O grupo baseia seu vínculo em uma reconstrução identitária e em um olhar otimista sobre o passado. É a fé de acreditar que o pior ficou para trás que os permite encarar o vínculo ancestral que partilham com o Haiti de forma calorosa. A (re)construção e a negociação identitária é o fator essencial que os une.

9. RETORNO AO LAR: IMIGRANTE EM SUA PRÓPRIA TERRA

9.1 O deslocamento de *Là-bas*.

Ao longo dos anos vivendo como imigrante, Marianna testemunha diversas mudanças na percepção de si mesma. Sua presença no Canadá inicialmente era encarada como essencial, mas, com o tempo, o grau de necessidade foi diminuindo de maneira proporcional ao crescimento da neta. Sua imigração torna-se então útil, depois conveniente, e após a adolescência de Sara, a personagem percebe que a sua estadia no estrangeiro transformou-se numa experiência incômoda. Mesmo após vinte anos, o sentimento de não pertencimento é parte constante da rotina de Marianna, e, após perceber o declínio da necessidade de assistência constante na vida de Sara, o principal motivo pelo qual imigrou, a personagem decide que seu momento de retornar ao lar no Haiti chegou.

Marianna sempre alimentou diversos questionamentos sobre sua permanência no Canadá, embora a necessidade de estar perto da neta e o vínculo que formaram fossem os catalisadores que a mantiveram longe por vinte anos. Ainda assim, a personagem nunca escondeu sua vontade de partir, e afirma: “Eu sempre soube, desde o dia em que cheguei, que estava de passagem. Eu quis assim, vou retornar para casa”⁸⁵ (Agnant, 1995, p. 113, tradução nossa). Assim que decide realmente retornar à sua terra natal, o primeiro obstáculo que precisa enfrentar é a resistência de Giselle e Sara. Após apresentarem algumas conversas, que apontaremos mais adiante, as duas concordam com a decisão.

A personagem deixa o Canadá e refaz seu caminho até o Haiti cultivando a esperança de sentir-se em casa. A euforia do retorno preenche Marianna até que finalmente pouse no país e perceba que o objetivo com o qual sonhou por tantos anos tornou-se sua realidade:

A alegria do retorno começa a se desfazer. Me esforço para mantê-la. Ao mesmo tempo, penso em todas as pessoas que deixei para trás, as quais, sem dúvida, já desapareceram. Tenho a impressão de não ser mais eu mesma, me sinto mais parecida com uma múmia enfaixada, protegida de não sei qual tempestade por vinte anos, resgatada de uma viagem estranha. Temo as más recordações que, a partir do momento no qual eu entrar em contato com o país, não hesitarão em me atingir, que irão se distorcer na minha frente, se misturar, apesar de mim, apesar de todos os meus esforços, com a saudade de Sara e de Giselle. Já as sinto me invadir⁸⁶ (Agnant, 1995, p. 116, tradução nossa).

Marianna percebe, ao chegar no Haiti, ainda dentro do avião, que sua volta não será tão tranquila quanto gostaria. Imediatamente, ao afastar-se do país o qual permaneceu por um longo período, a personagem testemunha a satisfação de seu retorno ser envolta por medos e aflições, memórias de um passado com o qual há muito tempo não era confrontada. Os

fantasmas de sua história, os quais Marianna parecia não se preocupar mais enquanto vivia uma nova vida no Canadá, retornam de maneira a afugentar a ansiedade de finalmente retornar. Mais uma vez a personagem é colocada à prova, precisando esforçar-se para não se arrepender da viagem. Ao contrário do que acreditava enquanto estava condicionada ao Canadá, Marianna percebe que seu retorno, assim como sua chegada vinte anos antes, dessa vez alimentada com expectativas muito maiores, não será só de alegrias.

Os questionamentos da vida como imigrante de Marianna continuam presentes mesmo em sua própria terra. Sua memória, a maior aliada que cultivou ao longo de todos esses anos, parece agora virar-se contra si mesma, obrigando-a a reviver a lembrança de pessoas as quais ficaram para trás e que já não estão mais vivas. Marianna é confrontada pelos fantasmas da imigração, e, a partir desse embate, perde a clareza da identidade a qual construiu enquanto mulher imigrante. A personagem relata que não tem mais certeza de quem é ao começar a entender quantas coisas mudaram.

Seu questionamento identitário recomeça a partir do momento em que abandona, mais uma vez, a vida que leva, a sociedade em que vive e as influências que sofre. Antes mesmo de sair do avião, Marianna percebe que não é mais a mesma pessoa e que não encontrará mais os mesmos conhecidos, nem os que deixou no Haiti, nem os que deixou no Canadá. A personagem, depois de vinte anos reconstruindo a si mesma, buscando se compreender e se reconhecer em um contexto adverso e solitário, assiste todo o processo de negociação recomeçar. A percepção de que as coisas mudaram e estão completamente diferentes começam a partir das lembranças dos falecidos e estendem-se até a paisagem:

É possível sentir o calor subir do chão e entrar no avião cuja porta acaba de abrir. Os braços do sol estão bem abertos. As palmeiras balançam como se estivessem muito cansadas e fossem obrigadas a estar ali. De repente, me sinto como se estivesse num cenário de filme, num lugar que nunca vi antes. Tenho também a estranha sensação de voltar a ser uma menina⁸⁷ (Agnant, 1995, p. 117, tradução nossa).

Contrastando com o frio intenso que viveu no Canadá, a personagem destaca a diferença de temperatura a partir do momento em que sente o calor irradiar para dentro do avião, antes mesmo de sair de sua poltrona. Assim como descreveu a paisagem de maneira simbólica para representar o próprio humor e isolamento durante seu primeiro inverno no Canadá, Marianna recupera o hábito, traçando um paralelo discreto entre as árvores que pedem misericórdia à Deus enquanto congelam no inverno, pegadas de surpresa pela neve, e as palmeiras que parecem estar exaustas, obrigadas a permanecer no sol.

A dificuldade de reconhecer o país à primeira vista transporta Marianna para um cenário o qual considera surreal. Após anos idealizando o momento de sua chegada, a

personagem alimenta e carrega consigo vinte anos de expectativa, as quais são imediatamente confrontadas com uma realidade diferente e inesperada. Seu tão amado país, local que cultivou em sua memória por tanto tempo, não existe mais. Marianna depara-se com um território completamente desconhecido, o qual não condiz com suas lembranças, nas quais depositou tanta confiança.

O primeiro impacto identitário que a personagem enfrenta é a vulnerabilidade da desilusão. Marianna baseou sua identidade de imigrante em um posicionamento essencialista que dependia de um passado composto por eventos compartilhados com outros habitantes do mesmo país. Ao retornar, percebe que, na verdade, o passado em comum já não existe mais pois o país não permaneceu o mesmo e as pessoas com as quais compartilhava os eventos já não vivem mais. A quebra de expectativa transforma-se em questionamento identitário e aniquila todas as certezas que Marianna carregou, alimentou e transmitiu ao longo dos vinte anos que passou longe de casa.

Ao ser confrontada pelas incertezas de não saber mais de si mesma, visto que tudo o que conhecia era baseado em um país que ficou vivo apenas em seu imaginário, Marianna adquire a vulnerabilidade de uma criança. Sente-se como uma jovem, descobrindo o mundo mais uma vez, sem saber qual destino irá tomar. O choque identitário é maior do que quando partiu pela primeira vez e a própria personagem reconhece o fato:

Pela primeira vez na minha vida, penso: “Quem sou eu?”. Dentro de mim, uma voz irônica responde: “Não sei, já não sei mais”. Um pouco assustada, descubro que já não sou exatamente eu mesma. Talvez seja uma aventureira, que chegou aqui sem saber muito bem como...⁸⁸ (Agnant, 1995, p. 117, tradução nossa).

Em nenhum momento ao longo de sua passagem pelo Canadá, Marianna perdeu a noção de si mesma. Por maiores que fossem seus questionamentos internos, a personagem sempre soube quem era e qual era o seu objetivo longe de casa. Suas dúvidas e negociações identitárias ocorreram, em sua maioria, com o objetivo de acrescentar novas características, adaptar costumes, propor uma nova visão de mundo e dos fatos com os quais era obrigada a conviver e não com o propósito de redefinir a si mesma. O impacto de seu retorno desloca todas as certezas que a personagem construiu sobre o que realmente é e quem se tornou.

As certezas que Marianna utilizou para alicerçar sua identidade enquanto estava no Canadá são confrontadas a partir de mudanças reais e inesperadas. Para a personagem, é impossível não notar as mudanças e não questionar a si mesma. A partir dessa onda de incerteza repentina, Marianna se volta para dentro de si mesma, lançando mão de um recurso que desenvolveu com Sara e que transformou em hábito: contar histórias fictícias usando elementos do presente. Ao sentir o deslocamento identitário, a oscilação das certezas que

antes considerava fixas, a personagem usa os eventos que viveu em seu passado, substituindo Aïda e usando o que aprendeu com Sara para auxiliá-la na compreensão do presente. A partir disso, Marianna inicia uma narrativa baseada em sua chegada utilizando a figura de uma “aventureira”, alguém sem destino que chega até onde está sem saber exatamente o porquê. Dessa forma, assim como fez no passado, a personagem começa a negociar sua identidade, conciliando quem se tornou no Canadá e quem ainda irá se tornar a partir das mudanças que encontrar no Haiti.

Quando decidiu retornar, a personagem recebeu vários conselhos contrários à essa viagem. Diversas pessoas além de Giselle, tentaram intervir em sua decisão, argumentando que o Haiti não é mais o mesmo, utilizando o agravante da situação sociopolítica precária do país como argumento. Até mesmo Charles, marido de Denise, filha de Chimène, que acabara de chegar de uma visita ao país, tenta aconselhar a personagem para que não retorne. Ele relata: “Enfurecidos como estão, podem, sem qualquer consideração pelos seus cabelos brancos, te prender, arrastar para as suas prisões imundas, te torturar das piores maneiras e desaparecer com você para sempre”⁸⁹ (Agnant, 1995, p. 118, tradução nossa). Mesmo assim, decidida em viver o que considera seus últimos anos no país onde nasceu, Marianna não se deixa levar por opiniões alheias e segue seu plano. Infelizmente, logo descobre que os conselhos estavam certos.

A personagem começa a sentir-se insegura quanto à sua decisão no momento em que o avião pousa e sua identidade começa a ser questionada, mas seu primeiro contato oficial com as pessoas do país se dá na alfândega. É conversando com o oficial que a personagem realmente vive o estranhamento e o medo da insegurança política do país. O oficial parece não entender como Marianna ficou tanto tempo sem retornar e a questiona de maneira agressiva. A personagem relata sua vulnerabilidade:

Não consigo ver seus olhos. E que maneira de se dirigir a mim! “Onde está a sua bagagem?” Entrego-lhe a minha única mala. Ele a arranca da minha mão. “Acha que tenho tempo a perder?”

[...]

— É a sua primeira vez no país?

— É a minha primeira vez retornando ao país. —destaco bem as sílabas. Apesar dos meus receios, não me deixo impressionar— A primeira e a última, veja meus cabelos brancos.

[...]

— E porque é que nunca voltou antes? O que é que te desagradava tanto no nosso país? —Faço o que me recomendaram, não respondo. Ele parece se esquecer que eu conheci este país muito antes dele⁹⁰ (Agnant, 1995, p. 118, tradução nossa).

Primeiro, o choque identitário. Logo em seguida, o choque cultural. Apesar de nativa, Marianna passou vinte anos distante da cultura do país, a qual seguiu sofrendo

alterações com o tempo de acordo com as interferências políticas e a situação econômica do país. O tratamento que recebe do oficial da alfândega não choca nenhum dos outros passageiros ou trabalhadores que estavam em volta presenciando a situação. Ser tratado dessa maneira, nessa nova cultura que se instalou no país, é visto como normal, um evento corriqueiro. Aos olhos de Marianna, mais um choque.

A personagem constata, com grande desprezo, que está sendo tratada como uma estrangeira. Ao ser questionada sobre os motivos pelos quais nunca retornou antes, Marianna reencontra a mesma rejeição que viveu durante vinte anos no Canadá: a rejeição do não pertencimento. O oficial não a reconhece mais como nativa, como alguém que nasceu, cresceu e ainda é desse local, o qual sonha tanto em rever. Seu primeiro contato com a própria terra se desenrola baseado em rejeição e incerteza acerca da própria identidade.

A falta de respeito que sofre do oficial, que nem mesmo leva em consideração a sua idade avançada, é um fator que alavanca seu medo ao perceber que, apesar de sua certeza e do desejo de retornar, pode ser percebida como alguém que não pertence mais neste lugar. A nova cultura que presencia demonstrada na violência sofrida é mais um fator que a leva ao questionamento identitário, iniciado a partir de sua chegada. A personagem não entende, e, no seu íntimo, não aceita o que está acontecendo, mas precisa se calar lembrando os conselhos que recebeu. Apesar disso, Marianna revela que seu medo não está diretamente relacionado ao que podem fazer com ela:

[...] não o medo de acabar numa cela, mas sim, como posso dizer, o medo de não poder voltar de vez. Medo de que me digam que não posso entrar, que já não pertenço aqui, medo de que a minha esperança se desfaça sob as botas desse canalha⁹¹ (Agnant, 1995, p. 118, tradução nossa).

O medo que sente não está relacionado à própria integridade física. Marianna não se preocupa com a possibilidade de ser presa ou agredida, mesmo que esses eventos sejam completamente possíveis ao combinarmos o que ouviu dos amigos sobre o país antes de viajar e a agressividade do oficial. Ao ser tratada com tamanha aspereza, Marianna lembra os conselhos que recebeu e os encara com menos incredulidade. Mesmo assim, seu temor está quase unicamente relacionado ao desejo de rever o país. A personagem teme que, após vinte anos longe, seja impedida de entrar devido à impaciência e desprezo de terceiros. A possibilidade de reencontrar a si mesma, de reviver experiências e reconhecer lugares está perto mas não de maneira convicta.

Ignorando a chance de ser presa e vivendo um incômodo relacionado à própria identidade, Marianna parece necessitar ver com os próprios olhos o país que deixou para conseguir reencontrar a si mesma. Com os inúmeros questionamentos, proferidos tanto por si

mesma quanto pela alfândega, a personagem vive o choque identitário de maneira visceral. Não basta os obstáculos que encontrou nos elementos à sua volta, ao ser interrogada, Marianna enfrenta mais um obstáculo imposto por uma pessoa alheia à sua condição pessoal e é a partir dele que revela seu verdadeiro medo: o de não ser reconhecida, ter sua identidade negada de forma definitiva.

Marianna segue os conselhos que recebeu e não alimenta as provocações que ouve. Apenas após uma intervenção de um outro passageiro é que a personagem consegue ser liberada. Mesmo não sendo reconhecida pelo oficial da alfândega como pertencente ao local, Marianna sai do aeroporto com o único objetivo de ir para casa. Ao longo do percurso, relata:

Os meus olhos tentam redescobrir a paisagem que deixaram para trás há vinte anos. Questiono [o taxista] em vão para decifrar os sinais que já não reconheço. Apalpando meu caminho, como um cego assustado, o meu coração tenta encontrá-las, senti-las. Mas aqui, apesar do mar, apesar do céu, há uma outra alma que não reconheço, uma alma atormentada que invadiu o que resta deste país⁹² (Agnant, 1995, p. 119-120, tradução nossa).

Ainda na Capital, a experiência de estranhamento se prolonga, agora com a cidade do lado de fora do aeroporto. Até chegar na própria residência, Marianna acumula inquietações que parecem não cessar. A personagem é capaz de reconhecer os elementos principais, os quais sempre usou como referência ao longo de sua imigração, neste caso o céu, o mar ou até mesmo o calor. Apesar disso, Marianna parece não conseguir ignorar uma mudança profunda do país, a qual não sabe exatamente explicar o que é. O relato de que uma “alma atormentada” tomou conta do país é uma opinião que Marianna passa a partilhar com aqueles que a alertaram ainda no Canadá.

Durante a breve conversa que tivera com Charles, o marido de Denise, ele a adverte sobre o estado precário em que a vida se desenrola em *là-bas*, mas também sobre a mudança cultural do lugar. Não reconhecer essa nova essência com a qual se depara está relacionado diretamente ao choque cultural que a personagem enfrenta de maneira contínua. Em sua narração, Marianna destaca uma fala de Charles quando descreve o local: “Tudo parece tão degradado, tão velho e desbotado. ‘O país é como um túmulo a céu aberto’, dizia Charles. Eu não queria ouvi-lo”⁹³ (Agnant, 1995, p. 119, tradução nossa). Ao apontar que essa nova natureza, a qual alterou o âmago do país e assombra “o que resta”, Marianna aproxima-se da opinião de Charles.

A personagem busca reconhecimento nas memórias “com o coração”, mas parece não encontrar nenhuma realmente significativa. Apesar de, em um primeiro momento, resistir à opinião severa do homem, Marianna termina por concordar com ele ao presenciar com os próprios olhos o que o país se tornou:

“As ruas do seu país não reconhecem o som dos meus passos”, disse eu. Mas agora quase não reconheço as ruas daqui, talvez o país também tenha perdido todo o rastro da minha memória.

Este país —este tûmulo, já não sei mais— mexe profundamente com as minhas entranhas. Impaciente, observo tudo e sinto nascer em mim uma estranha paz, uma oração, como uma onda, poderosa e afável. Obrigado, obrigado Deus, por ter restaurado isso... também. Nesse momento, gostaria tanto de segurar a mão de Sara e partilhar com ela esse magnífico presente que a vida me deu⁹⁴ (Agnant, 1995, p. 119, tradução nossa).

Aproximando-se cada vez mais da opinião de Charles, a qual havia imediatamente desconsiderado no início, Marianna repete suas palavras ao comparar o país com uma sepultura. A comparação transforma o local que considerava seu lar em um mausoléu de memórias, um mausoléu onde repousam tanto suas expectativas quanto suas lembranças. Ao invés de renovar-se e converter-se em algo inédito, o país transfigurou-se em um conjunto de esperanças frustradas, no fim de seus desejos e ambições, na ruína da base com a qual construiu a si mesma no estrangeiro.

A personagem também parece sentir um nível de reciprocidade em seu estranhamento. Da mesma forma que não se lembra de determinados aspectos do país, o país também não se lembra dela. Marianna enfrenta a sensação de choque cultural ao não reconhecer nem mesmo as coisas mais simples como as ruas, ou as sensações mais primárias como o calor intenso que imobilizou as palmeiras do aeroporto. A aversão que a personagem experiencia ao perceber essa nova cultura é como algo mútuo entre ela e os nativos com os quais cruza no caminho de volta até a sua casa.

Apesar disso, de todos os sentimentos de confusão que sente, a personagem revela que uma sensação profunda de calma a preenche, a permitindo apreciar novamente a viagem de retorno. A conexão que partilha com a própria história é tão forte que nem mesmo vinte anos de acontecimentos são capazes de atrapalhar o conforto de estar em terras familiares. Nesse momento, a personagem explicita a manutenção identitária que exerce. Sua identidade é tão profundamente alterada pelos anos que viveu no Canadá, e pela vida que compartilhou com Sara, que, mesmo recordando-se dos que já partiram, é Sara com quem Marianna deseja partilhar o momento.

Sua construção identitária se deu de forma intensa e complexa, e o estranhamento que vive é prova disso. Ao retornar, Marianna não volta a ser quem era quando deixou o país, mas, ao contrário, carrega um pouco do Canadá e das pessoas que ficaram consigo. Em determinada passagem, lê-se:

Presencio uma guerra silenciosa entre pedestres, motoristas e cães. Sorrio pensando em *Là-bas*, onde os cães são mandados para a escola para aprenderem a se comportar. Lembro de uma senhora, uma das vizinhas da Giselle, que todas as

manhãs e tardes ia passear com um cãozinho com quem ia falando ao longo do caminho. Era, sem dúvida, uma fêmea, com fitas e um pequeno casaco. Uma das amigas de Sara lhe disse que os cães daqui estão tão cansados da vida que ficam no meio da rua para se matarem⁹⁵ (Agnant, 1995, p. 120, tradução nossa).

Conforme as horas de viagem dentro do país se desenrolam, a personagem deixa de apenas chocar-se com a diferença entre sua memória e a realidade. Marianna passa a ativamente comparar Canadá e Haiti e uma dessas comparações é feita a partir dos animais. A personagem relata que, ao observar as ruas do Haiti, os animais disputam lugar com os motoristas e pedestres, acumulando-se nas beiras das estradas ou perto de dejetos (Agnant, 1995, p. 119). A partir disso, observando as ruas por mais tempo, Marianna resgata a memória de uma vizinha de Giselle que criava o cachorro de uma forma humanizada, até mesmo vestindo-o com roupas de frio e conversando com o animal enquanto passeavam na rua.

O ato de resgatar memórias, não mais do Haiti ou da avó Aïda, mas memórias do Canadá, as quais usa para explicitar seu desconforto com os eventos que presencia, é uma característica da manutenção identitária que Marianna pratica inconscientemente. Agora sua referência não é mais um passado distante, de um tempo longínquo, no qual tudo era diferente devido à falta de infraestrutura ou informação. Sua base para comparação é a memória recente do Canadá e as experiências que viveu e que alteraram a forma com a qual vê o mundo ao seu redor.

Essa mudança de referência ao fazer comparações é demonstrada também a partir do deslocamento de *Lá-bas*. Enquanto residia no Canadá, Marianna utilizava da expressão para referir-se à eventos os quais marcaram sua vida de forma definitiva mas que encontram-se distantes demais, repousados no tempo em que viveu com avó Aïda, ou para citar a casa em que cresceu e as pessoas com as quais conviveu, todas de um passado longínquo, inalcançável e inalterável. Ao retornar para o Haiti, a estrutura de *Là-bas* desloca-se em seu imaginário e, mesmo que ainda usada para enunciar eventos que marcaram sua memória, a expressão começa a referir-se ao Canadá, em um tempo contemporâneo, de uma realidade ainda hostil porém acolhedora ao mesmo tempo. *Là-bas* deixa de ser distante ou sequer inalcançável visto que grande parte das pessoas que evoca ainda são figuras presentes tanto em seu imaginário quanto em sua vida no Haiti, como Sara e Giselle, por exemplo.

Marianna pensa sobre esse novo *Là-bas* canadense enquanto confrontada com o antigo *Là-bas* haitiano. Em determinada passagem, a personagem percebe que as palavras de Giselle ainda estão ecoando em sua mente:

As palavras da Giselle martelam minha cabeça. Na véspera da minha partida, ela fez tudo o que podia para me fazer mudar de ideia. “Há alguns caminhos, Marianna, que não refazemos ao contrário”. Rapidamente, esqueço tudo isso, mas, sem saber porquê, começo a pensar na rua Champvert, a rua que dá acesso à escola pela qual, durante anos, acompanhei minha Sara⁹⁶ (Agnant, 1995, p. 118-119, tradução nossa).

O imaginário da personagem parece tentar substituir um *Là-bas* pelo outro. Ao encontrar o caos nas ruas do Haiti, Marianna pensa nas ruas do Canadá, as quais percorreu por tantos anos levando Sara até a escola. Em sua narração, a personagem encontra equivalências, equilíbrio, de forma que consiga equiparar as duas experiências assim como tenta negociar as duas identidades que carrega, uma como nativa e outra como imigrante que retornou.

A identidade de Marianna é negociada a partir dessas lembranças e equiparações das duas experiências. Após os primeiros impactos e rejeições, a personagem aos poucos vai (re)adaptando-se ao mundo ao seu redor, semelhante àquele conservado em seu imaginário e completamente novo ao mesmo tempo. Passada a fase de estranhamento inicial, Marianna não faz juízo de valor em suas comparações. Para a personagem, os anos que passou vivendo no Haiti sob a tutela de avó Aïda e os anos que passou no Canadá sob a companhia de Giselle e Sara, tornam-se um.

Alicerçada nessa fusão, Marianna começa a moldar sua nova identidade, uma a qual combina tanto passado quanto presente, Haiti e Canadá, a Marianna de Aïda e a Marianna de Sara, completa em sua dualidade. Quando finalmente chega em sua residência, a personagem afirma: “Verá que de velha só tenho os cabelos, todo o resto é novo porque hoje eu renasci”⁹⁷ (Agnant, 1995, p. 120, tradução nossa). Assim, Marianna faz as pazes com todas as camadas dentro de si, todos os fragmentos os quais utilizou ao forjar a resiliência necessária para fazer de si mesma uma sobrevivente. Após vinte anos de imigração, Marianna começa uma nova vida, a partir de uma nova perspectiva, mais uma vez.

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de uma perspectiva migrante, *La Dot de Sara* (1995) de Marie-Célie Agnant denuncia a mutável condição de uma existência condicionada à uma fronteira de não pertencimento. Através dos olhos de Marianna, somos levados a compreender as nuances de uma vida marcada por estranhamentos, indagações e negociações a respeito da própria realidade e do entendimento de si mesmo.

A obra retrata diversas mulheres imigrantes que encaram os desafios de uma vida em um país distante e, por vezes, hostil, cada uma à sua maneira. Por meio do posicionamento de Giselle, o leitor é impulsionado a ver a perspectiva do imigrante que parte sem olhar para trás, com o único objetivo de transformar a si mesmo, abandonando tudo o que for necessário para se reinventar. A partir do posicionamento de Chimène, o interlocutor entende a vivência do imigrante como quem vive o presente sem esquecer de si mesmo, de seus valores e limites, não importando quais as circunstâncias. Por sua vez, Marianna revela a vivência do imigrante vulnerável, aquele que, mesmo sabendo quem é, não deixa de questionar a si mesmo e moldar-se de acordo com as necessidades. A literatura de Marie-Célie Agnant nos permite vivenciar a identidade migrante sem mascarar sua complexidade e pluralidade.

Atuando como ferramenta indispensável na escrita de mulheres negras, a literatura migrante oferece um espaço seguro para que as autoras sejam capazes não somente de denunciar as negociações identitárias, voluntárias ou involuntárias, que sofrem ao longo da vida, mas entrega em suas mãos o controle da própria narrativa. É a partir da visão de autoras como Marie-Célie Agnant e de obras como *La Dot de Sara* (1995) que a literatura captura a pluralidade da existência de mulheres negras e imigrantes, focalizando sua coragem de ser vulnerável mas não indefesa.

REFERÊNCIAS

- AGNANT, Marie-Célie. **La dot de Sara**. Montreal: Les Éditions du Remue-Ménage, 1995.
- AGNANT, Marie-Célie. Breaking the Silence: An Interview with Marie-Célie Agnant. [Entrevista concedida a] Patrice J. Proulx. **Québec Studies**, v. 41, p. 45-61, 2006.
- AGNANT, Marie-Célie. **La légende du poisson amoureux**. Montreal: Mémoire d'encrier, 2003.
- AKHTAR, Salman. The Immigrant, the Exile, and the Experience of Nostalgia. **Journal Of Applied Psychoanalytic Studies**, [s. l], v. 1, n. 2, p. 123-130, abr. 1999
- ANDRADE, Everaldo de Oliveira. **Haiti: dois séculos de história**. São Paulo: Alameda, 2019.
- BARREIRO, Carmen Mata. Nathalie Prud'homme, **La problématique identité collective et les littératures (im)migrantes au Québec** (Mona Latif Ghattas, Antonio D'Alfonso et Marco Micone), Québec, Éditions Nota bene, 2002, 174 p. (Études.). **Recherches Sociographiques**, [S.L.], v. 44, n. 3, p. 564, 2003. Consortium Erudit. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.7202/008211ar>. Acesso: 07. jun. 2021.
- BARREIRO, Carmen Mata. Le moi femme - le nous histoire:: voix et vies dans l'oeuvre de marie-célie agnant. **Revue Des Lettres Et de Traduction**, Liban, v. 1, n. 7, p. 361-374, jan. 2001. Anual.
- BEATRIZ, A.; GONÇALVES, R. **A escrita migrante da Haitiana Marie-Célie Agnant e da Uruguaia** **Cristina Cabral**. [s.l: s.n.]. Disponível em: http://www.fg2010.wwwc2017.eventos.dype.com.br/recursos/anais/1277916332_ARQUIVO_TrabalhoAnaBeatrizGoncalves.pdf. Acesso em: 7 maio. 2023.
- BERBEL, Marcia, MARQUESE, Rafael & PARRON, Tâmis. **Escravidão e política: Brasil e Cuba, c. 1790-1850**. São Paulo: Hucitec, 2010.
- BOBB-SMITH, Yvonne. **I know who I am: a caribbean woman's identity in canada**. Toronto: Women's Press, 2003.
- BRODSKY, Joseph. **Sobre o exílio**. Belo Horizonte: Âyiné, 2016.
- BOUCHER, Colette. **L'effet parole chez Maria-Célie Agnant**. In: BOUCHER, Colette & SPEAR, Thomas C. Paroles et silences chez Marie-Célie Agnant. Paris: Karthala, 2013.
- CANADÁ encontra 750 corpos em internato para crianças indígenas. Veja, 2021. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/canada-encontra-750-corpos-em-internato-para-criancas-indigenas>. Acesso em 17 de jul. de 2023.
- CAMPOS, Luciene Lemos de; RODRIGUES, Luciano. Migrantes e migrações: entre a história e a literatura. **Albuquerque: revista de história**, [S.L.], v. 3, n. 5, p. 33-49, 22 jun. 2017. **Albuquerque: revista de historia**. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.46401/ajh.2011.v3.3968>. Acesso: 14. jun. 2021.

CAMPOS, L. B. **Clémence Boulouque**: A narrativa de filiação como escrita do trauma. *Matraga - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ*, v. 24, n. 42, 15 dez. 2017.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. Literatura de imigração e literatura de exílio: realidades e utopias. *Revista de Crítica Literária Latinoamericana*, [S.L.], v. 23, n. 45, p. 67, 1997. Disponível em: JSTOR <http://dx.doi.org/10.2307/4530892>. Acesso: 14. jun. 2021.

CHANCY, Myriam J. A.. **Searching for Safe Spaces**: afro-caribbean women writers in exile. Philadelphia: Temple University Press, 1997.

CHARTIER, Daniel. **Les origines de l'écriture migrante**: L'immigration littéraire au Québec au cours des deux derniers siècles. *Voix et Images*. v. 27, 2006. p. 303-316 Disponível em: (3) (PDF) Les origines de l'écriture migrante. L'immigration littéraire au Québec au cours des deux derniers siècles (researchgate.net) Acesso: 07. jun. 2021.

CHRISTIAN, Barbara. **Black feminism criticism**: perspectives on black women writers. Oxford: Pergamon Press, 1985.

DAVIES, Carole Boyce. **Black women, writing and identity**: migrations of the subject. London: Routledge, 1994.

DIASPORA ENGAGEMENT. [s.l.: s.n.]. Disponível em: https://www.icmpd.org/file/download/52571/file/EUDiF_Regional%2520Overview_LAC%2520%2528v.3%2529.pdf. FRANK, Søren. **Migration and literature**: Günter Grass, Milan Kundera, Salman Rushdie, and Jan Kjærstad. London: Palgrave Macmillan, 2008.

GADSBY, Meredith M.. **Sucking Salt**: caribbean women writers, migration, and survival. Columbia: University Of Missouri Press, 2006.

GANGULY, Keya. Migrant identities: personal memory and the construction of selfhood. *Cultural Studies*, [S.L.], v. 6, n. 1, p. 27-50, jan. 1992. Informa UK Limited. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/09502389200490021>. Acesso em: 14. jun. 2021.

HALDEMANN, Verena. Posfácio. In: AGNANT, Marie-Célie. **La dot de Sara**. Les Éditions Remue-Ménage, 2002.

HALL, S. Cultural identity and diaspora, in: RUTHERFORD, J. (org.). **Identity: community, culture, difference**. Londres: Lawrence and Wishart, 1990.

HALL, S. (org.). **Representation**: cultural representations and signifying practices. Londres: Sage/The Open University, 1990.

HAZAËL-MASSIEUX, M.-C. **Les créoles à base française**: une introduction. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/52463851.pdf>. Acesso em: 8 maio. 2023.

IRELAND, Susan; PROULX, Patrice J.. Negotiating New Identities in Québec's écriture migrante. *Contemporary French And Francophone Studies*, [S.L.], v. 13, n. 1, p. 35-43, jan. 2009. Informa UK Limited. Disponível em:

<http://dx.doi.org/10.1080/17409290802606804>. Acesso: 14. jun. 2021.

ICMPD Panorama da Migração Regional 2021 América Latina e Caribe. [s.l.: s.n.]. Disponível em: https://www.icmpd.org/file/download/51077/file/RMO_LAC_2021_PT_final.pdf. Acesso em: 16 jan. 2023.

KLAPCSIK, Sandor. Acculturation strategies and exile in Marjane Satrapi's *Persepolis*. **Journal Of Multicultural Discourses**, [S.L.], v. 11, n. 1, p. 69-83, 16 nov. 2015. Informa UK Limited. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/17447143.2015.1110159>. Acesso: 14. jun. 2021.

KUSCHMINDER, Katie. **Reintegration Strategies**: conceptualizing how return migrants reintegrate. London: Palgrave Macmillan, 2017.

KWATERKO, Józef. Ficções Identitárias no Quebec: o ponto de vista da crítica. **Interfaces Brasil/Canadá**, Porto Alegre, v. 1, n. 2, p. 107-118, 2002. Semestral. Disponível em: [v. 2, n. 1 \(2002\) \(ufpel.edu.br\)](http://v.2.n.1(2002).ufpel.edu.br). Acesso: 07. jun. 2021.

LACLAU, E. **New Reflections on the Revolution of Our Time**. Londres: Verso, 1990.

LEQUIN, Lucie. Étrangères de l'intérieur. **Interfaces Brasil/Canadá**, Rio Grande, v. 8, n. 2, p. 67-86, 2008. Semestral.

MARDOROSSIAN, Carine M.. From Literature of Exile to Migrant Literature. **Modern Language Studies**, [S.L.], v. 32, n. 2, p. 15, 2002. Disponível em: JSTOR <http://dx.doi.org/10.2307/3252040>. Acesso: 14. jun. 2021.

MARTINS, L. **Feminismo negro e interseccionalidade**: uma análise de representatividade e resistência expressas na vida e obra de elza soares. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <http://www.enecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-607/139323.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2023.

MEHTA, Brinda. **Notions of Identity, Diaspora, and Gender in Caribbean Women's Writing**. London: Palgrave Macmillan, 2009.

MELLO, A. M. L. De. Hibridação linguístico-cultural e transmissão do legado familiar em *La dot de Sara*, de Marie-Célie Agnant. **Interfaces Brasil/Canadá**, v. 19, n. 3, p. 57-69, 2019.

MERCER, K. Welcome to the jungle, In: RUTHERFORD, J. (org.). **Identity**: community, culture, difference. Londres: Lawrence and Wishart, 1990

MERCER, K. Welcome to the jungle, In: RUTHERFORD, J. (org.). **Identity**: community, culture, difference. Londres: Lawrence and Wishart, 1990.

Moodle USP: e-Disciplinas. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5755767/mod_resource/content/1/A%20produ%C3%A7%C3%A3o%20social%20da%20identidade%20e%20da%20diferen%C3%A7a%20-%20Tomaz%20Tadeu%20da%20Silva.pdf. Acesso em: 16 mar. 2023.

MOSLUND, Sten Pultz. **Migration Literature and Hybridity**: the different speeds of transcultural change. London: Palgrave Macmillan, 2010.

OFFICE, INTERNATIONAL LABOUR,. **International Migration, Racism, Discrimination and Xenophobia** [s.l: s.n.]. Disponível em: https://publications.iom.int/system/files/pdf/international_migration_racism.pdf.

PRIES, Ludger; YANKELEVICH, Pablo (org.). **European and Latin American Social Scientists as Refugees, Émigrés and Return-Migrants**. London: Palgrave Macmillan, 2019

PROULX, Patrice J.. Bearing Witness and Transmitting Memory in the Works of Marie-Célie Agnant. **American Council Of Quebec Studies**, Alabama, p. 35-53, mar. 2005.

SOUZA, I. Rodrigues de. **Transformações da economia de plantation na revolução Haitiana**: Saint-Dominique, 1790 - 1803 [s.l: s.n.]. Disponível em: https://www.snh2021.anpuh.org/resources/anais/8/snh2021/1628537227_ARQUIVO_6b41da4dfd519b65356731bd5e7c83a9.pdf.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Memória coletiva e identidade nacional**. São Paulo: Annablume, 2013.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOUSA, Juliana Patrizia Saldanha de *et al* (org.). **Devorando Vozes**: sobre literatura, identidade e memória. São Carlos: Pedro e João Editores, 2020.

TREVISAN, Carine; PINÇONNAT, Crystel (Dir.). Transmissions et Filiations. **Revue des Sciences Humaines**. Lille: Presses Universitaires du Septentrion, 2004.

VAZ, Artur Emilio Alarcon; BAUMGARTEN, Carlos Alexandre; CURY, Maria Zilda Ferreira. (Org.). **Literatura e imigrantes: sonhos em movimento**. 1 ed. Rio Grande, Belo Horizonte: FURG, UFMG, 2006, v. 1.

VIART, Dominique; MERCIER, Bruno. **La littérature française au présent**: héritage, modernité, mutations. Paris: Bordas, 2009.

WEEKS, J. **The lesser evil and the greater good**: the theory and politics of social diversity. Londres: Rivers Oram Press, 1994.

NOTAS

¹No original: *"Whatever the questions raised, however, the majority of critics associate écriture migrante with a poetics 'through which notions of movement and drifting, central to the experience of immigration, exile and cultural identity are expressed'."*

²No original : *"Le récit de l'autre(...) c'est le détour nécessaire pour parvenir à soi, pour se comprendre dans cet héritage: le récit de filiation est un substitut de l'autobiographie."*

³No original: *"The re-negotiating of identities is fundamental to migration as it is fundamental to Black women's writing in cross-cultural contexts. It is the convergence of multiple places and cultures that renegotiates the terms of Black women's experience that in turn negotiates and re-negotiates their identities".*

⁴No original: *"The question of identity for Afro-Caribbean/American women writers involves a self-definition which takes into account the multifaceted nature of human existence and of female identity. So, in all cases, it is a futile task to try to separate heritage/identity questions from say gender/identity issues. For the Caribbean-American woman writer, cultural politics have to be worked out and articulated along with sexual politics".*

⁵No original: *"Women migrants are confronted with further dimensions of discrimination. The patriarchy that defines their social identity in their countries of origin and which, as a result of internalisation, continues to condition their selfperception, is also found, in modified form, in the supposedly emancipated host country. This compounds the discrimination they experience as foreigners. The resulting search for a female identity in the face of the normative pressures of two cultures gives writing by migrant women its distinctive perspective".*

⁶No original: *"The recognition of as many identities as exist (or the inherently plural character of identity) ensures that one is not placing oneself in the oppressive position. Black feminist politics by its very nature exists right at the intersection of several issues that are located in Black women's experiences. And since experience is also ideologically produced, and Black women's experience is what Black women's writing purports to express, we are also simultaneously examining ideological, discursive positions of some Black women who are writers."*

⁷No original: *"Black women's writing (...) should be read as a series of boundary crossings and not as a fixed, geographical, ethnically or nationally bound category of writing. In cross-cultural, transnational, translocal,⁵ diasporic perspectives, this reworking of the grounds of "Black Women's Writing" redefines identity away from exclusion and marginality. Black women's writing/existence (...) redefines its identity as it re-connects and re-members, brings together black women dislocated by space and time".*

⁸No original: *"Certains membres de ma famille ont disparu sous le régime de Duvalier; des membres très proches, et c'est une famille qui a toujours été anti-Duvalieriste, de manière vraiment non équivoque".*

⁹No original: *"As is the case with other migrant writers, Agnant's literary vision — her ability to "see" other cultures and to reflect back on her own in a new way — can be perceived as transgressive, countering hegemonic conceptualizations of national identity with a more fluid, hybrid notion of the self."*

¹⁰Na entrevista: *"Agnant always felt an urgent need to construct a past for herself, to recreate "pieces of my childhood which have been taken from me." The author has affirmed that the period from nine to fifteen years of age has been lost to her, and this personal need to recapture a fragmented past seems to serve as a framing element for what she considers one of her primary missions as a writer, namely, the telling of stories that revolve around the restoration of individual and collective history and memory".*

¹¹No original: *"On peut lire ce roman de différentes façons. La meilleure étant sans doute de se laisser porter par le récit et son atmosphère particulière, pour le plaisir de lire et de relire. Et les raisons de relire sont nombreuses. En tant que sociologue, je parle ici surtout du matériau sociographique qui sous-tend ce récit et qui peut inspirer des lectures variées. Une première lecture peut se concentrer sur le vieillissement et la vieillesse. En effet, on croit parfois saisir ce que vieillir veut dire pour ces femmes, leur quête de soutien dans cette aventure solitaire. Une autre lecture porterait l'attention sur les relations mère-fille. On comprend combien ce lien entre les femmes de différentes générations est central à la vie et à la survie des familles et combien il marque la place de chacune dans le monde. Ce récit est aussi celui des rapports entre générations; la migration de ces femmes et de leurs enfants est faite de ruptures et de réorganisations qui mettent à dure épreuve le lien intergénérationnel. Elle s'inscrit de plus dans une conjoncture de très grande tension économique et*

sociopolitique en Haïti. Enfin, on peut lire ce récit sous l'angle de la culture haïtienne et du choc qu'elle subit au cours du processus migratoire. Les manières de faire et les manières de penser changent, que faut-il garder, que faut-il modifier?"

¹²No original: *Pour moi, Sara a toujours été une enfant bien spéciale. J'ai souvent dit à Giselle combien elle me rappelle ma grand-mère Aïda. Elle a tout d'elle, ses yeux de braise et de tendresse, ses cheveux en lianes qui me donnent tant de fil à retordre lorsque je dois les coiffer. (...) Elle avait aussi, dès sa tendre enfance, cette démarche décidée de petit soldat. Sara a par-dessus tout, je crois, le caractère de grand-mère Aïda. (...) Grand-mère Aïda... Giselle affirme ne pas se souvenir d'elle. "Tu veux me dire que ma fille est la réincarnation de ta grand-mère?" — Et pourquoi pas?"*

¹³No original: *"Aïda, figure-toi, outre le fait d'être ma grand-mère, "elle est ton arrière-grand-mère, l'aurais-tu oublié?" C'est elle, ma fille, qui a coupé ton cordon ombilical et l'a enseveli sous l'abricotier dans la cour, disais-je, une pointe de malice dans la voix. Elle savait bien ce qu'elle faisait, la femme Aïda, et elle avait bien raison car notre passé c'est comme la lune, n'est-ce pas? Il nous suit, il a les yeux fixés sur nous. Il est très difficile de fuir son passé, Giselle. Quoi qu'on fasse, il nous en restera toujours un peu."*

¹⁴No original: *"Il est bien possible, crois-moi, que "ta fille", comme tu dis si bien, soit véritablement la réincarnation de grand-mère Aïda. Elle appréciait tant la vie cette Aïda, qu'elle a dû ne pas en avoir son saoul. "Alors elle est revenue pour continuer à vivre à travers Sara et sais-tu pourquoi? Parce que rien ne se perd et, comme l'ont toujours dit nos vieux, et moi je ne fais que répéter après eux: 'Tout ce que tu ignores est plus grand que toi et il faut avoir la sagesse de le respecter.' Voilà!"*

¹⁵No original: *"Moi qui ai connu grand-mère Aïda mille fois mieux que celle à qui je dois la vie, je sens en Sara tant et tant d'Aïda, un peu comme un miroir dans lequel je la revois. Sara, Aïda, à travers moi, à travers toi, la même racine, le même fil, la même vie; rien ne change sous ce ciel, sauf les apparences"*

¹⁶No original: *"Sara retournée à ses jeux, le carrousel continuait à tourbillonner, avec au fond de moi, un cœur gonflé de soupirs, bourré de mélancolie et de nostalgie. J'aurais tant voulu raconter à Sara une histoire différente de celle que jadis j'entendais à longueur de journée de la bouche des clientes de grand-mère."*

¹⁷No original: *"(...) elles doivent se prosterner devant leur homme et dire 'oui monsieur'".*

¹⁸No original: *"(...) Ce qui est chez le voisin reste chez le voisin. Et sache bien que ce qui est à toi, rien ne peut te le ravir. Ni tempêtes, ni orages."*

¹⁹No original: *"Tant de fois, je me suis retenue, pour ne pas lui inventer, comme un vêtement cousu bout à bout, comme ces caracos de grand-mère Aïda, une histoire de grand-père qui un jour, avant d'être le vent, rien que le vent, était un bel arbre, celui qui tendrement avait su mêler ses racines à ma vie. Mais je n'avais à lui dire, pour parler de son grand-père, que cette phrase combien maladroite, celle que nous disions toutes, les femmes du Haut-Mombin et d'ailleurs, mes tantes, mes cousines, les clientes de grandmère et les autres: 'Nous n'avions pas de chance, oh! que nous n'avions pas de chance!'"*

²⁰No original: *"Giselle, vexée, ne répond rien. Mais je vois alors, imprégnée sur son visage, toute l'âpreté et la sécheresse de la vie qu'elle mène. Parfois je pense: Je ne me reconnais pas en Giselle. Se peut-il que Dieu m'ait joué un sale tour? Se peut-il qu'il l'ait créée à l'image d'Alphonse, cet inconnu, qui, l'espace d'un frisson à jamais oublié, avait enfoui dans mon sang ce morceau de chair abrupte?"*

²¹No original: *"Je n'aurais sans doute pas eu à trimer de la sorte pour élever la petite. Je soupirais, pensant à regret que tout cela, comme le disait souvent grandmère Aïda, n'était qu'une façade. Les maisons à véranda, les grandes galeries, les haies de lauriers-roses et de bougainvillées cachaient parfois tant et tant de choses, tant et tant d'avaries".*

²²No original: *"Invariablement m'arrivent les éclats de voix, les mêmes discussions. J'appelle alors à mon secours grand-mère Aïda, la priant de toutes mes forces de me retenir afin que je n'aille fendre à coups de balai le crâne de ce profiteur".*

²³No original: *"La vie, tu sais, n'est rien qu'un long fil que l'on tire et qui s'en va et qui revient, sans cesse, toujours le même fil".*

²⁴No original: “De grand-mère Aïda, j’apppris très tôt la couture. Ti mafî, disait-elle, un sourire au coin de ses yeux plissés, on ne sait jamais sur quelle barque naviguera notre vie demain: viens, voici comment on fait cet ourlet”.

²⁵No original: “Ah! Mercilia, une vraie champwèl. Pas de quartier, pas de pitié. Mercilia était faite de métal dur. ‘Mais qu’est-ce que vous croyez donc?’ riait-elle, la tête renversée, son madras de travers laissant échapper de grosses tresses comme des cordages, «je ne suis pas une mabonne mère mais une commerçante! C’est à la force de mes poignets que j’ai monté ce commerce!”

²⁶No original: “Lorsque vous êtes venue au monde, vos parents vous ont quand même donné un nom~! Ils n’ont pas attendu que monsieur Raymond arrive pour vous baptiser”.

²⁷No original: “Après cette tirade, la Francine nous gratifie d’un de ces cuips sonores et se renfroge, la gorge gonflée, prête à éclater sous le poids de l’indignation. Il arrive qu’elle se prenne alors à marmonner A la traka, a la traka, jusqu’à ce qu’elle se calme pour de bon et reprenne goût à la conversation”.

²⁸No original: “Moi, dit Mèmène, je pousserai bien vite ma monture avant que l’on ne m’enferme dans une de ces maisons. Comme je la connais, Denise en serait bien capable. Je n’irai vivre chez personne, ni dans aucune école pour grandmoun intatades. Ça jamais!”

²⁹No original: “De cet héritage, et de l’usage qu’en fait déjà ma petite-fille, je jouis moi aussi. Alors qu’à sa mère elle ne parle qu’en français, avec moi, Sara parle ma langue, celle de grand-mère Aïda. C’est avec ravissement que je l’entends me demander lorsqu’elle revient de l’école: Ki soloba ou kite pou mwen jodi a Ti Manm?”

³⁰No original: “Et où a-t-on jamais entendu que le café rend malade? Encore une de ces idées que tu as ramassées on ne sait où! Et toi, qu’as-tu pris au petit déjeuner pendant vingt ans, Giselle? T’en souviens-tu? Du bon café! Il était beaucoup plus parfumé que celui-ci et son arôme emplissait tout le voisinage. Du bon café bien sucré avec tes petits-beurre. Il était beaucoup plus corsé, notre café. J’essaie bien des méthodes pour en améliorer le goût et le parfum, rien n’y fait. C’est l’air du pays, on dirait; la façon et le moment choisi pour le griller aussi. Ici tout se fait tellement vite. Te rappelles-tu tout le temps que l’on mettait à préparer le café? On le faisait griller tous les samedis après-midi, vers six heures, après le marché, et Joseph venait me le piler, dans le gros mortier noir. Comment peux-tu avoir oublié Joseph? C’est lui qui sarclait la cour, allait me jeter le panier de déchets dans le ravin et, tous les samedis, il venait griller et piler le café. Tu sais que c’était un héritage de grand-mère Aïda, ce gros mortier noir. Je l’ai laissé là-bas. Je le garde pour Sara”.

³¹No original: “Sara semble vouloir remplacer jusqu’à l’odeur et le goût du café”.

³²No original: “—Il est vraiment bon, ce café, Marianna. — Merci, Ita. Je le fais dans mon filtre de Siam. C’est du café du temps longtemps, comme dit Sara. À chaque fois que j’apprends que quelqu’un part là-bas, je demande que l’on me rapporte quelques filtres. Giselle me dit qu’on peut en acheter ici dans certaines boutiques, mais je crois que ceux de chez nous sont encore les meilleurs”.

³³No original: “Dieu de miséricorde! ne me laisse pas tomber! La chambre tourne. Ma vie fond à mes pieds comme si je n’avais été qu’une statue de cire. Je vais sans doute perdre connaissance. Je file à la cuisine mettre l’eau à bouillir pour le café”.

³⁴No original: “À la manière d’un automate, je prépare le café. L’eau descend lentement sur la poudre qui gonfle, semble se rebeller mais finalement s’apaise au fond du filtre. Ces gestes quotidiens qui depuis toujours m’ont remplie d’un bonheur primitif et intense m’apparaissent aujourd’hui inutiles et dérisoires”.

³⁵No original: “Mais, depuis mon arrivée, c’est ainsi, je ne sors pas. Elle s’entête malgré tout à me monter un trousseau. Où aller? Je ne connais personne. L’Anse-aux-Mombins et la Cité des Bois-Pins sont bien loin”.

³⁶No original: “Je n’avais pas l’habitude de vivre ainsi, du matin au soir entre les quatre murs blancs d’une cage. Voilà ce à quoi me faisait penser ce quatre-pièces où nous vivions, sans balcon, sans galerie, barricadées, coupées du monde. Nous ne vivions pas dans un désert, non, pas du tout, nous étions dans un édifice de six étages qui comptait, si je ne me trompe, plus d’une cinquantaine d’appartements”.

³⁷No original: *“Un air de tristesse emplissait ce quartier trop propre, trop calme et ces rues où on pouvait déambuler pendant des heures sans croiser âme qui vive. Je me suis rendu compte que derrière les portes il y avait aussi des visages, et que tous, hélas, laissaient l'impression d'être les mêmes, hommes ou femmes, petits ou gros, identiques. Ils étaient tous fermés. Et si par hasard une de ces portes, une fraction de seconde, demeurait entrebâillée et qu'on essayait, tout comme un voleur, de jeter un coup d'œil, un visage qui ressemblait à tous les autres poussait la porte. C'étaient des visages non seulement fermés, mais aussi muets. Ils ne disaient pas bonjour. Leurs lèvres n'arrivaient pas à bouger, même pas pour répondre à un timide salut”.*

³⁸No original: *“Je pense à ma petite maison. Je me revois parfois, à la saison morte, coulant des après midis tièdes sur la galerie, avec un bon café fumant, les yeux fermés. Mais Sara, de plus en plus, lutte ferme pour faire le vide autour de moi. Comme une petite fée, elle s'applique à tout effacer de ma mémoire”.*

³⁹No original: *“Je ne peux, encore une fois, m'empêcher de penser à là-bas où nous ne prenions qu'une petite infusion de mélisse, de corossol ou de verveine pour faire descendre la honte, la peur, les chimères, la solitude... et même ces fugaces besoins d'un homme. Pour guérir tous les maux, toutes les blessures, nous n'avions pas de ces pilules multicolores qu'on achète ici comme des bonbons et pourtant... Dieu seul sait ce que nous en portions sur nos épaules”.*

⁴⁰No original: *“Tu devrais y aller, maman. Ce serait une façon de rencontrer d'autres gens, de sortir un peu. Il y aura bientôt quatre ans que tu vis ici, on dirait que tu es une prisonnière”.*

⁴¹No original: *“Couturière, de toute ma vie je n'ai jamais possédé que quatre robes, deux pour les sorties, lorsque je devais me rendre au pensionnat pour Giselle, et deux pour les autres jours. Il lui arrive aussi quelques fois de m'inviter à sortir, pour aller flâner dans les magasins». Je refuse. Quelle drôle d'idée d'aller traîner devant les vitrines, regarder ce qu'il y a sur les étagères!”*

⁴²No original: *“[...] et moi, telle une toupie, je tourne sur place, étourdie, et je me cogne aux gens. Je trouve ces grandes boutiques, que Giselle affectionne tant, si abrutissantes. Elles me donnent tout simplement le vertige. Et cette impression qu'il y a toujours quelqu'un qui vous surveille, cela me glace le dos”*

⁴³No original: *“Je découvrais là une nouvelle façon de prier. Dieu, dans les prières de Solange et de ses compagnes, n'était plus ce beau Christ barbu et décharné qui semblait implorer notre pitié. Il était plein de compassion et prêt à exaucer toutes les prières. Les femmes présentes semblaient le voir, le sentir. (...) La prière se transformait en une longue et intime conversation avec un dieu qui se trouvait présent parmi nous. Solange dirigeait le groupe. Ses paroles s'enroulaient et se déroulaient comme de longues pages interminables et douloureuses, que les autres femmes ponctuaient par des alléluias. (...) Les yeux fermés, les femmes levaient les bras au ciel et, l'une à la suite de l'autre, elles enchaînaient dans ce dialogue avec Dieu. J'éprouvais au début quelques difficultés à suivre ce rythme et à y mettre autant de ferveur”*

⁴⁴No original: *“Les arbres n'avaient même pas eu le temps de se débarrasser complètement de leurs feuilles. J'étais restée un long moment, subjuguée, à contempler ces lourds flocons qui tourbillonnaient, indifférents, avant d'aller sagement se poser sur le sol. Cette neige si belle et, à la fois, si terrifiante... Encore une fois je pensais à grand-mère Aïda qui s'émerveillait devant une fleur des champs, la rondeur d'une aubergine, une belle poule bien dodue. «Tout ce que nos yeux peuvent contempler sous ce soleil est une grâce, un cadeau du ciel», disait-elle lorsqu'on la taquinait sur ses émerveillements”.*

⁴⁵No original: *“Je trouve l'hiver vraiment très long. Et les jours sont si brefs. Le soir arrive, pressé, mais les nuits restent claires malgré tout. La neige, une immense lumière qui monte du sol... Pourtant, mon corps se recroqueville. Il ne parvient pas à accepter ce changement radical de température. Cette lumière ne peut le réchauffer. Telle une marée, le froid m'enveloppe. Giselle dit que les chutes de neige ne sont pas particulièrement abondantes cette année, quoique dans le parc je vois s'accumuler des montagnes de neige, plus élevées chaque jour. Je me demande à quoi cela ressemble en temps normal!”*

⁴⁶No original: *“Le grand parc en face de la maison où pendant l'été on voit des couples s'enlacer, insouciant, se transforme, l'hiver venu, en un cimetière d'arbres, un asile de géants vaincus par le froid. Je m'attriste en les voyant. J'imagine, contemplant leurs longs bras décharnés aux griffes nues dressés vers le ciel, qu'ils sont en train de prier, d'implorer tous les saints, pour leur demander de mettre fin à leur souffrance”.*

⁴⁷No original: *“Tante Charité te fait dire de ne pas la laisser partir sans venir une dernière fois la saluer. “Dis à la petite que j'ai déjà quitté le cercle des vivants. Il faut qu'elle revienne avant que je m'en aille”Tante Charité*

avait quatre-vingt-dix-huit ans. Elle m'appelait encore la petite. Elle est morte l'an dernier. Elle n'avait pas pu m'attendre”.

⁴⁸No original: “Sara, je crois bien, a détourné mon cœur des Mombins. Depuis l'annonce de la mort de tante Charité, j'ai l'impression de ne plus charrier au creux de ma mémoire que des fantômes. Cette année, il y a treize ans que j'ai changé de peau pour entrer dans l'ombre de Sara”

⁴⁹No original: “Je dois partir, Sara, et le temps presse. Comme dit Mèmène, je ne veux pas que mes os aient froid sous cette neige, l'hiver dure trop longtemps. J'aimerais bien dormir au chaud pour mon dernier sommeil. Il faut que tu te maries avant que je m'en aille”

⁵⁰No original: “[...] Tu me déçois. Mes yeux t'ont toujours vue tellement différente, grand-maman. — C'est que je suis déjà sur l'autre rive, ma Sara, et de là on voit les choses autrement. Ma barque est vide à présent. Je fais mes comptes aujourd'hui et je me dis qu'on aurait pu sans doute retrancher ici, ajouter par là, essayer de faire un compte tout rond, trouver une manière d'accommoder l'existence, lui mettre une âme, quoi! Tu comprends ce que je veux dire!”

⁵¹No original: “Ahurie, je la regarde. Pendant un instant je suis prise de vertige. Je dois avouer que Sara n'en finit plus de me surprendre. Elle est si différente de tout ce que j'ai connu. Le monde change-t-il tellement que je ne comprenne plus le langage de ma propre petite-fille? Il est vraiment temps que je parte”.

⁵²No original: “Aïda, qui pouvait vous cajoler à vous faire perdre la tête, tout en tenant bien serrée une badine dans les mains. Ne jamais perdre le contrôle de la situation, telle était sa devise. Maîtresse d'elle-même, elle n'élevait jamais cette voix qui filtrait de son corps comme un filet d'eau qui glisse du rocher. Elle savait où elle allait, grand-mère Aïda, elle fonçait, en un corps à corps extraordinaire avec la vie. Tout le contraire de Giselle qui se croit forte, parce qu'elle a un caractère de diablesse, colérique, et pourtant, tellement sans volonté”.

⁵³No original: “Loin de ma maison, de ma galerie, du va-et-vient de la Cité des Bois-Pins, mon anguille de vie s'étiolait. «Tu as tout ici et tu es chez toi», disait ma fille, agacée par mes remarques. «Et puis, continuait-elle — et cette phrase avait plus que tout le don de faire monter ma tension — ces gens-là ne t'ont pas fait chercher, tu n'as pas à faire de commentaires sur leur manière de vivre.» Elle ne comprenait pas, nous ne parlions pas le même langage”

⁵⁴No original: “J'avais les yeux fermés, mais je sentais sur moi le regard incrédule et furieux de Giselle. Je continuais pourtant à parler. J'éprouvais comme un besoin physique de ces souvenirs et Giselle m'en voulait de toujours parler de «là-bas», comme elle disait”.

⁵⁵No original: “Je n'avais qu'un seul but dans la vie: réussir Giselle. Mais aujourd'hui le ciel m'a donné Sara et, quelque part en moi-même, je me dis: cette enfant est ma première récompense, ma première réussite et un peu ma revanche”.

⁵⁶No original: “Je lui écrivais sans cesse, lui demandant de revenir au pays se faire soigner. Nos remèdes de bonne femme portent fruit, insistais-je. «Ne dis pas de bêtises, maman», m'écrivait-elle à son tour. Giselle n'avait que ce mot à la bouche. Tout ce qu'elle avait laissé au pays n'était que bêtises”.

⁵⁷No original: “— Quant à moi, poursuit-elle, je ne sais plus si je reconnaîtrais le parfum ni même la saveur d'une grenadine. On peut vivre sans ça, non? — Je ne sais pas. — Bien sûr que l'on peut. Il n'y a qu'à remplacer ces parfums par d'autres et le tour est joué. Tu vois, les emballages et les boîtes de jus par exemple, regarde bien, c'est écrit: “saveur artificielle”. Rien n'est irremplaçable, Marianna”.

⁵⁸No original: “‘Il faut vendre cette vieille baraque des Mombins et les terres attenantes, me dit un jour Giselle. Il n'y a plus rien à faire dans ce pays, tu le sais aussi bien que moi. Avec l'argent, je pourrai acheter une maison ici [...] avec une galerie fermée où tu pourras t'asseoir été comme hiver’ Je ferme les yeux pour ne pas exploser de colère. Voyant ma réaction, elle poursuit sur un ton mi-figue, mi-raisin: ‘On pourra toujours la laisser à Sara. Toi qui dis tant l'aimer, tu pourrais bien penser à cela au lieu de rêver continuellement à cette vieille cahute et à gâter Sara comme tu le fais’. Je ne réponds toujours pas. Dans ma gorge, les mots n'arrivent pas à se frayer un chemin et je pense: Vendre la maison de Gran'Aïda! Quelle sans vergogne cette Giselle! Comment moi, j'ai pu mettre au monde une telle personne?”

⁵⁹No original: *“C’est tout ce sentimentalisme qui vous empêche de changer, vous autres. Vous avez beau traverser l’océan attifées comme jamais, ce n’est qu’un leurre, vous restez les mêmes, car dans vos bagages vous emportez toutes vos vieilles hardes, vos vieilles pantoufles qui vous ramènent sans cesse au point de départ, dans les mêmes sentiers, et vous marchez en regardant en arrière. C’est terrible à constater, c’est agaçant et c’est dommage. Dis-moi, Marianna, est-ce que tous les gens dans cette clinique avaient besoin de connaître tes relations avec Chimène?”*

⁶⁰No original: *“Mais qu’est-ce que tu crois donc, Marianna? Espères-tu qu’à chaque fois que je rencontre l’ancienne marchande de viande, la marchande de pois, la marchande de savon, je vais me mettre à les embrasser et à les inviter chez moi? Ressaisis-toi! Les circonstances de la vie t’ont amenée à connaître Chimène jadis, mais je n’ai rien à voir avec elle, moi”.*

⁶¹No original: *“À Sara, j’ai conté les histoires de Rosette, de Mercilia, de Marie-Ange et de tant d’autres encore. Parfois, Giselle fait semblant de ne pas nous entendre. Nous savons pourtant, Sara et moi, qu’elle brûle d’envie de prendre part à la conversation. Mais elle a le jugement tellement prompt; elle prétend que nous nous sommes bâti un univers de mythes et de rêves pour fuir on ne sait trop quelle réalité”.*

⁶²No original: *“Quelquefois, Giselle n’y tient plus, elle intervient. Elle lutte, on dirait, contre un désir irrésistible de prendre part à ce monde, notre monde de femmes et de légendes comme elle l’appelle, mais c’est plus fort qu’elle, elle se rebiffe et c’est bien dommage”.*

⁶³No original: *“Et c’est ainsi que je pris l’habitude de parler à Sara, de lui “raconter là-bas”, comme elle disait le soir, en se blottissant dans mon caraco: “Grandmaman, raconte-moi là-bas au temps longtemps.” En ce temps-là, Sara allait déjà sur ses six ans”.*

⁶⁴No original: *“Les mélodies de Thézin et de la mambo Sia me trottent dans la tête depuis que j’ai exhumé pour Sara ces deux contes si beaux. Thézin, le magnifique poisson d’argent, amoureux d’une jeune fille, est tué par le père de celle-ci. La jeune fille s’est laissée emporter dans le tourbillon de la rivière pour aller rejoindre Thézin. Ces contes, ces légendes font les délices de Sara qui s’amuse à en inventer d’autres qu’elle me raconte à son tour”.*

⁶⁵No original: *“Sara partie, je m’amusais alors à jouer au “si”: si j’avais pu continuer l’école par exemple [...]. Ou encore, si j’avais eu la chance de croiser sur ma route un monsieur, comme monsieur Émile peut-être, ou Albert le notaire, celui qui possédait l’immense maison entourée de colonnades et de galeries, juste en face de l’église [...] Oui, un vrai monsieur, pas un homme quelconque”.*

⁶⁶No original: *“Qu’est-ce que Sara peut bien comprendre à toutes ces histoires? demande-t-elle. [Giselle]— Ce monde appartient aussi à Sara, c’est en quelque sorte ce que je lui laisse en héritage: mes souvenirs, poussières de vie et d’espérances. Si on ne se nourrit pas aussi de souvenirs, comment apprécier et comprendre ce que nous vivons aujourd’hui?”*

⁶⁷No original: *“Une fois à la maison, Giselle va trouver Sara: ‘Prends tes affaires, va dormir dans mon lit; Ita dort ici ce soir.’ Sara ne se fait pas prier, elle aime beaucoup ces grand-mères-trésors comme elle les appelle”*

⁶⁸No original: *“— Petit cochon disait... — Je connais par cœur le reste de la chanson, grand-maman. Et, sur un ton railleur, elle poursuit: “Pourquoi ta bouche est-elle si longue, maman? Et la mère répondait: n’est-ce pas que tu grandis, ma fille, tu verras quand viendra ton tour.”*

⁶⁹No original: *“Je vais finir par dire comme maman: tu radotes. Je t’aime tant que j’adore même tes radotages, mais je ne t’aime pas assez pour accepter de porter un voile à vingt ans et te faire entendre la chanson des cloches. Mais si la vie te prête encore quelques saisons, comme tu dis si bien, avec plaisir je ferai un enfant. Une fille. Pour nous deux. Elle s’appellera Aïda Marianna”.*

⁷⁰No original: *“Elle devenait tout chose alors, ma Sara, puis, un rien triste elle disait: ‘Un jour, grand-maman, j’écrai ton histoire, l’histoire de ta vie. Elle sera belle, tu verras.’ [...] Et elle continuait, petite sorcière: “Promis, juré, grand-maman, j’écrai ton histoire, le monde entier la lira cette histoire, alors elle ne finira jamais, elle sera éternelle, belle et éternelle”.*

⁷¹No original: *“Quand elle se relève, quelle n’est pas ma surprise de reconnaître Chimène, Chimène du Haut-du-Bac! Le Haut-du-Bac, une agglomération de cahutes qui poussaient à la faveur de la nuit, derrière la*

ruelle Pistache, un quartier où la misère avait élu domicile dans les entrailles mêmes des femmes. Un enfant sur trois y mourait avant l'âge de deux ans. Chimène était la bouchère du Haut-du-Bac, celle qui ravitaillait tous ceux qui avaient de quoi acheter plus que les pois rouges, le riz ou le maïs".

⁷²No original: "Cette rencontre avec Mèmène a complètement changé ma vie. C'est elle qui, malgré ses tourments, m'a sauvée de mon ennui. Je sentais que j'avais trouvé une compagne. Sara était grande, elle n'avait plus besoin de moi et je menais une vie dénuée de tout intérêt. Que faire de mes trop longues journées?"

⁷³No original: "Puis, petit à petit, grâce à Chimène, j'ai commencé à vivre une réalité différente, faite de choses autres que mes rêves, mes chimères comme le prétend Giselle, et les histoires que nous nous contons, Sara et moi. Débrouillarde comme pas une, pratique surtout, l'espace d'un éclair, Chimène a su trouver mille et une solutions à mon désœuvrement".

⁷⁴No original: "Mia, qu'est-ce que c'est que cette manière d'élever les enfants à présent? Ils te voient le matin, pas le moindre bonjour, ils vont se coucher, même chose. Lorsque tu les appelles, ils ne répondent pas, ils grognent: OUAINS!"

⁷⁵No original: "As-tu jamais entendu un nom pareil, pourquoi ne pouvait-il pas s'appeler Jérôme ou Jacques? Mais non, il faut qu'on leur donne des noms étrangers puisqu'on est à l'étranger. Allez comprendre quelque chose! Stoudley! Quelle idée de faire cela à un enfant! Je comprends qu'il soit tout à l'envers. Et la deuxième? Tu n'as rien entendu, elle se nomme Chacha. Et ils prétendent que c'est moi qui déforme les noms des enfants, que c'est moi qui ne sais pas prononcer"

⁷⁶No original: "Une chance qu'il y en a qui sont très gentils, bien élevés. Lorsqu'ils me répondent mal, je demande à un passager: C'est tout. Mes yeux ont déjà tant vu, Mia, est-ce que ceux qui jouent aux macaques peuvent me faire peur? Absolument pas! Je trouve toujours quelqu'un pour me dépanner dans la rue. Si je n'avais pas appris à me débrouiller, je serais devenue carrément folle, parce que je ne peux pas rester enfermée dans la maison tout le temps".

⁷⁷No original: "À propos, Mia, tu ne viendrais pas avec moi à Saint-Joseph, vendredi matin? J'ai une faveur à lui demander: — Mais je ne connais pas le chemin, Mèmène. — Ne t'en fais pas. Moi, je le connais, fait-elle d'un air triomphant. Tu penses que je perds mon temps ici, que je reste enfermée dans la maison à rêver comme tu le fais. Pas du tout! Même si je sais qu'un jour ou l'autre je vais repartir, cela ne m'empêche pas de profiter du temps qui passe en attendant. Oui ma chère, dès que j'ai une minute, lorsque Denise est en congé, lorsqu'elle ne fait pas son overtime, je file. Et rien au monde ne peut me retenir. Je sais que cela ne lui plaît pas que je sois toujours dans la rue, comme elle dit, mais je joue à celle qui ne comprend rien. Viens avec moi à Saint-Joseph, cela te fera du bien".

⁷⁸No original: "Depuis mon départ, Chimène... Je ne suis jamais retournée là-bas, depuis mon départ. Giselle ne veut pas que j'y emmène Sara et je n'ai pas envie de partir sans elle. J'aimerais tant lui montrer mon pays. Je ne perds pas espoir, je sais que cela se fera un jour. — Moi je suis arrivée ici il y a bientôt quatre ans. Mais que Dieu me prenne à témoin, je ne resterai pas. Je ne peux pas".

⁷⁹No original: "Autant de femmes, autant d'histoires, les mêmes histoires... Entre le tricot, nos parties de cartes très animées et les blagues où nous retrouvons un peu la saveur de nos pauses-galerie de là-bas, sans contraintes et sans retenue, c'est un même défilé d'existences entre deux parenthèses".

⁸⁰No original: "Jamais depuis les Mombins, je n'avais eu autant de femmes autour de moi d'un seul coup. Je me sens bien en vérité dans cette petite salle, avec toutes ces femmes qui, comme moi, sont nées des mêmes blessures, ont survécu et se retrouvent aujourd'hui, fortes malgré tout, malgré leur vulnérabilité et la précarité de leur existence".

⁸¹No original: "Je prends conscience tout à coup de l'ampleur du vide que des femmes comme Chimène et moi avons, sans le vouloir, édifié autour de nos vies. Nous avons fermé nos maisons, tourné le dos à nos habitudes, à tout notre passé et nous avons renoué le cordon ombilical avec nos filles. Tout comme moi, Mèmène est arrivée à la naissance de sa petite-fille, l'avant-dernière".

⁸²No original: "Je me rends compte que j'étais loin d'être la seule à avoir remué sans cesse les entrailles de mon île pour «chercher la vie». Je ne suis pas non plus la seule à avoir, sans bruit, sans comptes, sans trop savoir comment, ni tout à fait pourquoi, plié bagage".

⁸³No original: *“Personne ne s’aventure à juger ou même à faire des commentaires. Mais parfois, lorsqu’elles pèsent trop lourd, nous soupirons et disons en chœur: «L’Éternel est bon: il n’est pas de prières qui n’ait son Amen! N’est-ce pas que c’est fini à présent?» Il nous arrive quelquefois, sans trop savoir pourquoi, d’être prises d’une frénésie, une décharge d’émotions incontrôlables. Nous nous mettons alors à parler toutes ensemble”.*

⁸⁴No original: *“Ces histoires que nous reprenons souvent, semaine après semaine, par besoin de sentir les mains chaudes et vivantes de nos compagnes nous réconforter, ont beau ressembler à tant d’autres que nous connaissons, que nos mères, nos sœurs, nos tantes ont vécues ou qu’on nous a contées, ainsi déballées, elles n’ont plus du tout allure de racontars anonymes. Elles sont devenues une manière de vivre, qui nous permet d’exorciser un passé de misères et de nous raccrocher à ce qu’il y a de bon dans ce passé”.*

⁸⁵No original: *“J’ai toujours su, dès le jour de mon arrivée ici, que je ne faisais que passer. Je l’ai voulu ainsi, je retourne chez moi”.*

⁸⁶No original: *“Le bonheur du retour commence à s’effiloche. Lutter pour le retenir. Je pense en même temps à tous ceux que j’ai laissés jadis et qui aujourd’hui sans doute ont disparu. J’ai l’impression de ne plus être moi-même, plutôt une sorte de momie qui a été emballée, protégée depuis vingt ans de je ne sais quelle tempête, rescapée d’un étrange voyage. J’appréhende les mauvais souvenirs qui bientôt, lorsque j’aurai pris contact avec le pays, ne manqueront pas de m’assaillir, viendront grimacer devant moi, se mêleront malgré moi, malgré tous mes efforts, à ce besoin de Sara et de Giselle que je sens déjà me submerger”.*

⁸⁷No original: *“On sent la chaleur qui monte du sol s’engouffrer dans l’avion dont on vient d’ouvrir la porte. Le soleil a les bras grands ouverts. Des palmiers se balancent comme s’ils étaient très fatigués et qu’on les forçait à rester sous le soleil. J’ai tout à coup l’impression d’évoluer dans un film qui se déroulerait en un lieu que je n’ai jamais vu, jamais auparavant. J’ai aussi l’étrange sensation de redevenir petite fille”.*

⁸⁸No original: *“Pour la première fois de ma vie, je pense: «Qui suis-je?» Au dedans de moi, une voix ironique répond: «Je ne sais pas, je ne sais plus.» Un peu effrayée, je découvre que je ne suis plus tout à fait moi-même. Peut-être suis-je une aventurière, arrivée ici on ne sait trop comment...”*

⁸⁹No original: *“Enragés comme ils sont, ils peuvent, sans égard pour vos cheveux blancs, vous boucler, vous jeter dans leurs prisons infectes, vous infliger les pires tortures et vous faire disparaître à tout jamais”.*

⁹⁰No original: *“Je ne vois pas ses yeux. Et quelle façon de s’adresser à moi! «Où sont vos bagages?» Je lui tends mon unique sac. Il me l’arrache des mains. «Vous croyez que j’ai du temps à perdre? [...] — C’est la première fois que vous venez au pays? — La première fois que je reviens» Je détache bien les syllabes. Malgré mes craintes, je ne me laisserai pas impressionner. La première et la dernière — je poursuis —, voyez mes cheveux blancs.» [...] «Et pourquoi n’étiez-vous jamais revenue auparavant? Qu’est-ce qui vous déplaisait tant dans notre pays?» Je fais comme on me l’a recommandé, je ne réponds pas. Il semble oublier que j’ai connu ce pays bien avant lui”.*

⁹¹No original: *“Pas la peur de me retrouver dans un cachot, mais plutôt, comment dire, la crainte de ne pas pouvoir revenir pour de bon. Peur qu’ils me disent que je ne peux pas rentrer, que je ne suis plus d’ici, peur de voir mon espoir fracassé sous les bottes de cette canaille. Il s’agit d’une idée saugrenue mais...”*

⁹²No original: *“Mes yeux essaient de redécouvrir ce paysage qu’ils ont laissé vingt ans auparavant. Je l’interroge en vain pour déchiffrer les signes que je ne reconnais plus. À tâtons, comme un aveugle épouventé, mon cœur tente de les retrouver, de les palper. Mais il y a ici malgré la mer, malgré le ciel, une autre âme que je ne reconnais point, une âme tourmentée qui a envahi ce qui reste de ce pays”.*

⁹³No original: *“Tout a l’air si dégingué, si vieux et délavé. «Le pays est comme un tombeau à ciel ouvert», disait encore Charles. Je ne voulais pas l’écouter”.*

⁹⁴No original: *““Les rues de ton pays ne reconnaissent pas le bruit de mes pas”, je lui disais. Mais ne voilà-t-il pas qu’ici je ne reconnais presque plus les rues, ce pays aussi a peut-être perdu toute trace de mon souvenir. Ce pays — ce tombeau, je ne sais plus — me remue profondément les entrailles. Avide, je contemple tout cela et sens monter en moi, malgré tout, une étrange paix, une prière, telle une vague, puissante et bienfaisante. Merci, merci”.*

mon Dieu de m'avoir redonné cela... aussi. J'aurais tant voulu en cet instant tenir la main de Sara et partager avec elle ce magnifique cadeau que me fait la vie".

⁹⁵No original: *"Je devine une guerre sourde entre les piétons, les chauffeurs et les chiens. Je souris en pensant à là-bas où l'on envoie les chiens à l'école pour leur enseigner à bien se tenir. Je revois cette dame, une voisine de Giselle qui, chaque matin et chaque soir, sortait promener un petit chien à qui elle parlait tout le long du chemin. C'était sans doute une chienne, elle portait des rubans et une petite veste. Une copine de Sara lui a dit qu'ici les chiens sont tellement fatigués de la vie qu'ils se mettent au beau milieu de la rue pour se suicider"*.

⁹⁶No original: *"Les mots de Giselle me martèlent les tempes. La veille de mon départ encore, elle a tout fait pour que je revienne sur ma décision. "Il y a des chemins, Marianna, que l'on ne refait pas à l'envers". Je chasse vite tout cela mais, sans savoir pourquoi, je me mets à penser à la rue du Champvert, cette rue qui mène à l'école où pendant des années j'ai conduit ma Sara"*.

⁹⁷No original: *"Tu verras qu'il n'y a que mes cheveux qui soient ceux d'une vieille, tout le reste est neuf car je suis née à nouveau aujourd'hui"*.